

ALMA NOVA

(Capa de SAAVEDRA MACHADO)

DEZEMBRO, 1917
ANO II — N.º 21 a 24
Preço: 40 centávos

DIRECTORES LITERARIOS:
A. BUSTORFF
E MATEUS MORENO
DIRECTORES ARTISTICOS:
SAAVEDRA MACHADO
E NAVARRO DA COSTA
(Representando o Brasil)
ADMINISTRADOR:
F. D'ASCENÇÃO MENDONÇA
SECRETARIO:
JOSÉ REBELO

Propriedade, orgão e edição da «Biblioteca da *Alma Nova*» e *Sociedade «Amigos do Algarve»*

ALMA NOVA

Revista mensal ilustrada para resurgimento das



ARTES • LETRAS
• SCIENCIAS E DA PATRIA •
(Secções de inquerito á vida regional)

: REDACTORES:
Carlos Pimentel, José G. Murta e João Rico.

: REPRESENTANTES:
Na India: Dr. Paulino Dias — *Na Africa:* A. R. de Sousa Lopes — *No Brazil:* Ronald de Carvalho.

ASSIGNATURAS (Pagamento adiantado)

	SEMESTRE	ANNO
Portugal, Ilhas e Col.	$40	1$50
Africa e India		1$50
Brazil (moeda fraca)		6$000
Paizes da União Postal		7 frs.

Avulso, 10 centavos

Colaboração inédita e sómente a solicitada — Respeitada a ortografia dos autôres

TODA A CORRESPONDENCIA PARA A
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *Rua da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA*

EXPEDIENTE

A **ALMA NOVA** pede desculpa aos Ex.mos assinantes da sua inesperada suspensão de alguns meses, que o volume constituido pelos presentes numeros não obstante vem recompensar, permitindo-se garantir, d'hoje em diante, toda a pontualidade na saída.

Se a qualquer dos Ex.mos assinantes faltar numeros atrazados, por motivo de extravio ou mudanças de residencia, é fineza reclama-los á Administração da Revista, indicando todas as alterações a incluir nos nossos livros.

A DIRECÇÃO.

ANUNCIOS

1	pagina	8$00
1/2	»	4$50
1/4	»	2$50
1/8	»	1$50
1/16	»	1$00

Permanentes — Contrato

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres — R. do Diario de Noticias, 59 a 61 — LISBOA



ALMA NOVA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DE

Arte, Sciencias e Literatura

• • DIRECTORES • •

LITERÁRIOS:
A. BUSTORFF • E •
MATEUS MORENO • •

ARTÍSTICO:
SAAVEDRA MACHADO

Administ.: A. MENDONÇA

Ano II — Lisboa, Dezembro de 1917 — N.os 21, 22, 23 e 24

Historia da critica literaria em Portugal

QUINTA EPOCA

A critica do Realismo

I — Theophilo Braga

Com a polemica litteraria de 1864-1865 coincide o apparecimento da *Philosophie de l'art*, de Taine, obra que teve uma larga repercussão por ser a synthese brilhante de idéas geraes, já expressas e acceitas de alguns, plenamente de accordo com o espirito scientifico da epoca, e agora apresentadas com grande relevo e muito comparativa e eloquente exemplificação. Essa obra foi desde logo o breviario da esthetica da geração realista, queremos dizer daqueles espiritos educados pelo positivismo materialista, que á arte litteraria, unilateralmente, extendiam as concepções daquele — e tambem o breviario da critica, podemos dizer, porque, fazendo critica, apenas se quiz, para cada autor, para cada obra, reconstituir as causas, que Taine propuséra, como sufficientemente determinantes, remontando desse modo á génese da arte litteraria.

A geração, que se affirmára pelo divorcio do gosto romantico na polemica de Coimbra, a que temos de acrescentar quantos no seu crédo viéram militar, ainda que doutra formação espiritual e que só posteriormente hajam prestado as suas provas, teve os seus criticos. A sua influencia foi de extensão bastante reduzida, como tem sido sempre em Portugal a influencia da critica, os seus trabalhos fôram de indole, processo, intenção e valor muito diversos, mas todos elles affirmaram seus dotes e seus desejos de cultivarem esse mistér, como uma disciplina nobre e autonoma, com uma independencia que não podemos reconhecer na epoca do romantismo. Foram elles principalmente, só citando os que algum cunho pessoal e consciente proposito attribuiram á sua obra, o sr. Theophilo Braga, que applicou o positivismo á critiça, Luis Garrido, discipulo de Taine, Moniz Barreto, que distinctas demonstrações do seu gosto e criterio nos deixou, Silva Pinto e o sr. Fernandes Costa, discipulos de Camillo, Luciano Cordeiro e a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que com o seu impressionismo foi comentando ao publico português e brasileiro as novidades das litteraturas estrangeiras. Daremos de cada um destes escriptores uma apreciação do seu processo e das suas idéas criticas.

•

Pouco lido pelos que tomaram religiosamente a seu cargo o panegyrico enthusiastico deste professor, revela-se-nos totalmente diverso de espirito, de temperamento e de caracter, quando

analysamos a sua obra e discernimos o que nella pôs da sua personalidade. Não tem sensibilidade esthetica acurada, mas deu-se de preferencia ao cultivo dum districto da historia, a critica litteraria, em que qualquer que seja o methodo adoptado e por maravilhosos que sejam os seus resultados, nunca se poderá caminhar com segurança, sem o guia indispensavel que é o gosto, a reacção da nossa sensibilidade á obra de arte. Não tem vocação philosophica, como logo ao principio da sua carreira litteraria, Anthero de Quental judiciosamente lhe observou [1], e a sua *Autobiographia mental dum pensador isolado* á evidencia prova, mas construiu a sua critica sobre bases philosophicas, impregnando toda a sua obra, critica e não critica, de intenção philosophica. Daqui resultou que o espirito resequido, que pacientemente elaborou a *Visão dos Tempos*, ao fazer historia litteraria de todo olvidou a noção de valor, irmanando figuras e obras das mais desproporcionadas estaturas, esquecendo e encomiando arbitrariamente, e ácêrca de todas essas figuras litterarias, as menores, como as primaciaes, deixando de fazer critica de juizo, apreciação. Daqui resultou que, systematico até ao eschema, esterilizou a sua philosophia, crystallizando-a em formulas seccas, em caixilhos inadequaveis á materia a enquadrar. Esta negação philosophica estadeou-se logo na applicação, que fez, do positivismo á historia litteraria, uma sciencia de desenvolvimento, que elle quiz vivificar por meio dum systema obstinadamente estatico. Tendo sido adepto do hegelianismo, uma philosophia de desenvolvimento, o sr. Theophilo Braga desertou para o positivismo. O systema de Hegel, demonstração calorosa do encadeamento intimo de todas as coisas que existem, de que o absoluto não é uma identidade morta ou immovel, mas um processo de evolução, comprehendendo a propria vida e o proprio espirito, não armaria a intelligencia deste escriptor de plasticidade, de flexibilidade mais idonea para a clara inteligencia duma litteratura, encadeamento intimo de phenomenos psychicos, do que a philosophia positiva, rigida seriação num todo uno, dos quadros parciaes, por cada sciencia proporcionados? Depois Hegel exercitára largamente a sua especulação sobre a historia e a psychologia, preparando o seu methodo, dialectico para as pesquizas nesses campos. Talvez fosse o proposito de abandonar o methodo dialectico de Hegel para adoptar o experimentalismo comteano, que levasse o escriptor a fundamentar a sua critica sobre o positivismo — proposito só incompletamente, muito incompletamente cumprido, porque o estricto e severo experimentalismo não é verificavel na historia litteraria.

Já veremos, no seguimento da nossa exposição, que o sr. Th. Braga pouco applicou de positivismo á critica, porque esta doutrina pouco continha de applicavel a essa sciencia, e o que applicou não beneficiou o seu systema. Mas onde o sr. Th. Braga muito pôs de positivismo foi na disposição de espirito, com que abeirou a nossa historia litteraria, aquelle conjuncto de opiniões, sentimentos e habitos mentaes, que inconfundivelmente se imprime em todo o trabalho, constituindo o que se poderá chamar a equação pessoal do autor. Idolatra de consciencia positiva, isto é, dos *factos* materialmente considerados, execrou o mysterio, o incognoscivel, ou simplesmente o que ainda não é conhecido, porque com a sua tendencia systematizadora não pode acceitar que o espirito se detenha deante dum problema, deixando suspenso o seu veredictum. E' necessario tudo resolver de prompto, embora com soluções que o progresso dos proprios estudos ou estudos alheios tornem precarios, para que tudo se encorpore no grande quadro geral. Daqui uma congenita antipathia ao trabalho analytico e critico, á discussão, porque o criticismo póde degenerar em dilettantismo, volupia espiritual que a um positivista só inspira aversão, sedento como é de construir, sempre e sempre construir. Daqui ainda uma ancia apressada de muito fazer, de levantar o edificio, e um desdem por tudo que possa deter esse emergir da

---

[1] Outra critica judiciosa ainda mais temporã, foi a de Oliveira Martins no opusculo *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro Geral Portuguez*, Porto, 1869.

construcção acima dos alicerces, canto da sereia, émulos ou zoilos, o que lhe dá um estoicismo silencioso e forte e uma intolerancia pouco generosa. E dizemos que esta intolerancia é pouco generosa, porque não se limita a proclamar opiniões, com grande entono, mas vae até ao ataque das opiniões dos outros, queremos dizer que é uma intolerancia tão cerrada na defensiva como na offensiva. Ainda a este sentimento devemos accrescentar a pratica cuidadosa da therapeutica espiritual, que Augusto Comte praticava ciosamente, no fim da vida, quando se limitava á leitura da *Imitação de Christo* e de alguns versos hespanhoes e italianos, a «hygiene cerebral». O sr. Th. Braga tem, effectivamente, fechado o seu espirito aos progressos da philosophia — falta que seria perdoavel noutro critico que menos se reclamasse de philosopho —, da critica, da psycologia, a todas as idéas geraes, que dia a dia vão surgindo e morrendo, mas vivificando os methodos e esclarecendo recantos obscuros. Desde Augusto Comte, Pierre Lafitte, Philaréte Chasles, J. J. Ampère e um pouco Taine, tudo acintosamente desconhece o sr. Th. Braga. Ainda um cunho comteano tem este auctor na sua presumpção de tirar da historia litteraria conclusões ethnicas e politicas, em vez de mais á terra, mas tambem mais veridicamente, apenas querer que ella lhe proporcione o que só póde dar, a explicação e a avaliação duma litteratura, com os seus esclarecimentos psychologicos — repare-se que dizemos psycologicos e não ethnicos. Finalmente, definindo a disposição espiritual, com que este auctor tem exercitado a sua especialidade, relembraremos a insufficiencia do methodo positivo applicado á historia duma arte, producto em si tão incoercivel, tão sui-generis. Applicado a um romance ou a um poema, este methodo apenas dá o que deu na obra do sr. T. B.: investigação biographica e bibliographica.....

.....

.....

Vamos ver como descreve e destrinça o sr. T. B. essas origens doutrinarias da escola de Coimbra, ou mais concretamente, como explica as origens philosophicas e litterarias da poesia de Anthero de Quental, do romance de Èça de Queiroz, da historia de Oliveira Martins, e dos seus proprios trabalhos. Diz-nos que Victor Hugo, Balzac, Michelet, Vico, Hegel e Comte eram os auctores mais lidos e discutidos por essa geração, os que maior influencia sobre ela exerceram; mas, sem nos expôr o modo dessa influencia, faz uma excursão pela litteratura franceza e pela historiographia estrangeira, sem que nunca mostre o alcance desse procedimento, sequer a relação com o nosso estudo. Para a comprehensão da moderna litteratura portugueza, aquelles auctores só nos importam na medida e maneira das suas influencias, mas o sr. T. B. em parte nenhuma caracteriza, permenoriza, limita o que a esses auctores cabe na formação espiritual dos escriptores de 1865. Repetindo a biographia de Victor Hugo, em termos sobremaneira calorosos, transcrevendo uma mensagem enviada de Portugal por occasião do seu octogesimo anniversario e lembrando o modo, por que a imprensa registou e lamentou a sua morte; procedendo semelhantemente com respeito a Balzac e a Michelet, salvas as forçosas differenças; expondo as idéas de Vico sobre philosophia da historia, a esthetica de Hegel e o systema de Comte, não nos proporciona os desejados elementos de limitação da influencia desses auctores; apenas nos diz, muito esquecido do que está estudando, quem fôram esses auctores. E ainda que aclarasse essa influencia, não reconstituia sufficientemente as origens doutrinarias da Escola de Coimbra, por que nem Hugo, só por si, explica a poesia de Anthero, nem Balzac a Eça, nem Michelet a Oliveira Martins.

Entrando no estudo de João de Deus, este historiador occupa a maior parte do capitulo a esse lyrico respeitante, com a narrativa biographica, muito cortada de episodios, mas sem estudar a personalidade moral do mesmo. Na parte menor, em que propriamente estuda a obra (graça excepcional a muito poucos concedida), defende a these estranha de que João de Deus repete em si a evolução do lyrismo desde a edade média até á actualidade; lyrismo trobadoresco, muito typico na poesia *Adoração;* poesia religiosa nas *Lôas;* idealismo neo-

platonico e camoneanismo na *Vida;* mysticismo sensual no *Cantico dos Canticos.* Cita, compara, refere-se largamente á homenagem que João de Deus preparou ao nosso auctor, em discussão, com a *Maior dôr Humana*, e conclue. Não lembrarêmos as afirmações abstrusas no genero de opinião de que João de Deus, com a cançoneta *Sympathia* «unifica o genio do povo com o sentimento individual», que é talvez a maneira complicada de exprimir a opinião de que João de Deus expressa um sentimento pessoal numa forma popular; tambem deixaremos de lado affirmações infundadamente audaciosas, como a de que a fabula do *Leão Moribundo* nasceu da commoção politica de 1890, com a qual parece relacionar-se tão pouco. Chegados ao fim do capitulo, ignoramos do mesmo modo a feição litteraria de João de Deus.

Falando de Anthero de Quental, mistura os varios aspectos da sua vida e obra, mesmo os menos attingidos pelo ambito legitimo duma historia litteraria, o politico e o philosophico, faz a narrativa da biographia do poeta, tambem muito entrecortada por episodios é anedoctas e interpõe-lhe a questão de Coimbra. No estudo desta polemica litteraria, em que o mesmo sr. T. B. foi um dos principaes figurantes, procurou, como era de esperar, evidenciar os dois crédos litterarios que se digladiavam ? Longe de o fazer, transcreveu, citou, contou, pormenorizou miudamente correcções que entende deverem ser feitas na autobiographia de Anthero e antepondo á figura do poeta genial do *Hymno da Manhã* a sua propria. Este procedimento não é dum critico. Qualquer critico, ainda que não haja encanecido no cultivo deste genero de trabalhos, sabe bem qual o valor de qualquer peça autobiographica. Se já são pouco seguras as inferencias, que da propria obra se tiram, se não forem confirmadas por outras informações, menos ainda o são, quando extraidas duma peça autobiographica, em que os auctores naturalmente perdem a sinceridade e serenidade por falarem de si para um publico que os admira. Mas o sr. T. B., assim procedendo, tambem se contradiz, porque o sr. T. B. tambem se glorificou em vida, nessa peça *Autobiographia mental dum pensador isolado.* Como não estudou o caracter de Anthero, não comprehendeu as suas apparentes incoherencias, e por isso tão severo foi para com elle. Do mesmo modo que para a maioria dos auctores que figuram na sua *Historia*, a poesia de Anthero, o seu titulo de gloria, é quasi esquecido, e melhor fôra que o fosse por completo. Das *Primaveras Romanticas* ficamos sabendo que o sr. T. B. lhe *arranjou* a edição dos *Sonetos* que fôram impressos por diligencia de Oliveira Martins e que nelles ha dois contradictorios, *Consulta e Solemnia Verba.* E tudo, como tudo é o que ficou por dizer. [1]

Na critica de Eça de Queiroz — como faz a proposito de Anthero e Oliveira Martins — começa por lamentar que o romancista se não houvesse incrustado na philosophia positiva. Depois explana-se sobre as origens theoricas do realismo, faz a biografia de Eça e algumas considerações rapidas e elogiosas sobre o *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basilio*, deixando de lado os *Maias*, a *Reliquia* e o *Mandarim*, já a esse tempo publicados. Salva-se um inferencia: a predileção de Eça pelos typos caricaturaes e pelos que alguma analogia têm com a sua constituição nervosa. Oliveira Martins appareceu-lhe como um espirito desvairado, que não quiz submetter-se á disciplina

[1] Quando se publicou a 1.ª edição dos *Sonetos* de Anthero de Quental, o sr. Th. Braga, como unico professor de litteratura, no ensino superior, tinha de pronunciar tambem o seu *veredictum* e pronunciou-o. Os termos, em quo o fez, são absolutamente estranhos por se referirem a uma das obras de mais intensa e profunda emoção lyrica da nossa litteratura. Diz o critico a pag. 384 da *Era Nova*, 1880-1881, num artigo bibliographico, em que trata tambem da obra de Freitas Costas, do mesmo anno, *Filigranas*: «Tanto os *Sonetos* como as *Filigranas* são bem metrificados, tem altura de pensamento, exprimem paixões desalentadas ou cheias de esperança; mas no fim perguntamos a nós mesmos — o que falta a taes versos para que sejam verdadeiras obras de arte (?). Falta-lhes o que nos falta a nós todos: a forma e o espirito da poesia que deve corresponder ao estado da consciencia moderna.» E passa logo a falar de Byron, da Santa Alliança e Augusto Comte, a sua costumada aravía.

positivista, o salvaterio das almas. Elogia precisamente um lado fraco da *Historia de Portugal*, a descripção geographica; lamenta que Oliveira Martins não seguisse Buckle, que entre outros meritos tinha o de ser leitor de Comte, expõe as suas idéas proprias, do sr. T. B. sobre raças, sobre o municipalismo, que affirma não ser romano, attribue a opinião do historiador ácerca das origens da independencia de Portugal ao seu desconhecimento das behetrias, e como, ao seu parecer, aquelle escriptor não explicasse a persistencia de Portugal, através de tantas convulsões, expende as suas proprias opiniões sobre as origens ethnicas da nacionalidade. A proposito dos *Filhos de D. João I*, combate a lenda de D. Henrique.

Que processo é este? É comparar, aferir as idéas de Oliveira Martins pelas suas. Concordam, applaude; não concordam, emenda. A concepção historica de Oliveira Martins não nos é exposta e criticada nas suas applicações praticas; não discute as suas fontes e o modo por que dellas se utilizou; não salienta a principal innovação da obra de Oliveira Martins, a grande importancia dada ao factor economico.

Este ligeiro esboço basta para mostrar como o sr. T. B. estudando o seculo XIX da nossa litteratura, através do seu systema, o reduziu da sua verdadeira significação e valor, não o explicando e analysando cabalmente, excluindo escriptores porque se não compadecem com as suas rubricas.

Taes são os topicos principaes, que convem ter presentes, para comprehender a obra vasta e, apesar de tão defeituosa, ainda meritória do sr. Theophilo Braga — obra abundante de elementos valiosos para o estudioso, que melhor se chamaria com o titulo *Materiaes para a Historia da Litteratura Portuguesa*.

FIDELINO DE FIGUEIREDO. [1]

[1] Da *Historia da critica literaria em Portugal*, edição da acreditada Livraria Classica Editora, do ex.mo sr. A. M. Teixeira.

Paraisos

El rei Dom Diniz amava
as velidas, as fremosas;
Isabel, com mãos piedosas,
bastardos del rei criava.

Mas ambos estão na luz
imortal, na luz radiante:
ela, no céu de Jesus,
êle, no poema do Dante.

Inedito.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

João Gabriel Borkman

ELLA RENTHEIM, avec un douloureux sourire. Un cadavre et deux ombres... voilá ce qu'a fait le froid.

MADAME BORKMAN.

Oui, le froid dú cœur... Nous pouvons maintenant nous tendre la main, Ella.

HENRIK IBSEN — *Jean Gabriel Borkman.*

Ao sr. Manuel de Souza Pinto

Na lucidez da noite glacial,
Borkman sorri-se eternamente quêdo.
Do seu Reino de neve e de degredo
Nimba-o ainda o espectro auroreal.

Frotas de oiro a singrar ! oiro imperial !
Milhões entresonhados em segredo !
Quem vos levou, thesoiros de bruxedo ?
Da vida falha o resplendôr final ?...

Passa o vento, tranzido dos caminhos,
E dos *fiords* os pincaros de arminhos
Projectam-se no mar gelado e absorto,

O olhar de Ella Rentheim empalidece.
Da irmã o amor rival Gunhild esquece.
— Ei-las, já sombras, a velar o Morto !

Agosto de 1917.

ALBERTO OSORIO.

ETNOGRAFIA ARTISTICA

III

A LINGUAGEM DOS GESTOS.



Haarvedra Machado 1917.

(Com dezanove ilustrações de Saavedra Machado)

Os gestos servem não só para tornar mais viva a fala, mas para a substituir. O segundo verso do soneto tolentiniano que começa:

> Chaves na mão, melena desgrenhada,
> *Batendo o pé na casa*, a Mãe ordena
> Que o furtado colchão, fofo, e de penna,
> A Filha o ponha alli, ou a Criada [1],

mostra-nos um exemplo de um gesto que acompanha uma ordem. Se, quando desejamos responder negativamente a uma pergunta, imprimimos á cabeça movimentos rapidos de rotação, ou quando desejamos responder afirmativamente, a elevamos e abaixamos com curtissimos intervalos, ou se quando tendo de proferir uma resposta a que corresponda «eu» ou «aqui», damos palmadas no peito: empregamos gestos substitutivos da linguagem oral. Este último emprêgo dos gestos faz-se principalmente quando se comunica a distância, quando alguem se dirige a um surdo, quando se pretende evitar que outrem ouça o que se diz, e quando uma pessoa está distraída, ou não quer incomodar-se a mover os labios; certos povos selvagens chegam até habitualmente a suprir por sinaes a insuficiencia das suas frases, por exemplo as tribus mais incultas do Brasil. [1] No que toca aos gestos concomitantes da fala, uns povos usam-nos mais que outros, o que depende da feição de cada um d'estes: o Andaluz é agil e mexediço, o Inglês é taciturno. Em qualquer dos casos, visto que são linguagem,



Fig. 1

[1] *Obras*, I (1801), 57.

[1] Tylor, *La civilisation primitive*, 193, I.

os gestos exprimem pois pensamentos, sentimentos, e volições.

Ha gestos mudos, gestos sonoros ou ruidosos, estes ultimos, porém, em numero deminuto: temos gestos ruidosos, por ex., no beijo, no assobio, [1] no chôro, nas palmas, na pateada, no estalido que para indicar alegria ou surpresa se faz opondo com fôrça o dêdo polegar ao medio, de modo que, soltando-os, este venha a bater no *thénar*. [2] Do gesto passa-se facilmente para a linguagem falada, para a musica e para a dança. Em que diferem o ruido de um beijo e o som ou ruido representado pelo *p* em *pó?* Não resultam ambos de movimento dos labios? O assobio natural imita-se artificialmente num instrumento proprio; assim como é insensivel a transição da linguagem oral para o canto, assim é a do assobio labial para a musica instrumental. A dança consiste em gestos cadenciados, repetidos e exagerados.

A maioria dos gestos provém de movimentos naturais e espontaneos. Outros, ainda que possam ter ás vezes tambem essas origem, são ou tornam-se convencionais. Quando queremos alcançar um objecto que jaz perto de nós, lançamos-lhe instintivamente a mão; por isso, para chamarmos uma pessoa que está á nossa vista, mas um tanto afastada, isto é, para conseguirmos que ela se aproxime, estendemos o braço direito, e agitamo-lo para cima e para baixo, ao mesmo tempo que a mão aberta se dobra repetidamente na munheca. Eis aqui um gesto natural que se tornou convencional, mas que ainda está perto da fase automatica ou reflexa. Quando agora a tia Brásia, no cap. III do *Bem e o Mal* de Camilo, ao ver entrar um grupo de pessoas no quinteiro onde ela estava, se benze murmurando «Em nome da SS. Trindade, Padre, Filho e Espirito», observamos um gesto que tem atrás de si longo passado historico, e cuja origem fisiologica dificilmente se descortinará.

Os gestos podem classificar-se ao mesmo tempo pelos orgãos que os produzem, e pelos estados psiquicos que eles procuram traduzir. Temos, por exemplo, gestos produzidos pela cabeça (considerada no seu conjunto), pelo rosto e suas partes, pela lingua, pelos ombros, pelos braços, pelas mãos, pelos dedos, pelas pernas: d'esse modo exprimimos, v. g., operações do entendimento (atenção, meditação, reflexão), e ideias variadas, não raro simbolicamente; fenomenos da sensibilidade (prazer, dôr e todas as emoções que d'aí derivam); actos voluntarios («sim» & «não», mandado, conselho, indecisão). Assim como ha palavras que se empregam translatamente, ha gestos, por exemplo, o de benzer, ha pouco citado, o qual é na origem religioso, e póde aplicar-se para exprimir espanto.

A principal fonte para o estudo dos gestos é a observação do que se passa na vida actual; acontece porém que, pelo menos no que respeita ao passado, precisamos de recorrer tambem á literatura e á arte, investigando como é que eles tem sido interpretadas por poetas, romançistas, escultores, gravadores e pintores, que, sem intuitos didaticos, só tentaram representar com acêrto a realidade da natureza humana.

---

[1] O assobio póde ser *sonoro*, ou em *voz baixa* (e prolongada). Neste ultimo caso denota grande admiração (levanta-se concomitantemente a cabeça um pouco).

[2] O escritor brasileiro Ramiz Galvão, no seu *Vocabulário das palavras derivadas do grego*. Rio 1909, manda ler *thenár*, comquanto assente que o etimo seja θέναρ. A razão, diz ele, está em serem geralmente agudas as palavras acabadas em *-ar*, com excepção de *ámbar*, *açúcar*, *almiscar* e *alcáçar*. Não colhe esta razão, porque, ainda que não houvesse nenhuma palavra acabada em *-ar* atono, devia ler-se *thénar*, visto que a etimologia exige essa acentuação. Mas ha muitas outras palavras acabadas em *-ar* atono, e até palavras geograficas, o que mostra quão natural e popular é o processo, — por exemplo: *César*, *Óscar*, *Pômbar* (apelido: Coimbra), *Hamílcar*, *Pútifar*, *Almodôvar*, *Estómbar*, *ímpar*, *nácar*, *lácar* (a par de *lacre*), *enxôfar* (a par de *enxôfre*), *néctar*, *dóllar*. Defronte de Alcoutim fica *San-Lúcar*, que, embora palavra hespanhola, é muito repetida em Portugal, naquela zona do Guadiana. Usualmente se diz *Gibráltar* em vez de *Gibraltár*, d'onde se vê não existir repugnancia ao *-ar* atono. Se alguma tendencia fonetica pretendessemos aqui descobrir, seria, não a acentuação de *-ar*, mas a substituição d'essa silaba por *re* ou *ro*, como mostram, além do já citado *lacre*, tambem *açucre*, *Estombre*, *Césaro*, fórmas populares.

Se o estudo dos gestos é na sua essencia, sobretudo da competencia do psicologo ou do filosofo, tambem é da do etnografo, visto que, por um lado, na apreciação dos caracteres de um povo hão-de eles necessariamente investi-



Fig. 2

gar-se, e por outro lhes andam anexas com freqüencia superstições, crenças, costumes. Por isso eu me tenho ocupado do assunto, e aqui vou dar algumas amostras colhidas no campo da Etnografia portuguesa.

I. Gestos magicos

1. Uma escultura do Museu Etnologico

Num dos lapidarios do Museu Etnologico ha uma curiosa pedra calcarea, em que se insculpiu, ou quis insculpir, o busto de uma figura humana, de cabeça descoberta e barba cerrada, a qual figura, com a mão direita aberta, mete horizontalmente na bôca o index direito, como quem d'ela tira saliva e a arremessa para fóra. Tanto a parte superior da cabeça, como a parte anterior do dedo médio e do anular estão quebradas: d'este ultimo só restam as falanges. Disse eu que na pedra *se insculpiu* ou *quis insculpir um busto*, porque o que nesta propriamente se divisa é uma cara, e á direita um pulso. Junto do pulso ergue-se uma como coluna saliente, que termina em fórma de caracol; no lado esquerdo da pedra haveria um ornato simetrico, que falta, pois a pedra está aí falhada. Por baixo da cara e pulso lê-se o seguinte, em duas linhas, — letra e lingua do sec. XIV-XV: *Nīgẽ nõ me olhe e quẽ me olhar to..*, ao que se seguem na linha 3.ª vestigios de duas letras, *m* è *o*, o que completa a palavra da linha precedente, isto é, *tomo* por *tomoo = tomo-o.*[1] Ao repente a inscrição parece metrificada: dois versos com assonancias. — Vid. a fig. 1.ª.

Esta pedra, que mede de altura 0^{m},41 e de largura maxima 0^{m},65, estava no jardim do nobre *Duque de Palmela*, que teve a amabilidade de m'a oferecer para o Museu Etnologico Português.

Sem dúvida vemos diante de nós uma figura mágica, do genero das que os Gregos chamavam βασκάνια, no singular βασκάνιον, e que eram como a Esfinge, de que falei nas *Religiões da Lusitania*, III, 521-522, destinadas a evitar sobrenaturalmente que os espiritos malfazejos, ou qualquer mal, entrassem no local em que

[1] Na nossa lingoa arcaica não faltam exemplos literarios de *o* por *oo* em casos como este.

elas pousavam. [1] A saliva, como é sabido, goza de grandes virtudes. Sem desejar fazer agora grande excursão nos distritos do *Folklore*, citarei contudo alguns exemplos elucidativos, tanto mais que a tarefa me é facilitada pelos valiosos trabalhos de: Jahn, *Der böse Blick bei den Alten* [2], Sittl, *Die Gebärden der Griecher u. Römer* [3]; Tuchmann, *La fascination* [4]; Mensignac, *Recherches ethnographiques sur la salive et le crachat* [5]; G. Pittrè e outros, *Le sputo e la saliva nelle tradizioni prop. antiche e moderne* [6]; Seligmann, *Der böse Blick* [7]; Heim, *Incantamenta magica Graeca et Latina* [8]: trabalhos, que em parte são já *loci classici*, e a que adicionarei notas colhidas por mim noutras fontes, e na tradição popular portuguesa e hespanhola.

No idilio VI, 39, de Teocrito diz-se que a velha Cotyttaris ensinára Dametas a cuspir no seio, para evitar a fascinação. [9] Outra maga ensinou a Tibulo um ensalmo que ele recomendou a Delia para enganar o marido: *ter cane, ter dictis despue carminibus*, isto é, recita-o tres vezes, e cospe fóra outras tantas. [1] Conta S. Marcos que Cristo curou um surdo-mudo pondo-lhe os dedos nas orelhas, cuspindo, e tocando-lhe depois a lingua (certamente com a saliva) [2]. Outra vez Cristo curou um cego, cuspindo-lhe nos olhos, e impondo neles as mãos. [3] Plinio menciona muitas maravilhas operadas pela saliva de uma pessoa que está em jejum: contra as serpentes, a epilepsia, o mau encontro de um coxo, o mau olhado [4]. O imperador Vespasiano curou em Alexandria um cego, cuspindo-lhe [5]. Em Marcelo Empirico, chamado tambem Burdigalense (sec. V), lemos varios ensalmos em que figura a saliva: contra a gôta (pódagra), contra um argueiro que entra num ôlho, contra um terçól [6].

Quando se faz um bátizado, é tradição vetusta da Igreja Catolica que o sacerdote humedeça com saliva na sua propria bôca a extremidade do dedo polegar, e com ele toque sucessivamente a orelha direita, a esquerda e as narinas da criança, — o que é clara imitação de um dos milagres contados, como acima vimos, por S. Marcos [7].



Fig. 3

Na Inglaterra outr'ora as vendedeiras cuspiam no primeiro dinheiro que recebiam da venda de um objecto. [8] O P.e Thiers (sec. XVII-XVIII) menciona entre as superstições da sua epoca a

---

[1] Acêrca de outros usos semelhantes, vid. Tuchmann in *Mélusine*, IX, 153 ss. e 179. Cfr. Tambem *Religiões da Lusit.*, I, 117.

[2] Nos *Berichte über die Verhandlung. der kön. sächs. Gesellschaft des Wissensch. zu Leipzig*, Philol.-hist. Classe, 1855, p. 28 ss.

[3] Leipzig 1890.

[4] Na *Mélusine* (Paris), t. IX e ss.

[5] Bordeus, 1892. — Vid. a noticia bibliografica que publiquei d'esta obra na *Revista Lusit.*, V, 236-237.

[6] No *Archivio per le tradizioni popol.*, t. IV e VI.

[7] Berlim, t. I (1910) e II (ibidem).

[8] Leipzig 1892.

[9] *Poetae bucolici*, ed. de Firmin-Didot, Paris 1862, p. 15. — O costume de cuspir no seio é muito vulgar nos antigos. Cfr.: Sittl, pg. 91 e n. 6; Schul, *Superstitions et coutumes pop. du Judaïsme*, Paris 1882, p. 16, nota 4.

[1] *Elegias*, I, II, 54.

[2] *Evangelho*, VII, 32-33.

[3] S. Marcos, *ibid.*, VIII, 22-23.

[4] *Nat. Hist.* XXVIII, § 35 (ed. de Mayhoff).

[5] Suetonio, *Vespas*, cp. VII (na ed. de Pedro de Almeida, 1715, pag. 301-302). O cego alegava que Serapis lhe recomendara em sonhos que recorresse ao imperador.

[6] Os textos estão reunidos em Heim, *ob. cit.*, §§ 93, 94 e 183.

[7] Cfr. Ribeiro de Vasconcellos, *Compendio de Liturgia romana*, II, 152 e 153.

[8] In *Archivio per le trad. pop.*, VI, 252.

de escarrar tres vezes, dizendo de cada uma *pão bento*, para tirar o pó que entrou nos olhos [1].

Na Alemanha curam-se muitas doenças com saliva [2]. No mesmo país, para evitar murmuração, cospe-se no lume [3]. Os habitantes russos da Bucovina recitam nove vezes uma fórmula contra o mau olhado, e cospem tres vezes [4]. Na Bulgaria esfrega-se com os dedos molhados em saliva a testa de quem recebeu o mau olhado [5]; tambem contra o mau olhado a mãe lambe tres vezes o filhinho na fronte, recitando uma fórmula [6]. Se na Sardenha uma criança tem convulsões, a mãe cospe nela [7]. Contra a fascinação diz-se em Napoles uma reza, e cospe-se tres vezes [8]. Em França supõe-se que se cega um sapo, se se lhe cospe nos olhos [9].

Em Vila-Real de Tras-os-Montes, quando um burro se espója no chão, — a pessoa que passa, cospe nesse sitio, para não apanhar uma *trilhadura* no calcanhar. Receio analogo se tem da influencia de outros animais, havidos como nojentos e peçonhentos. Vendo-se um sapo, cospe-se (Monção). Outras vezes basta falar nele, para ter de se cuspir [10]. Não só quem fala no sapo, mas tambem na *saramela pinta*, que supondo ser a salamandra, cospe tres vezes (Vidigueira) [11]. Cospe fóra quem vê uma enfermidade, ou fala nela (Obidos). Muitas doenças se curam em Portugal com o emprêgo da saliva: o quebranto [12], a erisipela [13]. Em Cinfães curam as empigens, recitando um ensalmo, como o de Tibulo, e fazendo uma cruz de saliva sobre elas. Em várias terras do Sul



Fig. 4

o ensalmo, recitado em jejum, é: *empinge,* [1] *rabige, tanto cresças aqui, como hoje comi e bebi!* Na Ilha da Madeira, fórmula e ritual são mais complicados [2]. O efeito, se depende da cruz feita sobre a empigem com o dedo molhado em saliva, depende tambem da mentira expressa no ensalmo, visto que quem o recita não comeu, nem bebeu. E' um principio de Magia muito aplicado. Cruz de saliva faz-se vulgarmente por todo o país quando adormece um pé [3], — superstição que lembra

---

[1] Apud Mensignac, p. 90.
[2] In *Zs. für westfal. Wolksk.*, V, 107.
[3] Wuttke, *Der deutsche Volksabergl.*, 3.ª ed., § 294.
[4] Seligmann, I, 373. Tambem na Estonia: id., II, 210.
[5] Seligmann, I, 375.
[6] Tuchmann, in *Mélus.*, IX, 114-115.
[7] Sittl, p. 118, nota 8.
[8] Tuchmann, cit. revista, IX, 114.
[9] Sébillot, *Le Folklore de France*, III, 265.
[10] *Trad. pop. de Portugal*, § 280-*k*.
[11] Informação do meu aluno Lampreia Gusmão.
[12] F. Adolfo Coelho in *Rev. de sc. nat. e soc.*, III, 265.
[13] Pires de Lima, in *Rev. Lusit.*, XVII, 23.

[1] Assim ouvi a mais de uma pessoa. Influencia do verbo *impingir*.
[2] Urbano Canuto in *Rev. Lusit.*, XVII, 151. —Tambem na Italia se curam as empigens com saliva: Pittrè in *Archivio*, IV, 234.
[3] Vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 341. Depois de mim, outros indagadores se referiram á superstição:

uma de Plinio, o qual aconselha que contra a indisposição do animo se esfregue com saliva atrás da orelha [1]; cfr. tambem o que acima se transcreveu de S. Marcos. A associação da cruz á saliva é uma cristianização de crenças pre-cristans. A's vezes a superstição degenera em brincadeira: quando alguem, e em especial uma criança, se fere brandamente, ou se magôa, cospe-se-lhe na parte molestada, ou faz-se menção de se lhe cuspir. Na Hespanha pratica-se o mesmo que em Portugal, e além d'isso beija-se o lugar dorido, passa-se a mão sobre ele, e diz-se: *cura, cura, rana! Si no te curas-hoy, te curarás mañana* [2]. Outros males se evitam com a saliva. Julga-se nos arredores do Porto que na ocasião em que uma mulher se penteia, não deve deitar o cabelo fóra, sem lhe cuspir, por causa de feitiçaria que com ele se podia fazer á pessoa: o que tambem acontece na Sardenha [3]. No Sul dizem nessa ocasião ao cabelo, tres vezes: *para nada prestes!* Quando se assa um ovo, deve cuspir-se-lhe, para não estalar (Obidos). Por toda a parte, na nossa terra se crê que o congestionar-se momentaneamente uma orelha designa que estão a dizer mal da respectiva pessoa: evita-se isso, entre outros meios, molhando a orelha com saliva, «porque se atrapalha a conversa, e não podem continuar a dizer mal de nós» (Alentejo). Em Penamacôr ha num penedo uma escavação, que, segundo a lenda, foi feita por uma patada do Diabo: quem lá passa, coloca duas palhas em cruz sobre ela, cospe no cruzamento, e pousa por cima um enorme calhau [4]. E' mais uma aplicação da cruz; o calhau entender-se-ha que segura o espirito mau. Assim como a antiga medicina abusava da polifarmacia, assim o povo não se contenta com um unico agente profilatico ou curativo, nem com um só rito. Quanto maior fôr o número dos meios empregados contra o mal, maiores probabilidades existem de se atingir o alvo! Para terminar, citarei uma superstição diversa de todas as mencionadas, ainda que subordinada, como veremos, ao mesmo princípio. Diz-se na Rapa (Celorico da Beira) que não deve urinar-se na agoa, por ser o mesmo que urinar nos olhos de Nossa Senhora, mas que, se se urinar, se deve logo cuspir nela (esta concepção da agoa é um vestigio de cultos pagãos).

Consta dos exemplos citados que a saliva actua nuns casos como curativa, e noutros como preservativa. A escultura do Museu Etnologico pertence ao segundo grupo. O escultor, no modo como desenhou a figura, pensou que representaria com clareza o acto de cuspir fóra. E' pouco mais ou menos como ao vivo se faz no condado de York: para se evitar o mau olhado, coloca-se o dedo indicador da mão direita sobre o labio inferior, e cospe-se nele. [1] Tambem entre nós os rapazes, quando andam a brincar e querem averiguar se algum d'eles cometeu certo roubo, metem o dedo indicador na boca, estando a mão aberta, com a palma para fóra, e cospem para a cara dos mais: se a saliva cai nestes, foram eles que roubaram, e vão para o inferno; se cai no chão, não foram eles que roubaram (Seia). [2] Este gesto não pertence á classe dos que tenho estudado até aqui: é uma especie de *iudicium Dei (sors);* mas referi-o por ser semelhante, na fórma, ao da escultura do Museu Etnologico e ao dos Ingleses de York.

O emprêgo da saliva, como instrumento profilatico contra uma doença, ou contra qualquer mal, baseia-se na ideia de que cuspir em alguem é sinal de desprezo. «Lo sputo, si sa, é espressione di sommo disprezzo, d'ingiuria e di avversione. Segno di vitupero è pei fanciulli la *sputazza ô nasu*, che si fa ungendo sul naso d'uno di essi un po' di saliva e talvolta appriccicandovi sopra una paliucola, un bruscolo o un pezzettino di carta». [3] Para acirrar duas pessoas, por exemplo, «A» e «B», diz uma terceira a «A»: *não és capaz de lhe pôr cuspi-*

A. T. Pires in *Rev. Lusit.*, IX, 118; Pires de Lima *ibidem*, XVII, 34; etc. Eu conheço uma variante da versão que publiquei nas *Trad. populares.*

[1] *Nat. Hist.*, XXVIII, § 25.

[2] Informação do meu aluno Calvo Velasco.

[3] Seligmann, II, 212.

[4] Informação do meu aluno Adelino Cordeiro.

[1] Seligmann, II, 212.

[2] Informação que me deram.

[3] *Archivio per le tradiz. pop.*, IV, 234.

nho detrás da orelha ; «A» vai então tentar fazer isso a «B», que se defende (Alentejo). Cuspir na cara ás pessoas é uma das piores desfeitas, *porque os Judeus fizeram isso a Cristo* (Obidos.) Desejando-se afirmar que não se faz caso de certa cousa ou pessoa, diz-se: *ligo-lhe tanta importancia como isto!* e cospe-se fóra (Alentejo). Quando uma pessoa anda mal com outra e passa por ela, manifesta-lhe o seu desprêzo, cuspindo fóra, e esmagando o cuspo com o pé (Beira). [1] «Dès la plus haute antiquité, l'action de cracher a été considérée comme un signe de mépris ou de souillure».[2] Cfr. em grego προσώπῳ πτεύειν, e em latim *inspuere in facem* ou *in frontem*. Compreende-se agora claramente que cuspir no mal, ou no ser que se pensa que o produz, é pois despreza-lo, repeli-lo. [3]



Fig. 5

O monumento arqueologico-magico que o benemerito Duque de Palmela me deu para o Museu Etnologiço relaciona-se, como temos visto, com ideias que tem tido curso na humanidade desde o passado até o presente. A figura, posta á entrada de uma casa ou de um jardim, atirava simbolicamente com cuspo á pessoa que lhe deitasse mau olhado. Nas cousas mágicas simbolo e realidade valem o mesmo: por isso a propriedade guardada pela figura ficava bem defendida. O mau olhado não actuava lá dentro. Se uma pessoa tentasse olhar para a l i com maus olhos, a figura de pedra *tomava-a*, isto é «apoderava-se d'ela», e não a deixava agir. Ha um proverbio antigo em que o verbo *tomar* tem, como penso, significação analoga á que tem na nossa inscrição: *A quem o Demo* **toma** *hũa vez, sempre lhe fica um geito.* [1] Em ambos os casos aparece o sobrenatural: no Diabo e na figura magica. A comparação que faço é pois justificada.

As superstições d'este genero causam pasmo àqueles cujo espirito culto já as largou. Porém elas foram crenças sérias de nossos avós. Mui-

---

[1] Espàriz (informação do meu antigo aluno Dr. João da Silva Correia). Tambem conheço o mesmo costume como existente em Mangualde e Alvaiazere. Em Obidos vigora só a primeira parte (cuspir fóra, sem esmagamento consecutivo).

[2] Mensignac, pg. 23.

[3] Cfr.: Jahn, p. 67-68, Sittl, pg. 117 ss.; Seligmann, I, 293; Tuchmann in *Mélusine*, IX, 81 e 154. E' pelo mesmo principio que os objectos sordidos expulsam o mal: Tuchmann *ibid.*, p. 81.

[1] Vem em Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «tomar», p. 195.

tos actos pratica a sociedade moderna, de que a futura talvez igualmente se espantará. Não escrevemos nós numa carta: *servo de V. Ex.ª*, — apesar de em Portugal não haver *servos*, isto é, «escravos», já ha muito? Não tiramos o chapeu na rua, em sinal de respeito, como o Romano diante dos seus magistrados, — costume radicado principalmente por influencia do Cristianismo primitivo? Não dizemos em sinal de reconhecimento: *beijo-lhe as mãos*, ou não beijamos realmente as mãos a uma senhora, a um protector, a um parente respeitavel, quando este gesto tem a historia mais antiga e mais variada que póde imaginar-se, muito em contraste com a vida actual? Não damos a mão direita a um amigo, quando isto na origem é um simbolo juridico, que significa que se perdeu a fôrça da mão? Não se vae saudar a Belem o Presidente da Republica Portuguesa, quando este costume tem origem na adoração que se prestava aos antigos monarcas do Oriente, tidos por deuses [1]? Da dança do *passapié* dizia já Tolentino:

> Foi a gloria dos Antigos,
> Hoje é mofa dos Modernos. [2]

Seria um nunca terminar, poisque o presente, por mais adiantado que esteja, liga-se de ordinario ao passado com raizes multiplas.

Estudando os costumes e as superstições, não só penetramos mais intimamente na psicologia etnica, e apanhamos muitos fios soltos da nossa historia, mas averiguamos que a humanidade precisa bastante ainda de trabalhar para conseguir a perfeição moral a que constantemente aspira.

2. A figa

A figa é um gesto mágico que se faz fechando a mão de maneira que o dedo polegar sobressaia d'entre o indicador e o medio. Este gesto imita-se por meio de figuras de azeviche, coral, osso, etc., que se guardam supersticiosamente em casa, ou se trazem como amuletos.

---

[1] Vid. Ch. Babut, «L'adoration des empereurs», na *Revue Historique*, XLI, 225 ss.

[2] *Obras*, I, 196.

No presente parágrafo devia eu falar de uma curiosa figa artistica de barro que ha tempos obtive para o Museu Etnologico, onde está: como porém não posso agora escrever o respectivo artigo, deixo aqui marcado o seu lugar logico, e inclui-lo-hei noutra secção.

II. Gestos expressos na literatura

Como acima disse, romancistas, poetas e outros escritores exprimem por vezes gestos nas suas obras, quando, por exemplo, tem de apresentar personagens em scena.

Aqui vou dar uma amostra, tirada de um montão de apontamentos que a tal respeito tenho coligido. Acompanha-los-hei de graciosos desenhos que o Sr. Saavedra Machado expressamente fez, de conformidade com os trechos que transcrevo. [1]

Ao falar de um «semí-capro Fauno» que, depois de escrever no tronco de um teixo uma quintilha, fugira á aproximação de Lizarte, diz Fernão Alvarez na *Lusitania Transformada*, livro 3.º, prosa 4.ª, p. 367 [2]: «estando já de longe, apontou com o dedo.. o tronco que lhe servia de papel, como quem do que sabia não queria dar maior noticia, que aquela que deixava na sua escritura». Segundo a concepção do autor, esta entidade mitologica era mais propriamente Pan ou um Satiro, do que Fauno. Vid. fig. 2.ª O gesto que a cada passo empregamos, de apontar com o dedo, fica assim perfeitamente declarado pela habilidade de Saavedra, que pôs ao mesmo tempo na fisionomia do monstro um peculiar sorriso. — O costume de entalhar versos em cascas de arvores aparece tambem a pg. 497 do liv. 3.º, prosa 14.ª, da mesma *Lusitania*, e vêmo-lo fi-

---

[1] Trabalhos portugueses relacionados com o assunto: *A expressão da colera na literatura* por Henrique de Vilhena, Lisboa 1909, de 276 paginas; *Da ironia, do riso e da literatura* por Aarão de Lacerda, Porto 1915, de 111 páginas, com 28 figuras. Tambem deverei citar: *A mascara d'um actor* por Azevedo Neves, Lisboa 1914, de LIX-267 páginas, com muitas estampas e figuras (o actor de quem se trata é Augusto Rosa).

[2] Esta obra foi publicada a primeira vez em 1607, mas eu sirvo-me da ed. de 1781.

gurar noutros escritos, quer do sec. XVI, a que pertencia Fernão Alvarez, quer de seculos subseqüentes: tornou-se um lugar comum do bucolismo. Lê-se nos *Poemas Lusitanos* de Antonio Ferreira:

Eu vejo aquelle alto ulmo, Androgeo, escrito.
De fresco ferro está (vem ver) talhado.
. . . .
Divino
Verso he, e não de humana mão cortado,

na egloga 9.ª [1]. Rodrigues Lobo, entre várias poesias dispersas nos seus romances, menciona quatro quadras talhadas em uma faia e em um buxo, na *Primavera*, floresta 8.ª e última [2]. O pastor Albano, numa ecloga de Xavier de Mattos,

..chegando-se a um cedro corpulento,
Em cujo tronco, quando alli se achava,
Gravar, em fé do seu contentamento,
O nome de Damiana costumava:
Riscando-o, grita...

nas *Rimas*[3]. Finalmente, para não alongar mais, como seria facilimo, a presente lista, achamos em Gonzaga:

Propunha-me...
Escrever teus louvores nos olmeiros,

na lyra 18.ª da *Marilia* [4]. Com quanto muitas pessoas, ao entrarem num jardim, num bosque ou mata, tenham por hábito escrever nos troncos das plantas datas e nomes [5], claro está que o que os referidos poetas disseram dos seus personagens, pela mór parte pastores, provém de excesso de imaginação, e de imitação de obras da antiguidade, por exemplo, de Vergilio [1] e de Ovidio [2]. Quem sabe escrever, não se furta efectivamente ao gôzo de por toda a parte deixar memorias de si, e não só em cascas de arvores, mas tambem no chão, em areia[3], em muros brancos, e em qualquer monumento onde exista uma superficie capaz de com um estilete ou um lapis receber um moto, uma simples letra. «Então foy o pastor adiante, e ficou muyto confuso, vendo a Lisea, que sentada sobre huma [4] pedra da fonte tinha em o chão escritas estas palavras:

Tive enganos por ventura,
Para sentir mais meu dano:
Se he mal viver de hum engano,
Como hum mal tam pouco dura ?

em Rodrigues Lobo [5]. *On grave sur le marbre plus malaisément que sur le sable*, disse Molière [6]; sem embargo, tem-se como de pouca solidez *escrever na areia*. Se não fosse a curiosidade de alguns ociosos e vagabundos de tempos remotos, quantas cousas atinentes á vida do passado não ficariamos sem saber! As paredes da basilica de Pompeios, cidade destruida no ano de 79 por uma erupção do Vesuvio, ofereceram á Epigrafia curiosas inscrições ou *graffiti* que os *sub-basilicani* ali garatujaram [7]. O colosso septentrional de *Memnon*, no Alto-Egito, que eu visitei em 1909,

---

[1] Fls. 96 da 1.ª ed. (1598).

[2] *Obras*, ed. de 1723 (Lisboa), pg. 243. Vid igualmente: *O Pastor peregrino*, jornada 9.ª, p. 294; *O Desenganado*, discurso 17.º, p. 440; etc.

[3] Ed. de 1770 (Lisboa), p. 204. Cfr. pg. 199.

[4] Ed. de 1817 (Lisboa), p. 167. Cf. pg. 17.

[5] Camilo, n*O Santo da montanha*, cap. VIII, 3.ª ed., Lisboa 1907, pag. 68, faz que Baltasar, o principal protagonista do romance, tire da algibeira uma navalha, e entalhe na casca de um platano um «M», inicial do nome da namorada (*Mecia*): e o grande romancista quer pintar a realidade (sec. XVII).

[1] Immo haec, in viridi super quae cortice fagi
Carmina descripsi et modulans alterna notavi,
Experiar.
Eclog., V, vv. 13-15. — Cfr. X, vv. 53-54.

[2] Populus est, memini, fluviali consita ripa.
Est in qua nostri littera scripta, memor.
Heroid., V, 24-24,

[3] Diz uma cantiga popular de Castro-Verde:

Fui ao Porto, fui á ilha,
Fui á praia passear:
Fui achar teu nome escrito
Na areia, ao pé do mar.

[4] Isto é: *hũa*.

[5] *Primavera*, flor. 10.ª, ed. de 1723.

[6] *Malade imaginaire*, II, 5.

[7] Podem ver-se alguns espécimes no livro de Pierre Gusman intitulado *Pompéi*, Paris 1906, p. 144. Cfr. sobretudo as *Inscriptiones parietariae Pompeianae*, de C. Zangemeister (no *Corpus I. Lat.*, vol. IV; as da basilica vem a pg. 113 ss., — n.º 1781-1952).

tem as pernas salpicadas de letreiros gregos e latinos, alguns d'eles em verso, gravados por viajantes da epoca romana. E por aqui me fico; senão o gesto do Fauno e o belo desenho de Saavedra levar-me-hão ainda além do Egito, — tanto ha sempre que dizer, quando se trata de factos de caracter universal, nascidos de raizes fundas e produtivas! Passarei a ocupar-me de outros gestos.

Seja agora de um que nos é descrito por Augusto Sarmento nos *Contos ao soalheiro*: «A tia Michaela chegou a mão á boca, a fim de cobrir um sorriso malicioso, mas não tão disfarçadamente, que a sr.ª Francisca não reparasse no gesto» [1]. A tia Michaela, conforme diz o romancista a pg. 3, orçava pelos seus cincoenta e tantos, era pessoa do povo, mais baixa do que alta, mais magra do que gorda, mais feia do que engraçada, e tinha nariz de cavalete e olhos pequenos; alem d'isso era beata e bisbilhoteira, e pendia-lhe sempre da mão esquerda um rosario de contas de buxo. Vid. a fig. 3.ª, onde Saavedra Machado, com meia duzia de traços finos e quebrados, e umas «manchas», como nestes desenhos de caracter mais ou menos caricatural soe fazer, nos oferece de modo perfeito o retrato da beata. O gesto é muito usual na vida comum, principalmente nas pessoas de caracter leviano, e escarnicas, que não são capazes de, por um momento sequer, se dedicarem com prudencia e paciencia a um assunto. — A palavra *rosario*, que tem como sinonimo *contas*, vem de rosarium: esta, ainda que significava propriamente «rosal», aplicou-se no latim da idade-média a uma serie de contas enfiadas num cordel e destinadas á contagem de certo número de padrenossos e avemarias rezados em honra da Virgem, — contas que foram comparados a *rosas* [2]. Ha muitas especies de rosarios: de vidro, de marfim, de osso, de madeira; e as contas ostentam ás vezes belas fórmas, pois que á delicadeza dos sentimentos religiosos que um rosario se destina a auxiliar — convem que, segundo a crença cristã, corresponda o que a alma, depois da prece, tem mais sublime para oferecer a Deus: a Arte. Utilizado antigamente por ambos os sexos, hoje é raro que os homens peguem num rosario: ele tornou-se apanagio quasi exclusivo das mulheres. Nisto de costumes e usos, as mulheres constituem quasi sempre o último refugio dos que vão desaparecendo: só elas entre nós trazem brincos e braceletes, que são enfeites primitivos; são elas quem sabe mais *historias da carochinha*, mais romances ou xácaras [1].— Mas é tempo de deixar a tia Michaela, pois mais dois gestos chamam a nossa atenção, e com eles encerrarei o presente capitulo: colho-os no n.º 1 e 7 d-*Os meus primeiros contos* do ilustre Academico Dr. Teixeira de Queiroz, Lisboa, 1914 (3.ª edição).

O n.º 1 intitula-se «Historia vulgar», e aí encontra o *folklorista* alguns curiosos factos que respigar, tais como crenças em tesouros, superstições etc., — posto que os versos que a titulo de fórmulas mágicas se intercalam na narrativa não pertenção á tradição popular. A certa altura da «Historia», estabelece-se uma conversa entre dois camponios, Anacleto e um ricaço. O Anacleto pergunta ao outro como soube um caso de que estão falando: o ricaço teve uns segundos de seriedade, e depois, sorrindo-se, e mostrando o dedo minimo, disse: — *Este que adivinha* [2]. Na figura 4.ª exprime Saavedra Machado com fidelidade a situação. O autor do conto explicára a pg. 12 e 26 que o ricaço, isto é, Cósme, era apoucacado de carnes, de queixo recurvado, e vestia na ocasião do dialogo «o seu casaco azul das solenidades» [3]; como Cosme era Minhoto, e fôra da aldeia á vila, devemos subentender que usava colarinho levantado, levava na mão varapau, e tinha na cabeça chapeu braguês. Ora todas essas par-

---

[1] Pg. 33 (Lisboa 1876).

[2] Cfr. tambem Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «rosario».

[1] Acêrca d'este papel das mulheres (velhas) vid. os meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 146.

[2] *Os meus primeiros contos*, 3.ª ed., Lisboa 1914, pg. 27.

[3] Especie de jaquetão (não cintado): dizem-me que se chama, ou chamou, *pilo*.



RECANTO DOS JERONIMOS

Carvão de Saavedra Machado

(Na colecção do jornalista sr. Oldemiro Cesar)

ticularidades no-las mostra o desenho. Não notarei nada acêrca da Etnografia do varapau e dos citados trajos, porém não me furtarei ao desejo de acrescentar umas observações de «Mitologia dos dedos», a proposito do dedo que adivinha.

Tenho um dedo que adivinha é frase muito freqüente. Este dedo é o *minimo* da mão direita [1]. Em Fr. Domingos Vieira lê-se: «*o meu dedo minimo adivinhou*, — tive noticia d'esse objecto por uma via secreta e desconhecida»[2]. O nome do dedo minimo em latim era *minimus*: de minimus, fez-se um derivado ou deminutivo miniminus, e d'aqui veio o citado *meminho*, e bem assim *maminho*, fórmas que tem *maimiño* como paralela em galêgo [3]. A par, diz-se *mendinho* (de *minutinus[4]), e já por etimologia popular, já porque o povo personifica os dedos, diz-se *menino* [5]; diz-se tambem *miminho*, por influencia de *mimo*, em atenção á pequenez e delicadeza do dedo. Da personificação dos dedos conheço varios exemplos poeticos da literatura infantil, como, entre outros:

Dedo maminho,	Este achou um ovo,
Sê(u) vezinho,	Este pôs a assar,
Pai de todos,	Este deitou sal,
Fura-bôlos,	Este provou,
Mata piolhos	Este papou
(Olho-Marinho).	(Lisboa):

(e quando se recita isto, toca-se sucessivamente com o *index* da direita cada um dos dedos da esquerda aberta) [6]. Analoga á frase *tenho um dedo que adivinha* é esta hespanhola, que ouvi a uns Adaluzes, os quaes me afirmaram ser corrente em Hespanha: *tengo un dedo que me adivina* (só não me souberam explicar de que dedo se fala). Os Franceses dizem falando a uma criança: *mon petit doigt me l'a dit* [1]. A Alemães tenho ouvido: *mein kleiner Finger erät alles* «o meu dedo minimo adivinha tudo», expressão igualmente usada com as crianças. Em inglês creio que nada se diz neste gôsto; pelo menos, pessoa competente que consultei não me soube informar. Em latim e grego suponho que tambem nada existe. De outros paises não procurei notícias [2].

Seria curioso averiguar a origem da expressão. Como o ouvido se coça habitualmente com o dedo minimo, do que resulta dar-se a este um setimo nome, o de *auricular* (palavra literaria), e como tambem é ao ouvido que se diz um segredo, isto é, alguma cousa que não se quer que se saiba, e que é pois como que misteriosa, enigmatica para os outros, lembra-me se o ruido que o dedo produz no canal auditivo-externo se interpretaria como segredo, misterio, enigma, que o mesmo lançasse nele:

---

[1] Algumas pessoas a quem consultei a respeito da frase ficaram indecisas se ela se referia ao dedo da esquerda ou ao da direita, mas outras muitas disseram que era o da direita.

[2] *Grande Dicc. Portug.*, s. v. «dedo» (pg. 730 col. 2).

[3] Cfr. Zauner, *Die roman. Namen der Körperteile*, Erlangen 1903, pg. 117.

[4] Cfr. *Revista Lusit.*, XIII. 139.

[5] Apesar de em alguns dialetos romanicos haver *minin*, *menin* etc., fórmas que se explicam por m i n - + - i n u (vid. Zauner, *ob. cit.*, ibid.), este étimo não convem ao nosso *menino*. A coincidencia de *minin* com *menino* julgo-a casual, ainda mesmo trazendo a campo a antiga fórma portuguesa *minino*.

[6] Já em 1882 publiquei versos analogos no *Archivio per le tradiz. popol.*, I, 582-583, reproduzidos nos *Ensaios Ethnogr.*, IV, 173-174. Estas rimas, como a maioria das tradições do povo, não são de agora, nem exclusivas de Portugal. Na *Feira dos anexins* diz D. Francisco Manoel (sec. XVII): «Não são eguaes os *dedos* das mãos. O senhor aqui é o *maior de todos*. Cuidei que era o *mata-piolhos*. A' vista de vossemecê sou o *meminho*. E eu o seu *visinho*. Pois eu serei o *fura-bôlos*», — ed. de Lisboa, 1875, pg. 38. Lá fóra ha-as, por exemplo, em França (vid. *Mélusine*, I, 294), e tambem, entre outros, nos seguintes paises: Belgica, Suiça, Inglaterra, America do Norte, Alemanha, Austria (vid. *Rev. des trad. popul.*, respectivamente VII 199-200, VIII 224, VII 291 e 290, VIII 223 e 225). Acerca da Suiça, vid. tambem *Archives suisses des trad. pop.*, VI, 289. Um Hespanhol de Santibañes de Béjar (Salamanca) contou-me o seguinte dialogo dos dedos: *Este* (o *meñique*) *fue por leña*; *este le ayudó*; *este encontró un huebo*; *este lo frió*; *este se lo comió*.

[1] Vid. Littré, *Dict. de la l. fr.*, s. v. «doigt.»; aí cita o A. um passo de Molière, *Malade imagin.*, II, 11.

[2] Na *Revue des tradit. pop.*, VII 290, diz H. Henecke: «Dans tous les pays, sans doute, les mamans disent à leurs enfants désobéissants: *avoue, c'est mon petit doigt qui me l'a dit*» Importava porém substituir o *sans doute* por documentos positivos.

d'essa interpretação passava-se facilmente á vizinha ideia de que o dedo minimo adivinhava. Tudo era facilitado pela concepção que, sègundo já vimos, o povo tem dos dedos, a quem considera pessoas. Interpretar-se como voz ou palavra um ruido causado no ouvido pelo dedo minimo não é mais estranho do que dizer que outros ruidos ou movimentos que no referido orgão se observam provém de lá habitar um verme, um insecto, um bicho: em alemão *Ohrwurm*, á letra «verme do ouvido», e em francês *oreillère* ou *perce-oreille* designam um insecto correspondente á nossa *bicha-cadela;* por outro lado nós usamos a frase *matou-nos o bicho do ouvido*, quando queremos significar que alguem nos incomodou com palavreado (perguntas etc.) [1]. Singular personificação de um dedo é em certo modo a que se nota num conto dos Irmãos Grimm intitulado *Daumesdick*, onde figura um menino do tamanho de um dedo polegar, o qual se aloja dentro do ouvido de um cavalo, e d'aí fala, e guia o carro puxado por este [2]. Não menos notavel personificação se observa em um conto do Poitou onde ela recai no proprio dedo minimo [3], — certamente escolhido por causa da frase que lhe anda anexa, pois este conto pertence ao ciclo do pastor cuja flauta, feita de uma cana que nascêra de uma sepultura, dizia quem assassinára a pessoa ali jacente [4].

Com a idéia da adivinhação pelo dedo relaciona-se esta superstição do concelho de Cinfães: apertando-se o dedo minimo a uma pessoa que esteja a sonhar alto, ela conta a sua vida toda. Por brincadeira dizem em Monchique: *tenho* aqui uma *unha que adivinha;* uma velha que me informou, acrescentou: «mas eu não tenho, porque nenhuma adivinha! nem todas as pessoas tem tal unha».

Se dos imperfeitos materiais que apresento, existencia da expressão numa zona geografica, por assim dizer, ininterrupta, Portugal, Hespanha, França, Alemanha, fosse permitido tirar deduções; e se ela não existe realmente na antiguidade: estariamos acaso autorizados a dizer que a mesma expressão tinha entre nós origem germanica. — Todavia não se me esconde que qualquer novo e ulterior descobrimento poderá destruir esta explicação!

Ao n.º 7 dos seus apreciaveis *Contos* chamou o Dr. Teixeira de Queiroz *O ramo d'oliveira*. Aí imagina uma eira minhota, aonde o Padre Carvalhosa, ao sair da missa, foi procurar o velho Sabastião, para tratar com ele certo negócio de familia. O recem-chegado mostrava-se meditativo, e o velho procurava adivinhar o que é que aquele quereria; entretanto o padre «levou distrahidamente a mão ao queixo, chegando a meter o indicador entre os dentes» [5]. Carvalhosa era homem morigerado, bonissimo, prudente, respeitavel pela palavra e pelo exemplo; e como o rapé, no tempo de nossos avós e pais, tinha virtudes grandemente conciliadoras de opiniões desavindas [6], ele, para agradar aos frègueses, usava tambem rapé, que costumava trazer em caixa de prata. A esta particularidade, contada pelo proprio romancista a pg. 171, poderei acrescentar que era natural que o padre levasse chapeu de pano de copa um tanto alta, casacão e bengalorio. Saavedra representou tudo isso no desenho que reproduzo na fig. 5.ª, e que traduz belamente um gesto de meditação e inquietação de pensamento, tal como lemos acima.

III. Gestos caricaturais

Para que o meu estudo tivesse maior cunho artistico, pedi a Saavedra Machado que, além dos desenhos que fez, segundo textos literarios

---

[1] Vid. sobre este assunto: Riegler, *Das Tier im Spiegel der Sprache*, Dresde & Leipzig, 1907, p. 289, nota; Schuchardt na *Zs. fur roman. Philol.*, XXXI, 661; Paul Barbier fils no *Bullet. de Dialectologie romane*, I, 63-65, o qual supõe que certas superticões ligadas ao insecto provém do nome d'este (e não o inverso).

[2] Vid. *Kinder- u. Hausmaerchen*, t. I (Reclam), p. 178 ss., n.º 37.

[3] Na *Rev. des tradit. pop.*, IV, 463-464.

[4] Vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, pg. 125-126.

[5] Pg. 175.

[6] Cfr. *Hist. do Museu Etnolog.*, p. 217.

A LINGUAGEM DOS GESTOS.



Theodora Machado 1917.

GESTOS CARICATURAES



Fig. 6 Fig. 7 Fig. 8 Fig. 9



Fig. 10 Fig. 11 Fig. 12 Fig. 13



Theodora Machado 1917.

Fig. 14 Fig 15 Fig. 16 Fig. 17

que lhe apresentei, e que constam do capítulo procedente, imaginasse ele proprio uns tantos gestos, e os traduzisse caricaturalmente. Saavedra correspondeu logo ao meu pedido, e resultaram d'isso as doze figuras que aformoseam o cartão aqui junto, e que vou definir:

Fig. 6.ª: gesto de quem quer recordar-se de uma coisa que não lhe acode á memoria.

Fig. 7.ª: gesto de quem se vê aflicto.

Fig. 8.ª: gesto de uma pessoa enamorada ou embeiçada.

Fig. 9.ª: gesto de uma pessoa que acende um charuto, muito senhora da fumaça que vai aspirar.

Fig. 10.ª: gesto modernissimo de quem escuta ao telefone, não só muito atentamente, más mascando o que lhe dizem.

Fig. 11.ª: gesto de quem chama por alguem que lhe está em plano inferior, por exemplo, de uma janela alta para a rua: a figura fórma um ressonador com a mão direita encurvada e posta ao lado esquerdo da bôca.

Fig. 12.ª: gesto de quem imita a uma pessoa que choraminga.

Fig. 13.ª: gesto de quem está atrapalhado, e coça maquinalmente a cabeça ou a calva.

Fig. 14.ª: gesto de quem aponta, como o Satiro (vid. supra), mas com toda a fleuma.

Fig. 15.ª: gesto de recruta boçal que começa a aprender a fazer continencia aos seus superiores.

Fig. 16.ª: gesto de quem dá palmas gravemente.

Fig. 17.ª: gesto de quem se descobre saudando, com grande ar de satisfação lorpa.

Não ha no corpo humano movimento visivel mais fugidio do que um gesto; mas onde estará tambem outro que, num relance, seja mais expressivo?

IV. Um gesto estatuario

No Museu de Santarem vi ha tempos uma estatueta de marmore, de uns 0m,36 de altura, que representa um menino nu e sentado em um pedestal, o qual menino tem a mão esquerda pousada sobre a bôca do estomago & abdomen, e leva o dedo index da direita ao labio inferior, sem atingir o superior (os dentes não estão bem visiveis, e á unha e falangeta deu-se desproporcionado tamanho). Esta estatueta apareceu em Alfange, e foi catalogada no Museu com o n.º 156. Vid. a fig. 18.



Fig. 18

O menino faz, como fica patente, um gesto. Que gesto? O Catalogo do Museu diz: «acção de pensar». Apesar da tenra idade do menino, podia admitir-se que o figurassem absôrto em meditação profunda, visto que na Arte não raro se atribuem a Genios infantis funcções proprias de adultos: mas no caso presente não haverá correleção entre os dois actos, postura da mão no estomago & abdomen, e elevação do dedo ao labio inferior? Não pedirá o menino «pão para a bôca»? [1]

A data e serventia da estatueta não as posso declarar ao certo. Talvez esta servisse de ornato a uma sala (de jantar?) ou jardim, como se usava no sec. XVIII [2].

Campolide, 7 de Julho de 1917.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] Ao Sr. Laurentino Verissimo e Dr. Joaquim Augusto agradeço, a um a fotografia que me enviou, e serviu de base ao desenho do Sr. Saavedra, ao outro uma verificação que a meu pedido fez no Museu.

[2] Gesto de meditação propriamente dita o vimos acima, fig. 5.ª. Por outro lado, diz Camilo, *Lagrimas abençoadas*, 2.ª ed., pg. 131, falando de Gonçalo da Silveira: «As palpebras cerraram-se-lhe, que era esse o seu costume n a m e d i t a ç ã o. Com os dedos da mão direita comprimiu o labio inferior, tirando por elle». Em nenhum dos casos toma parte o abdomen.



«MARIANELA»

Desenho de
D. ALICE REY COLAÇO

Amelia Rey Colaço

A lguem de esta revista, revista cujo nome ficará, sem duvida, ligado á historia da nossa arte contemporanea, altamente me honrou ha dias, convidando-me para escrever algumas palavras sobre essa estranha, e suave figurinha que, o publico de Lisboa teve a suprema ventura de aplaudir na celebre noite de dezasete de novembro, noite da sua estreia.

Embora colhido de surpreza, eu não hesitei sequer um instante em aceitar um tão grave encargo, não pelo que me sobejasse de confiança em mim proprio que, nenhuma éra, mas, pela alegria que subito me tomou, de poder uma vez mais affirmar o enthusiasmo, e a exaltação que essas horas me deram, horas immortaes de divina, e de florida gloria.

E' que, com effeito se não trata n'este momento de uma de essas apparições vulgares com que tanta vez se illude a bôa-fé das almas generosas, caminhantes da noite, sempre promptas a ver na luz de um cirio, a luz da aurora! Não. Amelia Rey Colaço surje, Imperatriz da sua Arte, solemne e forte, aureolada do genio radioso que faz com que as suas singulares expressões assumam já essa magia evocatoria, immortalizadora das grandes feiticeiras do palco.

E não é exagero, nem febre de enthusiasmo fugitivo. Que contem quantos a viram, e a ouviram!

Marianela, sua completa, e extraordinaria encarnação, ficará na memoria de todos! Querem milagre maior?... Perpetuar essa peça mediocre e falsa, perante a sciencia, e perante o coração, elevando-a á cathegoria de uma peça de successo! Confundir a tal ponto a critica, de maneira a conseguir que ella não pensasse a serio na desgraça romantica de um enredo mal forjado... e mal traduzido, para apenas scismar nas attitudes quebradas e frouxas de aquelle corpito franzino de boneca, onde o genio põe crispações divinas!

Não pretendo, nem ao de longe, abalançar-me a um estudo incisivo da jovem Artista. Elle se fará a seu tempo. Limito-me tão sómente a evocar as impressões saudosas de essa noite redemptora para o nosso theatro, e onde entendo que, todos os nossos poetas, musicos, actores, escultores, pintores, romancistas, dramaturgos, todos aquelles que vivem e morrem pela emoção, deveriam ter ido procurar celicos motivos que depois eternisariam no bronze, na pedra, e no verbo!

Sobre Amelia Rey Colaço convergem na verdade as attenções do grande publico. Os jornaes encheram já columnas de louvores, de pompas, e de homenagens. Chego um pouco tarde...

Deveria tocar no argumento do drama, e especialisar a interpretação da principal protogonista em cada uma das scenas que conduz? E' possivel que sim, mas, não me atrevo. Prefiro antes vê-la sob um aspecto mais impreciso, e mais vago, cercada de toda aquella graça alada que, tão fundo me perturbou, e em redor da qual a minha imaginação se alonga.

Mas, porque não farei agora uma observação? Ei-la. Marianela é feia, deve apparecer em scena feia, porêm... não apparece? E porquê? Suprema impotencia das caracterisações?... Suprema renuncia de artista, condemnada a essa falsa modestia?... Uma, e outra coisa. Veja-se como até n'isto é cruel a obra dos dois irmãos!

Tadavia, Nela paira alto, e de tudo, apenas me maguou que a não constellassem os rosaes do mundo inteiro, e que a plateia em delirio se não erguesse, n'uma consagração cem mil vezes mais vehemente da alma da mulher da nossa estirpe atlantica, ameigada pelo sol de todos os mares, e pelo amor de todas as raças, pela misericordia de todos os naufragios, e pelo triumpho de todas as batalhas!

— E' preciso que nos reunamos a saudar Amelia Rey Colaço — a grande Artista, ha tanto desejada, e que finalmente chega!

— Deve ser uma noite de emoção, e de gloria, essa noite memoravel!

Foram estas palavras que n'uma carta a alguem escrevi, dois ou tres dias antes de essa luminosa estreia.

E quiz Deus que me não enganasse!

O' maravilhoso actor Augusto Rosa! como na discipula amada e genial se deve remirar encantada, attonitamente, a sua alma de Principe da Scena!

* * *

Alaudes dos paços de Guimarães e de Coimbra, longas do sahimento da linda Ignez a caminho de Alcobaça. charamellas de prata dos saraus do *Venturoso*, e da Infanta Dona Maria, amada de Camões, businas das armadas do Oriente, clarins de Montes Claros, ó clangor de todas as glorias portuguezas, entoae a saudação magnifica a esta pertubante madrugada de arte que alveja emfim na cerração dos Reinos de Portugal!

Dezembro de 1917.

ALBERTO OSORIO.

Christo

Mãos fulgentes d'aneis tangem cravos maguados.
Como um perfume esparso a melodia ondeia,
Vai subindo no ar, infiltra-se, vagueia
E pôe-se a despertar os echos assustados

Scismam nos capiteis as rosas e os acanthos,
Saudosos do frescôr das longas alamedas.
A aragem que circula afaga como as sêdas
E o fumo do insenso unge as faces dos Santos.

Ardem velas no altar, melancholicamente
Uma virgem de jaspe ergue os olhos leaes;
A melodia sóbe, hieratica, plangente.

E ao fundo, aconchegando os magros hombros nús,
Entre jarras da China e rosas naturaes
Um christo de marfim abre os braços em cruz.

CARLOS DE VASCONCELOS.

Soneto

Freira na cela dos meus olhos longes
Inclinada a sonhar vitrais pagãos.
Meus longos dedos, afilados monges
A rezar orações de tuas mãos.

E quando rezas, poisas os joelhos
Na almofada do meu scismar-te santa.
E as minhas preces, pergaminhos velhos,
Contam-me sombra que um luar quebranta.

Na tua cela entre a saudade e a tarde
E o silêncio que em ância causa alarde
Vais fazendo o sinal da Cruz. Sol-posto.

E eu abrindo os meus braços p'ra abraçar-te,
Crucifico-me enfim, sem encontrar-te,
Na Cruz que desenhaste no teu rosto.

PEDRO DE MENEZES.

Alem da morte...

O corpo desce á terra... a alma vôa!...
Águia do azul, astro de Deus, na altura...
Em vão, o ignoto fim se lhe procura,
E a mente de phantasmas se povôa.

Sofrer! Morrer! (Ó leve abril da infancia!...)
Destino absurdo e crú! Orgulho feito
Palida cinza em funerario leito,
Murmurio de ása branca, na distancia...

Renascer! Renascer! á luz do dia;
Manhã d'oiro, gorgeia a cotovia,
Na apoteose olimpica da côr!

Sêr outra vez a mocidade e a vida,
E numa primavera enternecida,
Seiva de abril cantar num tronco em flor!

1916.

MARIO PACHECO.

Anciedade

Quando o teu coração palpita e sente
Que a hora, em que eu te vejo, se adianta,
O teu olhar — que a propria tarde encanta —
É, sobre a terra, a estrela do Oriente!

E a hora avança, avança para a gente
Ao vêr que a tua anciedade é tanta.
Teu coração, só de lembrar-me, canta.
Bate o da hora continuadamente!

E nessa espera anciosa, meu Amor,
Tu rezas versos meus, em cuja côr
Ha a côr de mil Oceanos Atlanticos!...

Mas eis que ao longe o meu olhar te aquece:
Corres, sorris, chamas por mim!... Parece
Que vaes ouvir o *Cantico dos Canticos!*

ANTONIO ALVES MARTINS.

TATUAGENS

A marca do crime

A tatuagem! Ha alguns annos noticiava uma grande revista que M. Macdonald, tatuador com *atelier* em Londres, Jermin Street, estava fazendo um fortunão enchendo o corpo de todos os gentlemen e ladies, «lordes e lordas» do Reino Unido com infinita variedade de letreiros e desenhos.

Soprava um vento de insania. O Principe Alberto, filho do Principe de Galles, hoje rei, fez tatuar uma ancora, dizem uns que, como bom marinheiro, em lembrança de uma viagem de circumnavegação; asseveram outros que como fiel amoroso em memoria dos olhos lindos de uma judia, filha de um tatuador de Jerusalem. Mestre Macdonald não tinha mãos a medir. Metia dinheiro na bolsa, metendo a agulha e tinta na pelle pennugenta e rosada dos seus clientes da nobreza. A tal exagero a moda chegou que uma americana excentrica e sem bridão exigiu no corpo... o retrato de Shakespeare!...

Tatuou-se a rainha Olga da Grecia, a Princeza Valdeman, da Dinamarca, o tzar Nicolau e o gran-duque Alexis.

Este ultimo é um museu. Tem nos braços, pernas, costas e peito, tatuados, lindos assumptos,— pois não!... E até dizem os papeis esta historia commovedora: Que á Princeza Maria, filha do Duque de Chartres se lhe descobriu, n'um baile em Berlim uma corôa tatuada n'um braço; apáixonada pelo filho do rei da Dinamarca, o Principe Valdeman, marinheiro distincto, não teve duvida alguma em disfarçar-se com a roupa da sua creada de quarto e procurar quem a tatuasse. Tomando o emblema d'aquelle que amava, consagrava-se-lhe eternamente.

«Que lindo romance de amor!...

Depois a moda decahiu. E se o gran-duque tinha pintura classica no corpo, um malandro francez, para não lhe ficar atraz, mandou gravar nas costas, com inaudita precisão de pormenores, toda a scena do assassinato do duque de Guise. Um assassinato que só lhe faltava fallar.

E foi para quem d'ahi em deante ficou a tatuagem: Marujos e soldados, rameiras e ladrões, penitenciarios e deportados, toda a fauna do crime, animaes da grande ganaderia da prisão. E' a tatuagem a sua marca, o fado a sua canção. Completam-se, o fado e a tatuagem.

* * *

A tatuagem não é nova. «Perde-se na noite dos tempos, a sua origem» como diria um academico affectado.

Já nas sepulturas egypcias se encontraram os punções e plombagina com que tatuavam.

Tacito diz que os aryas, para parecerem mais ferozes «adoptavam a córação negra». Os phenicios marcavam na testa os signaes da divindade que adoravam.

Nos guerreiros da Nova Zelandia, a semelhança dos thracios, a tatuagem indica nobre estirpe, casta superior. E' uma especie de desenho «para os raros apenas.»

Ha na historia da tatuagem, costumes singulares. Os Pagas de Sumatra, por exemplo, fazem no corpo o que os nossos taberneiros ignorantes fazem nas pipas. Marcam traços verticaes. Uma differença apenas existe. Nos Pagas cada traço quer dizer um inimigo morto. No taberneiro meio litro fiado.

Havia os Assyrios, Dacios e Sarmatas, que se cobriam todos de figuras, e os judeus que só tatuavam rosto e mãos; os Kaffis que tinham uma linha azul ao longo da perna, especie de lista militar, e as viuvas de Samoa, que apenas tatuavam a lingua. Havia de tudo. E até havia os tatuados á força: os forçados russos que só deixaram de o ser de 1864 para cá.

Herodoto, referindo-se á tatuagem dos Thracios, diz que «uma pelle marcada de picaduras testemunha origem nobre, e, a que o não é, nascimento humilde.» Cousa pouco mais ou menos como aquella chinezice dos pés pequenos.

O historiador chinez Ma-Tien-Lin, que escrevia no seculo XII, narra a cerimonia completa da tatuagem que se executa na donzella por occasião do seu casamento, na população de Hai Nan. Sómente nas classes nobres tem logar tal cerimonia.

«No momento em que a criança attinge a edade nubil, os paes offerecem uma grande festa a todos os membros da familia. As companheiras da joven trazem agulhas e pinceis e traçam, em negro, sobre o rosto, desenhos de flores, insectos e borboletas, executados primorosamente. Os desenhos são depois gravados por um artista, geralmente uma mulher velha, e as imagens traçadas por picadura destacam sobre

um fundo pontilhado. A cerimonia tem o nome Sieou-Mien.

Na Formosa, segundo Raoul a mesma cerimonia precede o casamento; o rosto fica inteiramente coberto de uma tatuagem muito apertada. O mesmo se observa nas mulheres Ainos da ilha de Yeso.

Isto diz Lacassagne e Magitot citado pelo dr. Alvaro Teixeira Bastos no seu magnifico trabalho «*A Tatuagem nos criminosos*». Pois apezar d'aquella belleza de pintura, apostamos em como os leitores as achariam simplesmente horriveis.

Ha coisas ratonas, como a d'aquelles «dois monges que haviam censurado o furor iconoclasta do imperador Theophilo». Mandou-lhes este imprimir na testa onze versos jambicos. Dizem que Caligula e Philipe da Macedonia mandavam por vezes tatuar. Talvez. Mas de toda essa antiguidade e todos esses modernos tatuados reaes só uma creatura teve juiso. Foi Moysés, que no Levitico preceitua: não «fareis figuras algumas, ou ferretes, sobre o vosso corpo.» Mas ha por ahi alguem que se lembre de Moysés?

* * *

A tatuagem é uma operação extremamente simples. Trez agulhas amarradas, um pouco de fuligem, tinta da China, ou agua com pó de carvão. Alguma paciencia, corpo onde se espete e um pouco de insensibilidade. Começa por se desenhar a tinta o desenho, cobrinde-se depois com picadas. A cor pode ser negra, azul ou vermelha. Ao fim de uns dias ha uma inflamação da região marcada e então o nossc operado costuma untar com saliva ou lavar com urina. O primeiro desinfetante já tem dado logar a casos extremamente graves.

«Um militar ainda virgem foi tatuado por um outro atacado de cancros na boca; a tinta da China com que o operador se servia diluia-a n'uma concha com saliva; tanto bastou para em breve o operado apresentar todos os symptomas da doença e quasi ser necessario amputar-lhe o braço. A transmissão da syphilis tem-se feito mesmo quando é já secundaria e em virtude do tatuado, estando afectado de placas mucosas, se servir na operação da propria saliva». [1]

Um enfermeiro do hospital d'Ostende tatuou-se com tinta vermelha preparada com sulfureto de mercurio. No dia seguinte acamava. A temperatura subira a 40.°5. E o medico chamado breve lhe diagnosticou um dos mais graves casos de hydrargyrismo. Foi o caso que o enfermeiro depois da operação lavara-se com uma solução de carbonato de soda e soda caustica em presença da qual o sulfureto de mercurio se transformára produzindo a intoxicação.

E não só estes casos apontados. Livros da especialidade registam casos graves de erysipela, phleimões, tuberculose, gangrena e por vezes amputação de membros ou a morte.

Para que a tatuagem desapareça, crêem, bastará tatuar de novo «com agulhas molhadas em leite de figueira brava ou outro liquido caustico»; dizem que não restará signal algum, mas uma cicatriz esbranquiçada atestará para sempre que o iudividuo foi tatuado.

* * *

Lacassagne encontrou tatuados de 6 annos, e está provado que o homem tem esse vicio em grau muito mais elevado do que a mulher. Mr. Alfredo Gouth, outro tatuador celebre de Londres, tatuou 15.000 homens ao passo que na sua carreira só 1.500 mulheres para tal o procuraram. E até o seu renome provêm de ter desenhado em duas mulheres «dois quadros celebres, que o immortalisaram» — *Mise en Croix* e *Ecce Homo*, diz o sr. Anibal Taborda, na *Revista Amarela*.

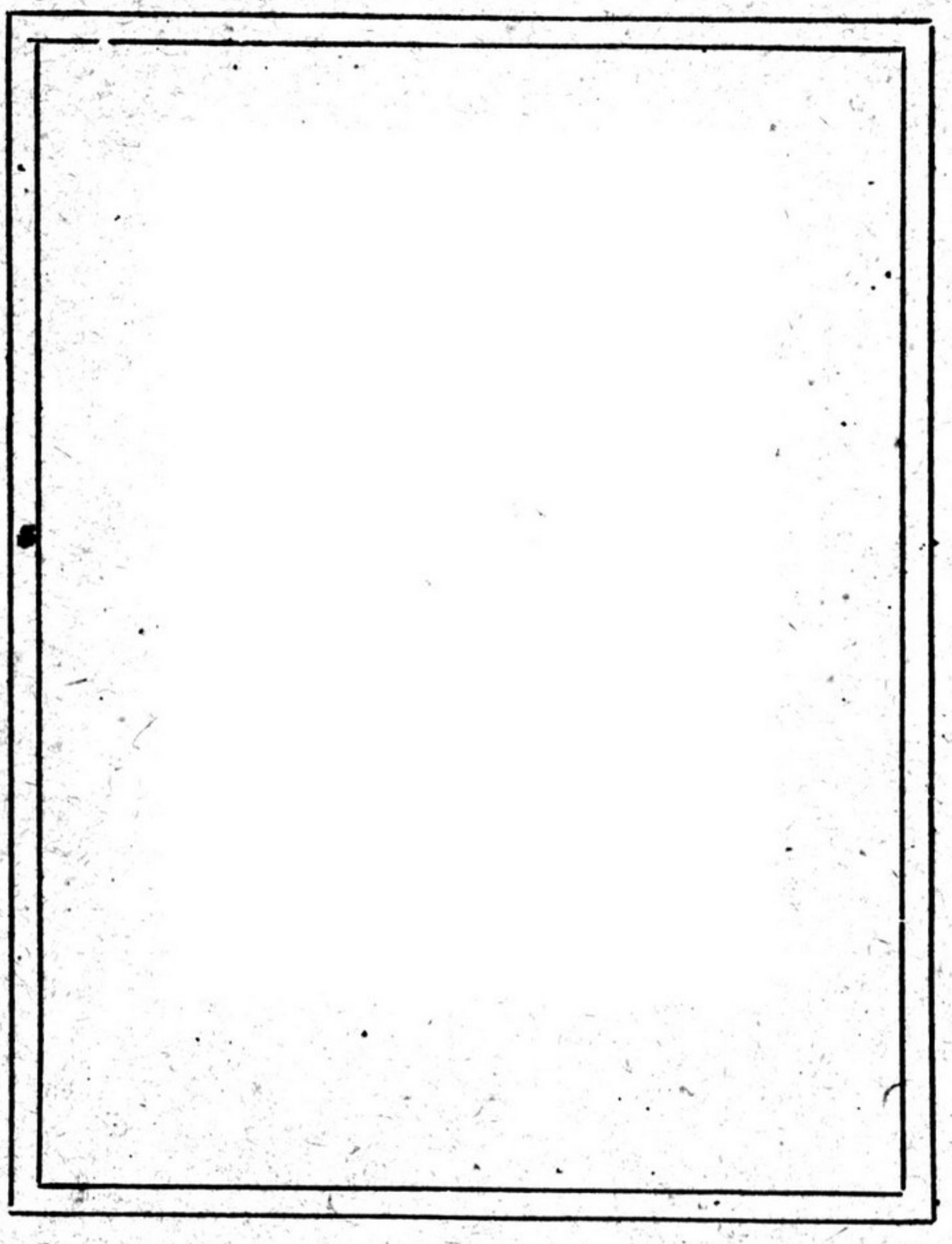
Geralmente tatuam iniciais do nome dos amantes, corações fréchados, cobras, ancoras, etc.

Rocha Peixoto cita o caso de uma mulher que habitava a Ribeira (Porto) «á qual haviam desenhado a agulha, nas coxas e no ventre, enormes barcos á vela.»

O mais commum são as cinco chagas, «cinco pontos dispostos como as chagas do escudo nacional. Mas ha os que tatuam o nome da mãe, o do companheiro do crime e o da preferida. Ha a tatuagem indicativa da profissão; — violas e guitarras nos musicos ou faduncheiros; ancoras nos marinheiros; sabres nos militares; parafusos nos serralheiros; fios de prumo nos pedreiros. Ainda nos militares ha os que gravam uma peça, se artilheiros; um cavallo, se cavalleiros; uma espingarda, se infantes. Ha a tatuagem recordativa e amorosa. Coração com o nome amado no centro, mãos entrelaçadas, *Amor*, datas, etc.

Ha ainda a religiosa, a de inscripções e phantasista. Christos, Nossas Senhoras, o Senhor dos Passos, o signo de Salomão, bandeira, coroas reaes, barretes phrigios, ramos de flores, peixes, o sol, estrelas, punhaes, legendas abracadabrantes como essa

[1] Rocha Peixoto, *In Revista da Sociedade Carlos Ribeiro.*



JOÃO DE DEUS

Apontamento inedito de Rafael Bordalo Pinheiro, pertencente ao Museu do mesmo nome fundado pelo grande amigo da «Alma Nova», sr. Cruz Magalhães.

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS

«a qual, como se vê, pode egualmente ser lida nas quatro direcções indicadas pelos traços.» E', segundo varias opiniões, um remedio magico contra a febre dos homens e dos animaes e a sua antiguidade vae até á epoca romana, existindo ainda hoje em varios paizes da Europa e no Brazil.»

Onde geralmente é mais vulgar fazer a operação é no ante-braço.

Mas ha os que tatuam todo o corpo, os que tatuam só as pernas, o peito ou as costas. Ha tatuagens que são verdadeiras obras de arte, como as dos esposos Burgh, que representavam *A ceia* de Leonardo Vinci e a *Tragedia do Calvario*, e como a d'aquelle chefe indio que faz tatuar uma aguia de azas abertas, levando-lhe no bico o coração, pintura que lhe ocupava todo o peito.

Um gatuno vulgar tinha, enroscando-se desde o calcanhar direito até ao pulso esquerdo, com a expressão das serpentes de Lacoonte, uma enorme serpente.

Ha de tudo n'esse museu de vivos.

Uns por imitação, outros por não saberem que fazer, outros para recordarem, quasi todos os animaes da prisão possuem a sua marca. Ha tambem os que se entreteem. Rocha Peixoto, cita o facto, relatado por Queiroz Velloso, de ter observado n'uma clinica uma mulher tatuada pelo marido *nas horas vagas e por não ter que fazer.*

* * *

Em Lisboa tatua-se. Tatua-se no Limoeiro, e tatua-se em varias ruas sordidas onde de certo o leitor não passa. Na rua do Capellão, na rua d'Amendoeira, e n'aquellas ruellas que vão ao Conde Barão. Tatua-se, é claro, não profissionalmente. Tatua-se a pedido, como se deitam cartas ou se lê a palma da mão. E' claro, quem quer pagar acceita-se e até no deitar as cartas é obrigatorio, «para as não enguiçar.»

Tatua-se no Limoeiro; Antonio dos Santos, o *Marujo* e Carlos o *Torto* deixaram successores. E das obras que fizeram trata o sr. Anibal Taborda anteriormente citado. Tatua-se na Relação do Porto.

O mestre d'esta foi Joaquim dos Santos Ferreira, o *Rositas*, e d'elle e dos seus desenhos trata o livro do dr. Alvaro Teixeira Bastos. Foi até este criminal quem forneceu áquelle escriptor a tabella de preços, regulamentando assim o custo das varias marcas do animal humano.

E' claro, os grandes panneaux, as pinturas capazes de terem entrado no Salon não eram para as agulhas de Rositas. Mas é d'aquella massa que ellas se fazem — os grandes artistas... do genero.

Mulher nua, corpo inteiro, com meias e botas — ½ hora de trabalho, 160 reis.
Signo Saimão — 10 minutos, 50 reis.
Estrella (evita prisões) — 15 minutos, 80 reis.
Punhal (valentia) — 15 minutos, 100 reis.
Cruz (contra o mau olhado e o diabo) — ½ hora, 120 reis..
Ancora (livra prisões, traições e dá victoria) — ½ hora, 140 reis.
Coração atravessado — 15 minutos, 80 reis.
Cadeia de chaves ou cadeado — 15 minutos, 80 reis.
Pomba (bons ganhos) —20 minutos, 100 reis.

Como vêem Rositas era modesto na paga das suas habilidades.

No Brazil a tatuagem está mais diffundida que entre nós. João do Rio, no seu interessante livro *A alma encantadora das ruas*, conta a historia de um tatuador, o Madruga, que mudava de tatuagens á medida que variava de companheira. Teve a Yandyra e gravou-lhe o nome dentro de um coração. Ella desagradou-lhe, deixou de lhe dar dinheiro e elle substituiu-a pela Josepha. Apagou Yandyra do coração e escreveu Josepha, que por seu turno cedeu o logar a Maria. Esta, a todas as que se seguiram. E' vulgar o signal das cinco chagas, e acredita-se derrubar o adversario sovando-o, com a mão assim marcada.

Ha quem mande tatuar o nome da pessoa que odeia no calcanhar para trazer sempre a pessoa pizada, de rastos, roçando na poeira; marinheiros que no tempo das chibatadas, gravavam nas costas a cruz, para sobre ella não baterem, e velhas servas de bordel, que na velhice apagam do corpo todas as marcas «porque a terra não vê e Deus não perdôa».

A tatuagem! Marca de carne na prisão, escrava da dôr, serva do crime.

Marca dos destinos inenarraveis, embrutecimento e bestialidade — o homem ignorante e o homem fera.

E lembra-se a passagem de Theophile Gauthier. «Será verdade que o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelevel de separação entre elle e o animal e quando não pode enfeitar as roupas recama a propria pelle?»

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

Rebelo da Silva ministro da marinha e ultramar

Aos ministros que estão no poder ou aos que estão em via de o ocupar nunca faltam panegiristas talentosos que lhes exaltam e popularizam os méritos, mais ou menos reais, ao passo que os outros, que já morreram, vão sendo esquecidos e só os que se ocupam dos ramos da administração pública que por êles foram dirigidos e poucos mais, é que encontram os vestigios da sua acção, boa ou má; e assim esquecem todos, os que o merecem e aquêles que não deveriam esquecer porque exerceram uma influência favorável e contribuiram para o progresso do seu país: Só o desejo de rememorar a acção de Rebello da Silva, e de fazer recordar que êle foi dos últimos, me leva á ousadia de traçar estas linhas desageitadas aqui, aonde mão delicada de Senhora descreveu o perfil do historiador romântico.

Ministro da Marinha e Ultramar, de Agosto de 1869 a Maio de 1870, a gerência de Rebello da Silva foi muito activa e apresentamo-lo como um aspecto de político (no melhor e verdadeiro sentido da palavra) hábil e prático, capaz de fazer admirar em um homem de lêtras, especialmente um romancista e historiador. Verdade seja que em Portugal acontece frequentemente assim; Herculano viu melhor os nossos problemas económicos e sociais do que muitos dos economistas, mesmo do nosso tempo.

Bem sabemos nós que nas leis assinadas pelos ministros nem tudo é de êles, ás vezes até muito pouco é de êles, mas a execução é o menos, pois se o ministro assina é porque concorda, é porque se soube rodear de indivíduos capazes de executarem as suas idéas, e se a lei é boa, é justo que o aplauso recaia sôbre quem, se não a fez, a perfilhou e pondo-lhe a sua assinatura lhe assumiu a responsabilidade.

Se nesses mêses muitas leis foram publicadas com a assinatura de Rebello da Silva, não foi só com o intuito vão de ver repetido o seu nome no *Diario do Governo*; foi para ocorrer ás verdadeiras necessidades e para promulgar medidas que eram necessárias, e algumas das quais ainda hoje conservam o seu valôr. Seria demasiado longo e fastidioso enumerar todas e estudar de per si, mesmo só cada uma das mais importantes.

O decreto de 1 de dezembro de 1869, que organizou a administração pública no ultramar, é sem duvida o mais notavel dos diplomas assinados por Rebello da Silva; é tão importante que muitas das suas disposições ainda hoje estão em vigor e até o dr. Thomaz de Almeida Garrett (professor da Escola Colonial e antigo governador do distrito de Inhambane) não duvida fazer datar da publicação de êle um novo periodo da política colonial portuguêsa, «caracterizado por um decidido esforço de rejuvenescimento». (*Administração Colonial* pag. 38). Temos de saltar a 1907 para encontrar, no decreto de 23 de Maio, referendado pelo Cons. Aires de Ornelas, diploma que o exceda em compreenção das necessidades das colónias.

Para bem se compreender a importância da organisação decretada por Rebello da Silva é necessário recordar que foi no que toca á legislação colonial que mais largamente se evidenciaram os defeitos do liberalismo, que pretendeu transformar os negros em cidadãos e dar-lhes direitos que ainda hoje, na metrópole, os brancos não compreendem e de que não se sabem servir, e pretendeu assimilar e governar os sertões de Angola e Moçambique de dentro das secretarias do Terreiro do Paço, pautando, regulando, pretendendo acudir a tudo e usando para tudo a mesma bitola atrofiadora. Rebello da Silva claramente compreendeu o erro de essa centralização e a necessidade de fomentar as iniciativas locais: «E' essencial para os progressos coloniais a intervenção dos interessados na proposta e deliberação dos meios mais oportunos de melhorar o estado sanitário, de aumentar o numero de escolas e de cortar de vias de comunicação largos tratos de terreno, até hoje impenetráveis. Esta intervenção fecunda que os irá costumando a olharem com cuidado pelo que mais deve importar-lhes, longe de envolver o menor perigo estou certo de que se ha de em breve recomendar por utilissimos resultados».

Ao contrario das ideas dos ministros contemporaneos, e de muitos dos sucessores, Rebello, de acôrdo com a orientação moderna, vê no governador da colónia mais do que um simples governador civil que resida no ultramar e com razão entende que deve «alargar a esfera das atribuições da autoridade superior nos ramos de administração que própriamente lhe incumbem». Com razão diz que as colónias devem «contar como os recursos próprios da sua inteligência e dos seus cabedais», dando-lhes «a opção entre o progresso e a inércia, entre o melhoramento e o atrazo . . » «A metrópole emancipa-as da tutela e reconhece-lhes a maioridade e a capacidade. Se não souberem aproveitar-se da concessão, imputem a si a culpa.» Que sensatas palavras e como nos teriamos livrado de tantas acusações de atrazo e de incompetencia com que os estrangeiros e os que trabalham nas colónias ata-

cam os govêrnos, que, em verdade, na maior parte das vezes as merecem.

Justo é dizer porém que o decreto de 1869 não corresponde por completo a tão boas intenções e que o legislador ou não soube desenlear-se, de todo, dos moldes acanhados que teem caraterizado a nossa legislação ultramarina, ou não encontrou nos seus auxiliares quem lhe compreendesse bem o pensamento e o soubesse vazar nos artigos da lei. Mas também deve dizer-se que nem assim mesmo ela foi conservada e que os que se lhe seguiram ainda em alguns pontos emendaram para pior o que representava um louvável aperfeiçoamento. Assim em 1888 Barros Gomes condena as juntas de fazenda e manda aplicar ao ultramar os regulamentos de contabilidade da metrópole, e o governador, que Rebello da Silva considerava, com razão, a primeira autoridade da colónia, vê as suas atribuições em matéria de finanças centralizadas na mão do ministro e, pior ainda, fica por alguma forma subordinado ao inspector de fazenda a cujo visto tem de submeter as suas ordens de pagamento. Quere dizer, se Rebello da Silva não sonbe fazer uma obra perfeita, de organização administrativa, que de resto ainda hoje está por fazer, excedeu muito a capacidade dos seus sucessores, que não aperfeiçoaram o que de bom ele começou, como era facil de ver se não fosse demasiado longo passar em revista aos legisladores que seguiram os quais, com rarissimas excepções (em que além do dec. de 23 de maio de 1907, já citado, é de justiça notar o de 3 de novembro de 1881, do Cons. Julio de Vilhena) não tiveram sôbre o assunto as claras ideas do autor dos *Fastos da Igreja*.

Muitas outras foram, como já disse, as providências uteis promulgadas por Rebelo da Silva, sem que seja possivel ocupar-me de cada uma sequer das mais importantes. Citarei, para memória, os decretos de 17 e 18 de novembro de 69, que reorganizaram a divisão judicial das nossas possessões e estabelecêram a forma de recrutamento de magistrados para o ultramar; o decreto de 30 do mesmo mês que organizou a instrução publica (e que de resto além de defeituoso ficou em grande parte *letra morta*); os decretos de 2 e 3 de dezembro, que organizaram a força armada e os serviços de saude e obras públicas; o de 4 do mesmo mês, que organizou o processo para a pesquiza, concessão e laboração de minas (e que, ainda que não perfeito, vigorou até á publicação do decreto de 1898, de Eduardo Vilaça, e representava um sensivel progresso sobre a legislação anterior); o dec. de 22 de dez. de 1852, e muitos outros decretos para o ultramar, não falando nos aplicados á marinha, como a criação do comando geral da armada, a organização dos serviços do arsenal de marinha, etc.

Parece te-lo animado o desejo de separar os serviços de marinha dos do ultramar e de introduzir ordem e clareza nas organições dos orçamentos de êste. Assim por decreto de 1 de dezembro separou a contabilidade de marinha da do ultramar; a portaria de 23 de abril de 1870 ocupou-se da organização dos orçamentos das provincias ultramarinas; por decreto de 11 de março tirou ás juntas de fazenda das colónias a administração das estações navais e pelo de decreto de 4 de março de êste mesmo ano ordena que as despezas do ultramar sejam pagas pelos cofres das juntas, e não pelo cofre da marinha, por conta das provincias porque, diz acertadamente, «as verbas votadas no orçamento da marinha teem a aplicação designada na lei e inverter-se-hiam os mais elementares principios de administração se elas servissem para ocorrer as despezas que são propriamente do ultramar, onde teem a dotação correspondente.» Mais tarde estas sensatas palavras foram esquecidas e começou ao invez do que Rebelo da Silva condenava, a pagar-se despesas na metrópole «por conta do ultramar», o que levou Antonio Ennes a escrever: «*Por conta do ultramar*, e sem o ultramar dar por isso teem-se pago cousas espantosas na metrópole: subsidios a jornais, pensões a viuvas, livros, gratificações a empregados, despesas de festejos, que sei eu!» (*Moçambique* 2.ª ed. pag. 88), com inversão dos tais «elementares princípios de administração» a que Rebelo se referia.

De esta brevissima e no entanto enfadonha resenha podem os leitores avaliar que Rebelo da Silva deixou como ministro provas de inteligência não inferiores ás que deixou como escritor; estas foram muito melhor postas em relevo num dos passados numeros da *Alma Nova;* mas se aquelas o fossem da mesma forma ver-se-hia que apesar de «transviado do mundo das letras» ele soube aproveitar a sua lúcida inteligência para ser util ao seu país e superior á maioria dos seus contemporaneos e sucessores, como nos certificaram os decretos assinados pela «mão experta, válida e conscienciosa de Rebelo da Silva», não menos merecedora de esses elogios por assiná-los do que por escrever a história, como Camilo a elogiou (*Luta de Gigantes*, 4.ª ed. pag. 174)

J. Gonçalo Santa Rita.

Um inédito que Mario de Sá-Carneiro oferecera á ALMA NOVA

— NÃO —

A Fernando Carvalho Mourão

Longes se aglomeram
Em torno aos meus sentidos,
Nos quais prevejo erguidos
Paços riais de mistérios.

Cinjo-me de côr
E parto a demandar.
Tudo é Oiro em meu rastro —
Poeira de amor...

Adivinho alabastro...
Detenho-me em luar...

Lá se ergue o castelo
Amarelo do mêdo
Que eu tinha previsto:
As portas abertas,
Lacaios parados,
As luzes, desertas —
Janelas incertas,
Torreões sepulcrados...

Vitória! Vitória!
Misterio é riqueza —
E o mêdo é Mistério!...

O' Paços riais encantados
Dos meus sentidos dourados,
Minha glória, minha beleza!

(— Se tudo quanto é dourado
Fôsse sempre um cemitério ?...)

Heraldico de Mim
Transponho liturgias...

Arrojo-me a entrar
Nos Paços que alteei,
Quero depôr o Rei
Para lá me coroar.

Ninguem me veda a entrada,
Ascendo a Escadaria —

Tudo é sombra parada,
Silencio, luz fria...

Ruiva, a sala do trôno
Ecôa rôxa aos meus passos.
Sonho os degraus do trôno —
E o trôno cai feito em pedaços...

Deixo a sala imperial,
Corro nas galerias,
Debruço-me ás gelosias —
Nenhuma deita p'ra jardins...

Os espelhos são cisternas —
Os candelabros
Estão todos quebrados...

Vagueio o Palacio inteiro,
Chego ao fim dos salões...
Emfim, oscilo alguem!
Encontro uma Rainha,
Velha, entrevadinha,
A que vigiam Dragões...

E acórdo...
Chóro por mim... Como fui louco...
Afinal
Neste Palacio Rial
Que os meus sentidos ergueram,
Ai, as côres nunca viveram...
Morre só uma rainha,
Entrevada, sequinha
Embora a guardem Dragões...

.....
.....
.....

— A Rainha velha é a minh'Alma — exangue...
— O Paço Rial o meu genio...
— E os Dragões são o meu sangue...

(— Se a minha alma fôsse uma Princêsa nua
E debochada e linda...)

Lisboa, 1913 — Dezembro 14.
(Postumo).

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

David de Sousa

As minhas opiniões sobre musica são dogmas da minha Sensibilidade. Não ha que discuti-las. E' mesmo inutil procurar a Verdade nas minhas palavras. Não sou um critico, sou um crente. Tudo quanto escrevo sobre Musica, é dito intimamente de mãos postas.

N'um concerto sinfonico eu não procuro dominar a Orquestra, procuro ser dominado. Tenho mesmo uma formula rude para apreciar a a execução de qualquer trecho musical: os meus sentidos foram dominados? Gostei... Não foram? Não gostei... Só nesta ultima hipotese eu reparo nas deficiencias da execução. Sobra-me tempo para isso. De contrario, a musica é o alcool que me faz esquecer tudo: passo a não ver, a não sentir o que me cerca... Foge-me o corpo: fico só alma!

Concordo inteiramente com Camille Mauclair quando escalpelisa esses pobres eunucos de Beleza que vão para um concerto, espreitar, vigiar as fraquezas, as hesitações da execução, o que lhes dará á noite, no café, um certo prestigio ao comentarem: «Aquele naipe dos violinos...»

Pobresinhos! Como eu tenho dó deles... como estão longe da Beleza! Que fiquem na sua erudição... Deixemo-los deslumbrar os vizinhos escrevendo caracteres estranhos, á margem dos programas .. «Cepedant — diz Mauclair — le chant s'éléve, immortel et rieur allégé des gloses et distint de tout ce snobisme des scribes musicographes. Ils lisent mais n'écoutent pas. Pendant que le miracle se produit, que la fête des âmes s'illumine, ils prennent des notes; puis ils s'en vont, croyant avoir assisté au concert anxieux de rentrer pour préparer l'article qui donnera bonne opinion de leur savoir. Ce sont de pauvres gens. E'coutons l'orchestre et n'envions point leur état de pensée! Ils sont satisfaits de catégories et de théorèmes; en réalité ils n'ont rien etendu. Malheur à ceux que la déesse ne jette pas hors deux mêmes et qui restent froids lors qu'elle passe. Leur science n'est qu'un sarcophage couvert d'hieroglyphes ou ils croient avoir enfermé le miracle. Ils dorment auprès, gard jaloux et arrogants. Et alors la réssurrection s'accomplit la grande Forme indicible et pure s'éléve, plane, s'extasie et quand'ils s'éveillent auprés du sépulcre vide, il ne leur reste plus qu'a jetter leurs partitures et leurs carnets inutiles.»

* * *

David de Souza tem todas as qualidades indispensaveis a um bom chefe de orquestra: Imperio, Sugestão, Alma, Atitude.

David de Souza tem o segredo dos «Meneurs». Sabe conduzir, sabe arrastar. E' um chefe de orquestra, podia ter sido um tribuno.

Tem o poder estranho de contagiar os outros da sua Emoção. As chamas dos seus gestos pegam fogo á sua orquestra, os relampagos que lhe atravessam o rosto, iluminam-na toda.

Depois, David de Souza é bastante decorativo. A orquestra deve ter uma atitude estética. E' preciso que haja Beleza nos gestos bruxos do feiticeiro que misteriosamente faz mover a floresta dos arcos...

A batuta do maestro deve esboçar, indicar a intenção das melodias. Os gestos do chefe de orquestra devem ter a beleza caprichosa de hieroglifo... O maior maestro seria o maior bailarino.

* * *

Alem de tudo, nós devemos estar gratos a David de Souza.

Ele fez-nos conhecer os grandes mestres da musica moderna, a nós que ainda estamos na infancia da arte, como ha pouco o demonstramos na frieza com que recebemos os «Bailes Russos», essa excelsa maravilha.

David de Souza conduziu-nos a esse mundo novo que é a Musica Russa, cheia de orientalismo, languida, forte por vezes, por vezes indolente, toda ela um pesadelo, uma incoherencia.

Sem ele nunca teriamos conhecido a musica de Maurice Ravel, *esse poeta ironico*, na expressão de Romain Rolland — musica duma ironia requintada, cristalina... Nunca teriamos conhecido a musica de Paul Dukas, nervosa, descritiva, nova, dum desequilibrio inteligente, *dum desequilibrio equilibrado*. Nunca teriamos ouvido a sinfonia fantastica, essa monumental sinfonia que Berlioz certamente roubou a Satanaz... Muitas mais obras poderia citar. Este artigo porem já vai longo. Fecho-o portanto com a afirmação de que David de Souza pela sua arte, pelo seu talento, pela sua sensibilidade, é o unico maestro que possuimos.

18-12-917.

ANTONIO FERRO.

ARTE

I

Aspiração

A Constantino Fernandes

O' luz de inspiração, luz rara e pura!
O' Arte, que és rival da natureza!
Dai-me um fanal no mar da incerteza,
Formado pelas ondas da amargura.

Mal avisado anda quem procura
As seduções da efémera beleza,
Que muita vez nos dá, como surpreza,
Transes fatais, que levam á loucura.

Sómente a Arte pode, musa esquiva,
Impôr-nos fé ardente, rediviva,
E em certas almas suavisar horrores.

A Arte é pois a salvadora esp'rança,
Que o triste desalento ainda alcança
No mais imorredouro dos amores.

II

Glória

A Raul Xavier

E' arido o caminho, agreste o mato,
Muito no cimo fulge o Templo — Arte.
Ferozmente, num quase desacato,
Sobem fieis, que vêm de toda a parte.

E cada um pergunta: que hei de dar-te,
Em vão labuto, em ansia me debato,
Queria, finalmente, contentar-te,
Deusa de esquivo amor, de estranho trato!?

Ficam a meio aos centos, aos milhares,
Alcançando uma fama transitoria,
Ensanguentados, loucos, em esgares!...

Raros se firmam nos padrões da Historia,
Tornando-se na vida luminares!...
Ah! como vive longe e alta a Gloria!

III

Imortalidade

A Saavedra Machado

Percorre a via-látea da esperança,
Buscando inspiração ansiosa e vaga,
Quem ao preito da Arte se abalança
E pelos sonhos ideais divaga.

O desengano vem, perturba, esmaga,
A prosa vil da vida não se cansa,
E a negra fome é muita vez a paga
Que tem o sonhador na desesp'rança.

Mas, como o norte guia o navegante,
A luz do Belo sempre se divisa;
No cintilar dum sol esbraseante,

Como que novamente nos bátisa.
A Arte vence, emfim, perpetua amante,
Se um bafejo do genio a imortaliza.

CRUZ MAGALHÃES.

ARTISTAS DE PORTUGAL

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUÊSA CONTEMPORANEA

(ANÁLYSE, CRITICA E BIOGRAPHIA)

II

Eduardo Gil Romero

Eduardo Romero é bem conhecido das exposições da *Sociedade Nacional*, onde se fez notar pelas series de quadros do *convento dos Jeronymos*, e de *naturezas mortas*. De apurado sentimento artistico, é cada uma d'ellas differenciada pela necessaria expressão technica de tão desviados géneros de pintura.

Mettido profissionalmente no symbolico e soberbo casarão dos freis jeronymos, obedeceu ao ambiente. Psychologicamente absorvido nas penumbras manuelinas dos claustros e do templo, viu como pintor os valores da luz diffusa nos relevos estranhos do lioz. E elle feito frade leigo por momentos ahi está a seguir os raios fugazes 'do sol que incide nas pedras avelludadas pela pátina dos seculos. Por isso, vae crescendo a serie de aspectos do convento, em quadros que poderiam chamar-se physiognomicos da abbadia quinhentista. Em 1913, expôs um *claustro* (n.º 267 do *Catalogo*, pag. 24); em 1914, o *côro*, e outra face do *claustro* (n.ºs 338-9, pag. 42); em 1919, outro aspecto do *claustro*, o *lavabo*, um *trecho da igreja* (n.ºs 322-4, pag. 39), com o que neste anno, fez um curioso cyclo; em 1917, a *capella baptismal* (n.º 252, pag. 38). Estes sete quadros, em que o pintor desenvolveu a habilidade de *petit-maître* hollandês nos pormenores da composição, nesses infinitamente pequenos indices do valor da obra, e com ella do autor, são pintados a oleo. Mas a série que se saiba, e informo-me dos catalogos das exposições da *Sociedade Nacional*, tem mais um elemento, e este feito a aguarella: *trecho da porta principal* do templo (n.º 158, pag. 23); são pois oito ao todo. Pelo encanto com que se inspira das pedras heroicas, e transmitte a inspiração, vale bem o lugar que, sem alardes, mas serena e seguramente, vae firmando na historia de arte contenporânea. E' dos pintores que nos dão pela côr a hora; a estação, quasi o dia, com que pintaram, tão do grato estimulo de Ramalho Ortigão.



EDUARDO ROMERO

Nas *naturezas mortas*, Gil Romero vae fazendo uma especialidade, nesse genero que o mestre Columbano impôs em soberana altura, e lhe transmittiu. E', dentro da arte da pintura, um genero popular ou democratico, e interessa reparar nas côres aristocraticas que a miude lhe emprestam. A côr sobria do mestre, rica de valor de paleta, prolonga-se em proximo parentesco esthetico e technico em este discipulo, intelligentemente disciplinado e conservador á maneira dos pintores do Renascimento. Pinta flores e fructos. Em 1913, expôs *crysânthemos* (n.º 266 do Catalogo, pag. 24). Em 1915 uma *melancia*, e uma *abobora* (n.ºs 325-6, pag, 39); em 1916, *fructas* (uvas, pessegos, em composição,) que é talvez o melhor quadro de *natureza morta* dos ultimos tempos, pelo bom gosto, como pela execução (n.º 155, pag. 33); em 1917, uma *natureza morta* (n.º 254, pag. 38); estes a oleo; e a aguarella, em 1916, *fructas* (n.º 160, pag. 23).

Applica tambem a sua actividade artistica ao *retrato*, a oleo, aguarella e traço. Se na *natureza morta* lembra o mestre e bem lhe fica a honestidade da sua arte, no *retrato* affasta-se completamente. A qualidade superior da pintura seria é o desenho, e Romero desenha com regra e precisão. Para o retrato, alliando este preceito á frescura e ductilidade, eis o bom retratista. E Romero, sem se ter abalançado a grandes lances, tem feito, sempre *petit-maitre*, alguns retratos bons; lembro a *Bacchante*, de 1916 (n.º 159, pag. 23) a aguarella; e a *Apprehensiva*, *Cabeça de garoto*, e *de revez*, 1615 (n.ºs 241-3, pag. 33) a desenho, e outros desenhos de 1916, entre elles o retrato de *Saavedra Machado* (n.º 261-3, pag. 32).

Ultimamente faz desenho e aguarella de *illustração de livros*, a que dá o cunho leve e gracioso de gosto moderno, mais em concordancia com o verdadeiro caracter das figuras de pagina. Recordo *O nosso Portugal* de um livro infantil de Pinto Ferreira (1916) com reproducções na *Alma Nova*, n.ºs 17-18 e 20,

e o *Anuario da Casa Pia* de Lisboa, de 1915-16; em capa o 3.º numero da revista *Terra Nossa* (aguarella).

Eduardo Romero tem no meio artistico de hoje uma figura curiosa de pintor em equilibrio.

LUIS CHAVES.

ESTUDO BIOGRÁFICO

O Pintôr Eduardo Gil Romero nasceu em Lisboa a 14 de Maio de 1888 e é filho de José Romero Alonso e D. Rosalina Maria Romero.

Por morte d'aquele, em janeiro de 1896, entrou, em Novembro do mesmo ano, para a Casa Pia de Lisbôa, instituição benemérita á qual ficou devendo a sua primeira educação. Aos 15 anos de idade, sendo então aluno dêste estabelecimento de ensino, teve o artista a infelicidade de perder a mãe, e dois anos depois de se ter aplicado ao estudo com vontade, completava os cursos de Comércio e Telegrafia. Foi durante a sua permanência na Casa Pia de Lisbôa que se manifestaram as suas aptidões artisticas, e, sobre elas exerceu talvez grande influência êsse magnifico mosteiro dos Jerónymos sob cujas abóbadas Eduardo Romero passou grande parte da mocidade.

Foi ali, durante as horas de recreio e sempre rodeado dos seus pequenos colegas e admiradores que o jovem e predestinado artista se entregou muita vez á deliciosa tarefa de desenhar vários trechos do monumento, e foi ali tambem que fez vários desenhos nos pequenos jornais manuscritos dos rapazes dêsse tempo, para os quaes lhe era solicitada a colaboração.

Ao ver concluidos os seus cursos, Romero acalentava a esperança de poder alcançar uma proposta da Direção da Casa Pia, proposta pela qual podesse dar entrada na Escola de Belas Artes de Lisbôa, mas essa esperança desfazia-se dentro de breve tempo e justamente quando o moço artista tinha já lavrada a sentença de ir ocupar um logar de telegrafista e de cujo éxito futuro duvidava no entanto, por não ser esse o seu verdadeiro ideal.

Um dia, porem, vendo quasi perdidas as risonhas esperanças que sonhara, Eduardo Romero foi chamado á presença do antigo provedor Costa Pinto e foi obrigado a fazer-lhe a caricatura com a qual êle se mostrou muito satisfeito. Foi certamente êsse inofensivo mas gracioso desenho, junto a uma proposta de Alfredo Soares, ilustre sub-director do estabelecimento onde Romero foi educado, que decidiram da sua entrada na Escola de Belas Artes de Lisbôa, em Novembro de 1905. Ahi encontrou no 3.º ano do Curso Geral de Desenho o seu condiscipulo da Casa Pia e meu desditoso e grande amigo Dias Serras, a quem a morte surpreendeu num periodo brilhante de trabalho.

Estudante dos mais aplicados e distintos, Eduardo Romero obteve na Escola de Belas Artes de Lisbôa as seguintes recompensas:

— No 1.º ano do Curso Geral, medalha de bronze; no 2.º ano menção honrosa; no 4.º ano do mêsmo curso, medalha de bronze.

No 2.º ano do Curso Especial concorreu pela primeira vez ao premio Lupi, que conseguiu obter, e no 3.º ano pintou o seu primeiro quadro sobre o tema «Danae e a chuva de oiro», tela que mede 0m,90×1m,00 e da qual conservo o esboceto. — No quarto e ultimo ano do mêsmo curso, em 1914, executou, como prova final, um quadro que mede 1m,00×1,20, «Leda e o Cysne». Nêle obteve a 1.ª classificação e recebeu tambem o premio Ferreira Chaves correspondente a êsse ano e ao anterior.

— Ainda estudante, em 1913, Eduardo Romero concorre pela primeira vez á Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes onde apresenta três quadros a oleo, sendo dois dêles adquiridos por um amador. Êsses 3 quadros foram premiados com mensão honrosa. Eis os titulos:

Auto-retrato
* *Chrysântemos*
* *Claustro dos Gerónymos*

— Em 1914 expõe na Sociedade Nacional 4 quadros a oleo:

Retrato do professor Armando Oliveira Brandão
Rosas
Coro dos Gerónymos
Trecho do Claustro

— Em 1915 volta a concorrer á Sociedade Nacional com 6 quadros a oleo:

Claustro
O Lavábo
Trecho da Egreja (Gerónymos)
Poente
* *Abóbora*
* *Melancia*

No mêsmo ano concorreu com duas àguarelas e 3 desenhos á exposição que d'essas especialidades fez a Sociedade Nacional de Belas Artes.

Os desenhos apresentados foram:

Apreensiva
De revez
Cabeça de garôto

As àguarelas:

O mendigo
* *Estudo*

— Na exposição da Sociedade Nacional de 1916 expõe um unico quadro a oleo adquirido pelo sr. Presidente da Republica:

* *Fructos*

— Concorre ainda no mêsmo ano á exposição de aguarela, desenho e miniatura da referida Sociedade com as seguintes àguarelas:

Gerónymos (trecho da porta principal)
Bachante
Fructos

E os seguintes desenhos:

Retrato de Sacadura Machado
Friorenta
Orphãs
Estudo

— Finalmente, á exposição promovida pela Revista *Alma Nova*, no salão de S. Carlos, em 1917, concorre com os seguintes quadros:

A OLEO:

* *Côro dos Gerónymos*
Natureza Morta



ESTUDO

CARVÃO DE
DIOGO DE MACEDO

A AGUARELA :

Paianças Portuguêsas
Candieiro antigo

DE DESENHO :

* *Arrogante*
Meditando
Cabeça de garôto

DE ILUSTRAÇÃO :

Paisagem
Caravela

* * *

Tendo terminado os seus cursos de Arte, sempre como pensionista da Casa Pia, Romero veio a êste estabelecimento de ensino ocupar a cadeira de professor de desenho e é-lhe tambem confiada a direcção da oficina de pintura decorativa, tendo prêviamente recebido lições d'essa especialidade na Escola Industrial Afonso Domingues, onde teve por mestre o ilustre artista João Vaz. Ultimamente o dr. Costa Ferreira, antropólogo notavel, educador competentissimo e homem de trato primoroso, que hoje dirige, com notavel competencia a Casa Pia de Lisboa, encarregou tambem Eduardo Romero de decorar a sála-escola Alexandre Herculano do mêsmo estabelecimenio de educação, e á data em que escrêvo estas linhas, o nosso artista, restaura, na companhia do conceituado professor Pedro Guedes, uma pintura a fresco que se encontrava bastante deteriorada num dos tetos do edificio.

Ultimamente Eduardo Romero pintou alguns retratos magnificos de desenho e de colorido. Como ilustrador, a sua actividade produziu muitas das magnificas ilustrações do livro *O Nosso Portugal* do meu amigo e distinto professor Fernando Palyart Pinto Ferreira ; ilustrou a capa do livro *Minha Pátria*, de Mateus Moreno, meu companheiro na direcção da *Alma Nova* e seu fundador, e a do livro *Guitarra de Cravelhas*, de Domingos Serpa ; e tem ainda ilustrações no anuario da Casa Pia de Lisboa, de 1915-16, e na revista *Aguia*, n.º 49, 2.ª serie, e na *Alma Nova*, n.ºs 15, 17, 18 e 20, 2.º volume. E' dêle tambem a capa n.º 3 do mensario alemtejano *Terra Nossa*

Tanto o pincel como o lapis dêste grande quão modesto artista não se entusiasmam com falsas grandezas. Romero procurou sempre o estudo de que necessitava na contemplação sincera dos quadros dos mestres e nos aspectos sempre variaveis mas belos da Natureza. Moço ainda amou e procurou compreender as telas notabilissimas de Silva Porto e Alfredo Keil. Do ultimo prenderam-lhe especialmente a atenção, entre outros, os pequenos quadros que representam trechos arquitetónicos, genero êste que Romero cultivou e cultiva tambem com muito agrado. E' um admirador convicto das pinturas bem portuguêsas de Ramalho e de Malhôa, e, acima de tudo, um apaixonado sincero da arte superior de Columbano, seu ilustre mestre. A predileção do nosso biografado na pintura de interiores fazem-no ainda um admirador da escola Holandeza, onde se notabilizaram na especialidade, Gabriel Metzn, Gerardo Terburg, Pedro Hooch e Teniers. Por isto e pelas qualidades tecnicas de que dispõe, não vejo na moderna geração de artistas nenhum que pinte, como Eduardo Romero, com maior naturalidade e competencia, êsses pequenos mas deliciosos quadros de natureza morta, indispensaveis sêmpre em qualquer galeria de Arte que se preze. Póde mêsmo dizer-se que é essa uma das feições mais especiais da sua arte e aquela a que o artista se dedica com maior paixão. E tanto assim é que Eduardo Romero alargou um dia, inesperadamente, as proporções das suas pequenas e encantadoras telas de natureza morta, e mostrou-nos, numa nova tela de bem maiores dimensões, a prova magnifica, e já agóra irrecusavel, dos seus recursos como um grande pintor dêsse genero de trabalho. De todos os discipulos de Columbano e adentro da já citada especialidade, Eduardo Romero é aquêle que melhor tem seguido até hoje na esteira do grande mestre. Resta apenas que o nosso biografado apresente brevemente ao publico o precioso trabalho que tenho o prazer de anunciar agóra e que desejo ver depois a caminho duma exposição ou dum museu. Num paiz como o nosso, pode afoitamente dizer-se que a maioria dos artistas novos precisa mais ou menos de estimulos e de recompensas que animem o seu trabalho. Dar alento aos que se entregam a êsse trabalho, com a dedicação de Eduardo Romero, deve constituir para quem o dá um dos mais elevados prazeres morais que se conhecem.

Desde os bancos da Escola que me habituei a ver no grande e modesto artista de que estou falando, o trabalhador calmo que vive constantemente embebido no seu sonho de pura arte. E jámais o seu olhar deixou transparecer as misteriosas dôres ou os ignorados sacrificios que devem residir na alma de todos os que lutam por um ideal. Jámais os seus desanimos, se os teve, o fizeram fraquejar por um momento só que fosse. E ninguem dirá, ao vêr a face dêste pintor ossuda e magra como a de Cormon, ninguem dirá ao encontrar-se na presença dêste rapaz acanhado e simples, que êle seja, como de facto é, um grande e incansavel artista, e um forte e persistente lutador. Por estas razões justamente realçadas pela maior das modestias e belas qualidades de caracter de que dispõe, é que o nosso biografado de hoje é bem digno de triunfar.

J. SAAVEDRA MACHADO.

*

No proximo numero segue-se o perfil do paisagista Armando de Lucena. E nos seguintes os dos artistas Dordio Gomes, Maximiano Alves e muitos outros.

Nota — O asterisco indica os quadros vendidos.

POEMAS DA GUERRA

As arvores

A' amizade de A. Bustorff

Arvores destruidas.. Olha as Noivas
Que perderam os Noivos bem-amados
E vão pelos terraços devastados
A entoar o cantico das Loizas...

Olha as Noivas sem Par... Ao alto, o céu
Veste o luto da Magua e da Incerteza,
E toda em volta a propria Natureza
Chora o açoite rude que as perdeu!...

Longe passam casais martirisados
Em romaria ascética, com elas,
Enquanto um joven sol, semeador de estrelas,
Põe ondulações rubras nos telhados.

Longe... E elas caminham, sim, lá vão,
Espectros de si mêsmas sobre a Terra,
Em que a alma de Cain ressurge em Guerra
E a de Satan perpassa em Furacão!

E quando o Norte as tóca, impiedoso,
E mais feroz lhe arranha os braços nus,
Como eu persinto o grito de Jesus
Nos gritos do seu chôro clangoroso!

Desgrenhadas e mártires... sósinhas. .
Ah! quanto horrôr no chôro que as transvia!
E as suas mãos são gestos de agonia
Amedrontando até as avesinhas!

França, 12-10-917.

MATEUS MORENO.

Depois da guerra

Conversava uma noite com um comerciante holandês no *hall* do Hotel Weimar, em Rotterdam, — um daquêles holandêses maliciosos e velhacos, que não olham direito para as pessoas, afim de evitar que se lhes adivinhe a má intenção, desconfiados, desejosos de dinheiro, eivados de negocio e de manhas. A guerra e as influencias que ela tinha no comercio (impossivel se torna não falar no comercio onde esteja um holandês), constituiam o assunto dominante da conversa. O meu interlocutor deliciava-se com uma chávena de café que um português meu amigo lhe tinha oferecido, tomava por vezes atitudes de grande homem, chupava o *havano* e soprava grandes baforadas de fumo. Nestas ocasiões era de esperar sempre uma frase: patenteava o seu anglofilismo que eu punha em contradição com o intenso comercio que êle fazia com alemães, directa ou indirectamente, ao que me replicava logo que o comercio não tinha bandeira; fazia considerações sobre tudo e dizia sempre banalidades; e entre uma baforada de fumo e um gole de café de Java, sem mais comentarios, diz-me:

— Tenho a certeza absoluta de que, depois da guerra, haverá um resurgimento de energias.

Quiz-lhe preguntar em que razões se baseava para me fazer aquela afirmação; mas deitando fóra a ponta do charuto, sorvendo o ultimo gole de café, o meu holandês pedia o chapeu e a bengala ao *chasseur*, e apresentava-nos as suas despedidas. Eu e o meu amigo português, silenciosos, um porque pensava naquela frase um tanto misteriosa, o outro porque pensava talvez no seu negocio, enfiamos os nossos sobretudos e dirigimo-nos para o *Skating Rink*.

* * *

Passára-se quasi um mez. Nos ocios a que me obrigava a estada numa casa de saude, lembrava-me da frase do comerciante holandês, procurava desfiá-la, encontrar-lhe qualquer coisa de sensato; tinha o presentimento de que não era tão vaga como se me afigurava, tão banal, mas não achava um argumento que lhe servisse de base.

Pois se essa Mocidade, sempre aberta ás novas ideias, sempre viva e energica, disposta a aplaudir uma empreza grandiosa e a meter ombros á tarefa de a realisar, estava sendo ceifada nesses campos de batalha da Europa; o resto, gente velha e fatigada não poderia certamente fazer um esforço no sentido do resurgimento, por mais pequeno que êle fôsse. Devo dizer que a estas reflexões presidia bastante do portuguesinho sentimentaleiro.

Foi nesta disposição de espirito que parti para Inglaterra, o grande Imperio, cuja diversidade de elementos e unidade de acção são motivo de espanto para todo o mundo.

* * *

Tinha lido algures, creio que na *Revue Pédagogique*, um artigo de Emile Boutroux, sobre o espirito americano. Segundo êle «o Americano considera trez filosofias: 1.º O *materialismo*, segundo a qual a natureza é, no fundo, inerte, passiva e eternamente identica, de modo que o que nós chamamos actividade, vida e progresso é uma perfeita ilusão. — Comentário-*filosofia de escravo*».

«Ha uma filosofia mais elevada, actualmente em fóco no velho mundo e que parece em geral contentá-lo — o *evolucionismo*. Segundo esta filosofia, a vida é uma realidade irreductivel do mecanismo que caracterisa a matéria bruta, mas por outro lado a função da vida não é mais do que a adaptação do povo ao seu meio, ás condições da subsistencia.

Esta filosofia, superior sem duvida ao materialismo, é ainda deprimente. O homem está encerrado numa prisão onde o que êle pode sonhar de mais sublime, é convencer-se que não pode saír dela».

«Ha uma terceira filosofia de que os Americanos têm o presentimento: é a filosofia da independencia, da liberdade e da producção original. Segundo esta filosofia, ***homem não é uma coisa mas uma força***. Não se adapta unicamente ao meio, adapta o meio ás suas necessidades, muda a face da terra, ***cria e cria-se***. A conclusão deste modo de ver é que o futuro não é uma coisa feita que devemos esperar: ***o futuro é o que nós quizermos***».

Este espirito de liberdade manifesta-se perfeitamente na literatura americana, Van Dick diz num dos seus versos:

I know that Europe's wonderful but somethings learn to lack;
The past is too rich with her and the people looking back
But the glory of the present is to make the futur free;
I love our land for what she is and for what she is to be. 1

Chegado a Inglaterra, apenas tomei lugar no comboio que de Tilbury me conduziu a Fenchurch Street, comecei a ler furiosamente os jornais inglêses, procurando conhecer esse Imperio colossal que é o Imperio Britanico. E devo dizer que essa leitura não foi improficua; permitiu-me apreciar que o espirito de preparação e confiança no futuro que Boutroux diz latente nos Americanos, encontra-se igualmente nos Inglêses: a Inglaterra pensa no presente e no futuro.

No «brouhaha» das ruas londrinas, eu, contemplando todo aquêle movimento intensissimo,—gente apressada que vai aos bancos, costureiras loiras, gentis, de olhos de um azul belo que correm atraz dum *bus* cujo motor resfolga fortemente, viaturas de toda a especie que se cruzam num vaivem apenas interrompido pelo signal dum robusto *policeman*, — pensava sempre no enigma que para mim era a frase do comerciante holandês e de que a Inglaterra me ia dar a chave.

A Inglaterra pensava no presente e no futuro: tratava de modificar o que tinha reconhecido como defeitos para o que aproveitava os ensinamentos que tirou da conflagração. E os artigos dos jornais intitulados *After the war* seguiam-se constantemente todos sempre com um unico fim: crear uma nova Inglaterra.

Como?

Quasi se torna incompreensivel que a chamada conservadora Inglaterra tivesse evolucionado tanto. Esse espirito conservador é, porem, mais ficticio do que real, menos intimo que exterior.

---

1 Eu sei que a Europa é admiravel, mas parece ter um defeito:
O passado tem muito valor a seus olhos, e a gente contempla-o em demasia;
Contudo, a gloria do presente é fazer o futuro livre:
Eu amo a nossa patria pelo que é e pelo que será,

The Globe, de 10 de Janeiro ultimo, num dos tais artigos então publicados quasi diariamente por varios jornais e cujo assunto era sempre o *After the war*, dizia:

«When the war is over we shall need to take stock in all the departments of our national life, and in none than in the education of the young».

e mais adeante:

«We are perhaps by nature the most inventive race in the world. Our history schows it. *But invention does not come haphazard*; it is the product of long thougt or of happy inspiration on the part of a man who is already satured with a scientific knowledge of this subject. *Neither aniline dyes nor high explosives are discovered by people who are not scientific chemists*, and though here and there some fortunate notion may strike a man who has had no scientific training, the increasing complexity of modern products makes such an event more and more unlikely every day. *Nations must invent or they cease to progress, and stagnation is the mother of the decay*. [1]

Acentuemos bem esta frase: *As nações devem inventar ou cessarão de progredir, e a estagnação é a mãe da decadencia.*

Quando inventou Portugal?

Não só *The Globe*, todos os jornaes inglêses conduzem uma campanha neste sentido. *Evering News*, num artigo intitulado *The boy under eighteen*, escrevia:

«On the supply of skilled workers depende our national trade, and it the war brings home to us with greater force the urgent need to secure this supply by an organised system of education and betterments, then a great good will have come out an appaling evil».

«The raw material of this supply is the boy under eighteen and he must receive adequate preparatiou for employment». [1]

Decifrava enfim o que o holandês queria dizer com a sua frase emigmática.

O retemperador de energias era a transformação dos métodos educativos, no sentido de tornar mais metodicada a educação técnica dos jovens. Seria esta a solução que o meu homem conhecia? Não sei, mas a que eu achei, satisfazia completamente o meu espirito.

* * *

Vimos como a Inglaterra, a grande Inglaterra, sente a necessidade de transformar a sua educação; vimos que essa reforma tem de se fazer sentir principalmente no campo da técnica.

Em Portugal que se faz? Pensou-se no centenário da tomada de Ceuta, que pretendiamos celebrar feericamente, pensamos agora no restabelecimento da Ordem de Christo, mas muito pouca gente pensou que, tendo sôbre os ombros quasi oito seculos de parasitismo constante, só um método pedagógico, são e inteligente, a ***pedagogia do trabalho***, como já lhe chamou um português ilustre, nos poderá preparar um futuro, não digo grandioso, mas bom.

E' que nós, Portuguêses, temos olhado muito para o passado e

The slave of his past is not a man.

Aos pedagogos compete agora crearem, adaptarem os métodos educativos de que carecemos e que nos habilitarão a suprir ás nossas necessidades, abrindo assim um futuro amplo e digno dos nossos vindouros.

Lisboa, 20 de Julho de 1916.

AMILCAR DE MASCARENHAS.

---

1 Por natureza, nós somos talvez a raça mais inventiva do mundo. A nossa historia mostra-o! Mas a invenção não aparece por acaso; é o producto de profundo pensamento ou de feliz inspiração da parte de um homem que já está saturado de um conhecimento scientifico deste assunto. Nem tintas de anilina nem grandes explosivos são descobertos por individuos que não sejam quimicos scientificos, e ainda que aqui e ali seja permitido a um homem que não teve educação scientifica, atingir algumas afortunadas noções, a sempre crescente complexidade dos modernos productos, torna semelhantes acontecimentos cada vez mais raros. As nações devem inventar ou cessarão de progredir, e a stagnação é mãe da decadencia.

1 O nosso comercio nacional depende do fornecimento de operarios adextrados, e se a guerra nos trouxe com mais força a urgente necessidade de assegurar este fornecimento por um sistema de educação e melhoramentos, um grande bem resultará de um terrivel mal.

A materia prima para esse fornecimento, é o mancebo menor de dezoito anos, que deve receber uma preparação adequada para o seu emprego.

A uns cravos

— Ó purpurinos Crávos, quando aquela
Fada gentil que, assim, vos ha dispôsto,
A face, contra vós, puzer de encôsto,
Dizei-lhe quanto a adoro... e que por Ela

A minh'alma suspira... que, de vê-la,
Tôda estremece de emoção e gôsto...
Dizei-lhe ainda que o seu lindo rôsto
É, para mim, a [illegible].

E, se ao ouvir-vos, Ela, comovida,
Baixar os ólhos, como embevecida
Num vago pensamento... então, sem pejo,

Curvai-vos, rubros Crávos, suavemente,
E poisai-lhe na bôca, castamente,
Um delicado e perfumoso beijo...

ROLANDO DE VIVEIROS.

De Portugal á Flandres

(Cinco cartas da guerra a cinco companheiros de lutas)

I

Para os colegas, amigos e leitores da «Alma Nova».

França, 20-4-917.

Escrevo; quéro cumprir o dever de sempre ser fiel a todas as promessas, quéro recordar mais uma vez com saudade todos os entusiasmos da despedida. É a primeira da série; não será a ultima. Paginas cheias da fé de um soldado que sente ainda, como um éco ancestral, o orgulho da sua raça? Gritos duma vitória ousada aclamando o triunfo da Liberdade e da Justiça? Não sei se elas o serão; desta pouco se aclára. Esforçar-me-hei, não obstante, por traduzir com precisão quanto no espelho da minh'alma todo o espectaculo estranho desta horrorosa guerra fôr impressionando, gravando, chamando á ousadia.

Vamos, porém, ao que ora nos é mistér.

Evocação de idades que vão longe, muito longe, como os resplendores da sua gloria? Renovo de uma esperança que o cataclismo dos Factos de ha muito tinha prosternado? Alguns querem que seja... que seja tudo isto... Eu não... não sei... Enfim, partimos. D'onde, não vem ao caso. Precisar tambem a hora vespertina a que no alongar dos olhos e do sentir se nos foi extinguindo, diluindo na bruma do distante, a iluminação citadina, igualmente não importa, — é nos até defezo revela-lo. Saiba-se, no entanto, que o foi em uma noite tépida, suave, quasi embaladora, como só o sabem ser as do nosso Portugual!

O transporte que vai conduzir-nos é um velho transatlantico inglez, monstruoso e desconforme. Caminha para França. A que porto? Mistér é ignora-lo, tambem. Manhã cêdo acordamos em pleno Oceano. Por toda a parte o Grande-Mar, imenso, ilimitavel.

Vigilante, como um dragão, cavalgando ondulações, um *destroyer* avança perto.

Sete horas. Um criado desce á cabine, resmungando um inglez árido. O meu companheiro, mais avezado do que eu ao solfejo de linguas, respiga um *good morning*. O creado abre um lavatorio, esvasa na bacia um jarro de agua quente, e sae. Um fumozinho branco ascende, no silencio, em curvas caprichosas; o meu relogio torna a ouvir-se...

Atravez das vigias mal se apercebe o sol, diluindo-se amareladamente na electricidade da cabine. E a maquina resfolga sempre. O balanço do navio e o seu constante ruído entorpece as vontades. Quasi oito e ainda nos falece energia para levantar um braço; só o aviso para o almoço nos consegue acordar de vez.

*

Oito dadas. Subimos. No tombadilho ha olhos cheios de saudade demorando-se na curva de uma nuvem distante. Onde ficará Portugal?... De novo um outro creado, como que a reacordar-nos... passa; e abancamos.

Uma larga mêsa toda brilhante de cristais alvos e faianças, onde um cartãosinho encimado de uma tricromia quasi feliz apregôa em português péssimo, a complexidade do *menú*. Ha complicações... na escolha. Muitos, faltando-lhes os termos em inglez, apontam com o dedo, ao acaso...

Era um *menú* razoavelmente exótico, não haja duvida. Eu, pelo menos, confeço que nunca supuz ir a um navio inglez, em pleno Atlantico, encontrar figos algarvios guisados com arroz, talvez da China ou do Japão...

Contudo, ninguem se levantou da mêsa sem mostrar-se um ótimo continuador das bôas regras de Epicuro...

*

O navio agora oscila um pouco mais. No tombadilho agrupam-se as velhas afeições. Quantos tornarão desta viagem?— perguntam-se os olhares; e os animos enfraquecem. Breve, sobre todo o navio, paira, como que em uma nevoa espessa, a sombra do enjôo. Os mais fracos desaparecem ou dormitam encostados. Sobre aquela mocidade irrequieta e comunicativa parece haver caido um ar devastador. Paralisou todo o bulicio da primeira abalada; paralisou todo o entusiasmo de ver o sol e o mar. Os proprios cavalos e muares relincham surdamente, lá em baixo...

*

Ás tres é o jantar. Sôa o aviso; na minha mêsa ha lugares vasios. Outros colegas aparecem muito pálidos para em breve desaparece-

rem mais pálidos ainda. O Mar e o Céu, contudo, mal os encrespa a viração.

Subo ao tombadilho, percorro todo o navio; vencidos pelo enjôo, os soldados são montões de carne humana, onde se ignora o escrúpulo das diferenças e dos sexos. Mixturam-se, abraçados, enleados, acotevelados como a hera que lhes prende os destinos e ousadias... Os olhos transviaram-se... Ei-los...

*

Depois do chá das quinze e meia avisam para o jantar. *Six-ó-clock*. Precisamente ás dezoito, — *precisamente*. Os inglezes nunca faltam ás horas; estas é que lhes podem andar, ás vezes, um poucochinho *falhadas*... E' assim mesmo... Porêm, quando tal acaso lhes sucede teem ainda um processo muito *prático*, e decente, que eu não deixo de aconselhar aos *praticos* do meu cantinho. Mr. *Time* que depois se queixe, se se sentir lezado; eu não, d'esta vez, nem o meu relogio, — que foi o ótimo *Nick Winter* de semelhantes *façanhas*...

Mas vamos ao jantar, que *o tempo é dinheiro*, como lá dizem os mesmos. E talvez por que o estomago não seja amigo com quem se possa brincar muito, ou porque o convivio com o mar facilite á corágem, o certo é que os lugares sem ninguem rareiam sensivelmente. Ha contudo retardatarios...

E o mar, todo em redor, é sempre o mesmo mar, enorme, ilimitado, enigmatico, imenso...

*

Alguns dias assim decorridos, e eis que no longe se apercebem umas sombras de rochedos. Correm minutos e divisamos faróes. Será o nosso porto? Varias embarcações costeiras vogam a poucas milhas.

No mar que vamos sulcando fluctuam á tona destroços de um torpedeamento. Centenas e centenas de pipas e barris. Ha ansiedade nos peitos. Mais um arranco e — Eia! — surge o grito da terra! Eia! Á prôa do navio ha braços soerguidos como numa prece de victória... Dia claro e alto em todos os corações!

— «Terra»!...

Ah! vós outros, que nunca viajastes nestes tempos inacreditaveis de rudeza e selvagerias, vós outros que não sabeis o que é acometer o mar infindo em toda a hediondez dos seus perigos imanentes, vós não podeis fazer sequer uma pálida idéa do que é ver terra, terra afeiçoada e bôa como a de França, depois de varios dias de unico convivio com o rúir das vagas, o céu, e a incerteza da chegada!...

Entrámos manhã alta. O navio ficou ao largo. A costa franceza parecia elevar-se no longe como um lutuoso farrapo. Numa aberta de sol pudémos admira-la, vel-a como que mais de perto. Era verdadeiramente sem brilho, sem formosura, quasi...

Patria! Meu lindo Portugal! Costas d'oiro formosas, que o mar e o céu abraçam no mesmo elo de amor! quem não vos lembrará sempre, com infinita saudade, ante provas assim patentes da vossa beleza incomparavel! Para vos sentir a grandeza, a ousadia suprema de quanto, sim, valeis, é necessario vir admirar-vos assim longe, muito de longe, assim atravez da alma!

II

A paisagem. a lingua, a hospitalidade e a mulher francêsa.

França, 22-5-917.

Procurei na minha primeira carta dar algumas impressões da nossa viagem pelo mar. Só de passagem rápida, com o comboio á espera, nos foi permitido conhecer a cidade a que aportámos. Saimos do navio quasi em formatura. A' passagem pelas ruas, acumuladas de damas de luto e erectos militares de quasi todas as nações, sentimo-nos como que transportados á nossa Lisboa longinqua. Olhares jóvens, cheios de afago, abrem-se sobre nós. Atento, atravez de uma montra, certa mãosinha que saúda, e quasi sou tentado a ficar ali, se uma loirinha que passa me não toca *inadvertidamente* no braço para me dizer — *pardon*, na mais deliciosa das entonações. Guia-me até á estação proxima; e ao partirmos, atravez de uma grade extensa oscila um lenço branco...

O comboio segue. Nem todos levamos já a mesma direcção. Alguns vão para o Hospital. De mim quasi nada sei; conto ser, não obstante, dos que vão para mais longe. No meu compartimento vae um poeta — o mesmo do navio. Insensivelmente abordamos assuntos de literatura e conseguimos discordar. E' quasi todo Junqueiro. Recita-me, ao acaso, trechos do «Simples» e da «Morte de D. João».

O comboio avança moroso, quasi solitario, convidando á admiração dos longes, da Distancia... D'entre o bosque de uma colina surge um «chateau» antigo, á direita. Mais adiante, uma igreja pequenina ergue-se em agulhas enormes, muito esguias e muito plumbeas, d'entre o gris da paisagem. Esta, por sua vez, imita-a, mãos asceticas e muito unidas, como numa préce de infinito... Préce dolorida e mártir...

Quási no ocaso, o sol mostra-se-nos agora rubramente atravez o esfarrapado de umas nuvens estáticas, e ao longe um verde de paisa-

gem evoca Portugal. Doce hora vespertina! O coração pára um pouco para sentir mais forte! O gótico das ameias ergue-se para mais alto!... E quasi solitario, moroso, o comboio continua sempre...

Ao segundo dia de viagem acordamos muito cedo. A paisagem é menos esguia; os campos quási planos e em extensões de cultura primorosamente cuidada. Acorda a primavéra os seus primeiros rebentos. Mais adiante, na planicie enorme, prisioneiros alemães trabalham entre baionetas. Ao fundo esvae-se a paisagem, sempre apagada e estranha...

O terceiro dia é para o inîcio das primeiras despedidas. No meu compartimento só ficam dois colegas que breve vão saír tambem. E o vácuo da sua convivencia auinenta a ancia da chegada. Não tarda, porém; mais umas horas, apenas.

Enfim, estacou de vez. Adiante é uma pequena povoação toda limosa e triste. Apeamonos. Longe, quási imperceptivelmente, ouve-se o troar da artilharia.—Os *rumores do front*... Um oficial português com o braçal verde-rubro, que nos espera, dá ordens, gesticula, simula fadiga, ocupações, — sempre novas ocupações, — e a necessidade de partir. Apressadamente, indica-nos, numa carta, o local de algumas unidades, e some-se com varios camaradas que participavam do mesmo itinerario. Eu fico ainda. Comigo um outro camarada, — um velho companheiro de Escola.

Apóz uma ligeira visita á povoação abalamos para o acantonamento da unidade que nos deve dar *pousada*... durante aquela noite. Abalamos ao acaso. Nos caminhos, como nas povoações, rareia o sexo forte. A mulher, em uma abnegação cheia de sublime sacrificio, quiz mostrar que pode dar direito, quando quer, ás suas reivindicações, as mais extravagantes...

Conversamos algumas, para pedir indicações. Como a propria paisagem, mistica e ascencional, ei-la, a sua linguagem... Duas jovens nos aparecem, gracis e comunicativas, em cuja voz suave, fragil, pairam acentos que nos acordam o coração. Jovens e belas! Nas suas almas acolhedoras timbra, como que numa melodia, toda a França hospitaleira. Nós somos dois, tambem... Numa quasi adoração confessamo-lhes, muito ao ouvido, todo o nosso enlevo pela França, — habitos.. linguagem... Sobre esta, principalmente; e contamo-lo, repetindo o muitas vezes, ser ela, assim acariciadora e meiga, assim toda como que feita de deminuitivos e blandicias, a linguagem verdadeiramente propria para se ciciar ao ouvido de uma mulher amada, para se dizer em extasi, quasi imperceptivelmente...

E como a propria linguagem é a hospitalidade — é a propria francesa!...

Nascida para encantar e glorificar a vida, ela não esquece, porém, como tantas, o seu papel de mulher, não só menospresando jamais preconceitos e deveres, como jamais apregoando rebeldias ou desacatos..

Nesta hora gravissima de pesadelos e devastações, que envolve toda a França, ela soube, sobretudo, guindar-se a um dos extremos mais sublimes. Não deixando de ser francesa, na verdadeira acepção, soube contudo ser mais alguma coisa que com enlevo reconhece...

Quero acentuá-lo aqui a todas as Portuguêsas.

La Somme, l'Artois e la Champagne, poderosos sorvedoiros de vidas e energias, atraindo para si todos os braços ainda fortes, deixaram ao abandono familias e propriedades. Pois ela não exitou; num gesto superior e solevando a sua alma gloriosa á alma de Joana d'Arc, crente de que, como ela, pode tambem ser heroina, ei-la oferecendo á patria, num holocausto sublime, braços e coragem, confiança e dedicação. E é ve-la em tudo, heroica, arrojada, por toda a parte. Ela quem sae de manhã, com a sua touquinha irreprimivelmente branca e mondadeira ao ombro, a arrotear os campos; ela quem á noite recolhe com as subsistencias para si e para a prole. Ela quem semeia, produz e faz gloriosa a terra!

Nos escritorios e fabricas, nas oficinas e casas de comercio, nos pequenos *estaminets* como nos salões mais luxuosos, é ela tambem que em tudo vae substituindo, dia a dia, os homens aproveitaveis. E' o caixa das grandes e movimentosas casas bancarias, como o moço de jornais que grita pelas ruas; o guarda-livros e o manufacturario das grandes oficinas, como o conductor dos electricos e os carros das herdades. E em tudo a sua graça, eternamente feminina, a tornar bela a vida, a suavisar magicamente o doloroso momento que paira sobre toda a França.

III

Seis dias em «deligencia»

França, 24-6-917.

Quem do extremo bretão subir paralelamente á costa toda a sinuosa região banhada pelo Mancha, conservará sobre a paizagem franceza uma ideia bem diferente daquela com que realmente fica mal se comece a afundar um pouco pelos dominios de *Calais*.

Numa deligencia que acabo de fazer a uma cidade bem longe da imensa planicie onde vieram estabelecer-se as tropas portuguêsas, pude,

olhos cheios de sonho e enlevo verdadeiro, apreciar dos mais gloriosos trechos de paizagem com que a natureza pode deliciar-nos, aliados aos mais belos capitulos de cultura de que a braços dedicados é mister render vénia. Aqui, extensas ondulações de arvores muito verdes, abraçando-se sobre casais, no serpear harmonioso dos vales e outeiros; ali, planicies admiraveis com os trigais ondeando, num encantamento oceanico, e a todo o fundo as matas assombrosas onde as alvas estradas atravessam esguiamente como veios imperturbaveis. Quasi de sonho, tudo! E assim não fôra esta maravilhosa região de Calais e quão interminaveis dias de fadiga nos não pareceriam as vinte e tantas léguas que escarranchados sôbre colossais *horses* inglezes, dois camaradas e eu, com um pequeno numero de homens, ousámos acometer!

Ao pôr do sol encontravamos sempre uma pequenina *village* ou as visinhanças de uma cidade, para pernoitar, e o riso sempre acariciador de uma viuvinha gentil a quem, tres semanas atraz, se lhe havia ficado o esposo nos campos de *La Somme*, ou duas irmãs, de negro, muito afaveis, em cujo olhar se adivinhava ainda glorioso o anseio de abraçar os namorados ausentes.

Quando te esquecerei, sim, ó deliciosa noite passada entre aquelas tres loirinhas dos arrabaldes de Desvres!?

— A sala grande e deserta abre para o *estaminet*. Entramos. Sobre um piano abandonado, ao fundo, entre duas jarreiras com flores enmurchecidas, um gramofóne inglez. Do outro lado, ao meio, o fogão todo brilhante.

As duas mais novas estão sentadas junto da janela; a outra fita um retrato sobre uma comoda, triste. Depois uma velha aparece com alguns apriscos fumegantes; o gramofóne acorda algumas canções alegres, e todo o quadro muda, todo; todos nos chegamos quási a esquecer que a muito poucas leguas se estendem já os verdadeiros campos de batalha, que a muito poucas leguas e naquele mesmo instante, talvez, se confundem no mesmo éco o grito clamoroso da metralha e o baquear inglorio das mais preciosas vidas!

. . . . . .

* * *

Sim! a deliciosa planicie onde vieram estabelecer-se as tropas portuguêsas é precisamente assim bela! Lembra um pouco do Minho, pelo arborisado e frescura dos seus campos e habitações; um pouco das nossas Beiras, pela ousadia e sublimidade das suas arribas verdes. Houvera nela um céu cheio de sol e azul, como os do nosso Portugal, e eu não exitaria em chamar-lhe, com o maior calor de amante do meu pais, um verdadeiro cantinho da terra portuguêsa! Eis o teor com que sôbre ela me escrevem amigos dos mais ilustres, que me não esqueceram ainda:

«Eu conheço quasi toda a região da guerra ahi; paizes tão lindos, superiormente dotados pela natureza e onde a acção do homem tinha chegado ao maximo de actividade e perfeição. Doe-me o coração por esse arrazamento de monumentos que se julgavam imorredouros e que foram destruidos para sempre.

«Quanto ao restabelecimento d'esses paizes sob o ponto de vista agricola e industrial parece-me que isso se fará por encanto, num tempo tão minimo que nem o imaginamos, acabada que seja a guerra. A humanidade vingar-se-ha em actividade productiva do retrocesso dos ultimos anos».

Assim será, estou certo. E tanto mais quanto o é notorio que nesta parte da França, onde a Belgica perdeu fronteiras, a região da guerra se pode considerar uma pequena zona. Não houvera a registar, de parte a parte, os devastadores efeitos da artilharia, e ela poder-se-ia tomar pela estreita facha que de facto é, se nos referirmos sómente áquela em que os terrenos deixaram de merecer os cuidados do cultivador.

Porque o espirito francez, desvanecido o efeito das primeiras impressões, não enquistou, não, naquela apatia rebelde dos timoratos e atados. Vendo o que havia recuado, por ingloria sem razão, e compreêndendo a necessidade de lutar tambem pela manutenção dos seus haveres e do seu nome, embora desmembrada a familia e destruidos os lares, não desanimou jámais, antes procurou erguer sobre os muros destruidos os novos muros dos *estaminets*, para o seu comercio de cerveja, e das pequeninas *fermes*, para a criação dos gados.

E quasi vulgar é hoje ver-se em construção uma barraquinha de madeira ao lado de uma grande casa que teve um titulo pomposo e que as granadas inimigas acabaram de incendiar.

A charrua e a metralha aram assim em commum a terra que na estação própria dá o trigo e as batatas, dá os morangos e a beterraba — e que, num futuro, oxalá não muito distante, saberá dar tambem a independencia e a victoria.

IV

A minha bateria no combate de 7 para 8 — Louvores, promoções e condecorações.

França, 25-7-917.

Que a minha bateria não era só notavel em cantadores e poetas, mas em autenticos e des-

temidos artilheiros de combate, e que a facilidade e perfeição com que nela se improvisa uma guitarra nas primeiras quatro tabuas que se deparam e se cantam versos primorosos, ao zabumbar do «Vira», em cordas que talvez já transportassem a morte a centenares de vidas, era a mesma com que se punham á prova gestos do maior valor heroico, eu não o tardei a apreciar logo a seguir ao meu regresso a ela, mas nunca tão luzida e acentuadamente como apóz a noite memorosa de 7 para 8.

Tinha saído em deligencia havia uns oito dias e pesava-me ainda o cançasso sobre os membros endurecidos, quando um ligeiro esticão de redeas pareceu indicar ao «79» que eu iria ter, enfim, uma resolução piedosa... Alegrou-se, o pobre bicho, mas assim não era, porém; não foi indispensavel apiar-me para transpôr o largo portão que dava para a «mess», — ampla casa que em tempo fôra talvez dispensa ou cavalariça e agora acumulava as funções de sala de jantar e de trabalho. Mas alongava o pescoço e o ouvido para certificar-me melhor de «quanto mudado era tudo», e já preparava o salto, em uma serie de chamadas pelos companheiros desaparecidos, quando a mesma *Madame* que todas as manhãs e tardes nos vinha dar os *bonjours* me tenta explicar, toda zigzagueante, na sua vóz fanhosa e cheirando a cerveja péssima, como todos haviam partido num dos dias imediatos ao da minha abalada.



CAPITÃO BELEZA DOS SANTOS'

Fiquei como embaçado,— e sem lhé perguntar sequer para onde eles tinham ido, fiz-lhe um rápido cumprimento.

— *Madame, au revoir.*

*

A casa onde tinha as malas e «valise» era um pequenino *estaminet* ao canto da estrada, em cima. Subi até lá para fazer a *toilette* e passar um pouco da tarde, enquanto o «impedido» me iria tratar d'alguns serviços mais urgentes. Tirada, por assim dizer, a poeira da viagem, á curiosidade de saber alguma coisa do que se havia passado aliava-se-me a necessidade de conhecer a nova «posição». Não foi, porem, necessario inquerir muito, para tanto uma como outra coisas me serem imediatamente satisfeitas. Sabendo da minha chegada, a mais bela figurinha dos *estaminets* das redondezas foi-me logo visitar entusiasmada, abrindo todo o calendário dos seus conhecimentos. A nossa bateria, respondendo a um S.O.S., havia sido contrabatida até lhe não restar em volta uma unica arvore inteira. Granadas inumeras, de 15 e 21, haviam tombado a poucos metros das guarnições, sem que estas, apesar de tudo, deixassem de continuar imperturbaveis a fazer o seu fogo, a defender a *sua* infantaria das arremetidas adversas,— a cumprir o seu papel, arriscada mas heroicamente. A nova posição não era muito distante, mas sim mais que para um simples passeio o caminho até ela.

Quando o «impedido» regressou já à nossa conversação tinha derivado para outros assuntos... Ela era pequenina e subtil, como todas as «miudas». Os seus olhos não seriam bem uns olhos retintamente portuguêses, mas eram deliciosamente belos, e sobretudo excitadores. Não sei se me chegou a passar pela mente o impagavel desejo de que fossem duas dessas tão conhecidas azeitoninhas galegas... No seu cólo, levemente ondeado, debutavam, enardecentes, os primeiros anceios do amôr...

A noite veio mais depressa do que era meu desejo; e ao outro dia fui fazer o reconhecimento de toda a colossal refrega. Depois... p'rá bateria. Beleza dos Santos, creatura que, como raras, sabe aliar ás qualidades de militar brioso as de cavalheiro de fino trato, corre logo, num abraço, a satisfazer-me toda a curiosidade. A trágica historia é-me repetida com o pasmo rejubilador de não ter havido senão umas ligeiras beliscaduras num oficial e algumas munições: «Todos, sem uma unica excepção, se portaram valentemente, todos! E nem um unico desastre, nem um unico ferido merecendo atenções medicas!» Só á protecção divina, crê, se póde atribuir tal milagre! E acrescenta: «— A protecção divina foi tal que até a unica morte que ha a lamentar só se deu no dia imediato ao do bombardeamento! Preferia antes que o houvesse sido no maior ardor do combate, para verem de quanto são capazes os soldados portuguêses!»

O olhar incendido do fogo dos herois, tresloucado, é assim que Beleza dos Santos, alferes Leite e Guedes, serenamente, não obstante, me continuam repetindo os mais extranhos pormenores. Dias depois, com os agradecimentos da infantaria chegaram os abraços entusiasticos de camaradas e superiores, a admiração de extranhos — e as medalhas, enfim, as medalhas a que mais do que nenhuns teem jus os que se sabem manter em transes assim desusados!

V

Ruinas...

França, 25-8-917.

Vinte e cinco de Outubro de mil novecentos e dezasete... Dia lutuoso e infindavel... Meio ano de trincheiras...

Debilmente iluminado por um sol fraquissimo, o céu adquire aquela mesma côr taciturna e brumosa da tal cidade longe... De vez em quando cáem do alto umas pequeninas gotas frígidas, semelhante a agulhas martirisando a nossa epiderme meridional, e a poucas centenas de metros, ali mesmo, nas primeiras linhas da infantaria, atrôam os morteiros desaforadamente. A paizagem, a luz e o proprio ambiente vestem um ar de desespero.— O desespero da fadiga...

Mas em que alturas me tinha eu ficado, na minha ultima carta? Em que alturas, lembram-se? Já me recordo, sim, já me recordo! Para que me havia, pois, de servir esta cabeça, que certa velhinha distante ás vezes chama tão insensata, tão vã, tão leviana, mas que no seu intimo, afinal, tanto aprecia e admira!... Já me recordo, sim... Na bateria não houve um unico desastre, apezar da intensidade abismal do bombardeamento. A morte do dia seguinte, a daquele desgraçado telefonista, cujos gemidos ainda ecoam em todos os corações que a presenciaram, que a sentiram, a morte desse foi apenas motivada por uma bem triste imprevidencia.

A nova posição agora ocupada era proxima de um outro *estaminet*, onde havia tambem duas outras criaturinhas tão ou mais «interessantes» do que a propria maneira como já começavam a balbuciar o nosso português. Eram duas irmãs bem galantesinhas, como aliás o são quase todas as francesas, mesmo as mais humildes. Parece até que lhes sinto uns laivos de saudade,— não só das duas irmãs e da posição, mas até mesmo do velhote que se dizia avô daquelas e que nos apresentou uma terceira, nada para desfazer... Posição ideal para as nossas tardes de *rapazes*... O abrigo do «oficial de serviço» transformei-o logo em um elegante chalésinho, estilo minhoto, a que nem faltavam, deliciosas, as floridas enredadeiras trepando as rimas de sacos que constituiam as paredes. Passámos aí alguns mêses quasi deliciosos, na ditosa ignorancia dos nossos *visinhos do outro lado*, até que um dia — estupida indiscrição! — notando que ali estavamos, resolveram mandar-nos alguns *emissarios* bem pouco delicados, impondo-nos, rudemente, uma saida imediata. Troçámos. Resistimos. E então foi um devassar constante de cinco horas aflitivas a repetir-se e a alongar-se por cinco dias brutais. Ao sexto *cavámos*; era impossivel resistir a tamanha «descortesia»... Verdadeiras aeronaves, obuzes de 21 vinham de lá de muito longe, quase sonolenta, quasi revoltadamente, rugindo pelo Azul, lá muito alto, até se deixarem para ali tombar numa ansia desmesurada de ruina e de devastação. Um desabar estupido! Arvores enormes eram arrancadas pela raiz e impelidas a uma altura imensa, para depois cairem, escarranchadamente, ruidosamente, sobre as visinhas, prestes a aluir tambem, ou aluindo já, num estrugir de nova furia...

Depois de cada habitual sessão de bombardeamento iam-se espreitar os estragos... Os estragos... — que horrôr! — Eram sépulturas enormes onde poderia acoitar-se uma familia inteira, — uma familia com todas as habituais alimárias. Eram sepulturas enormes... mas simples sepulturas, felizmente! Nem peças, nem os proprios abrigos, nem guarnições, nada haviam experimentado. Nada!

Já habitavamos nova «posição» e ainda as mesmas *sessões* se repetiam, — mais espaçadas, menos furiosas, estupificantes, mas sempre exacerbaveis, rudes, inquietadoras, brutais!

* * *

Agora outra «posição». Esta é mais disfarçada, mais enterrada no solo, mais só... Enfim, nunca tivera sido «posição» e isso lhe é poderosa garantia de maior tranquilidade... Não sei bem o tempo que aí passámos; o que não deixo de dizer é que, neste prazer relativo que em semelhantes condições nos é dado ir usufruindo, ainda aí passámos alguns mêses que nos fôram bastante gratos, numa casa a que varios nomes escritos pelas paredes e a corroboração dalguns visinhos davam as honras de ter sido habitada pelo *Kaiser* e seus imperiais súbditos, quando do avanço da sua frente, agora acolá, a quasi tres quilometros. Porque razão tactica nos foi ordenada a saída d'aqui, nunca o procurarei saber. Por ventura, porque á provada heroicidade da nossa bateria não quadrava bem um sitio em que a vista ainda podia experimentar contactos com alguns seres vivos?... Tambem não sei; — o certo é que em retribuição aos nossos esforços no bombardeamento ainda tão lembrado, resolveram oferecer-nos uma povoação onde sómente, á noite, as ossadas dos velhos mortos, acordados nas suas sepulturas pela metralha do adversario, ousavam saír ás ruas desola-

dos, segredando baixinho uma saudade dos pacificos tempos em que tudo aquilo era belo, e as casas eram habitadas por raparigas formosas, e as ruas eram passeadas por moços cheios de esperanças...

Vós outros, que nada sabeis da guerra senão pelas falsas e rebuscadas discrições dos jornais que mandam *reporters* ao *front*, mas *reporters* que raramente passam das ruas de Paris; vós outros que habitais ainda aquelle cantinho querido que eu desde pequenino tanto me habituei a amar e que será eternamente um dos mais caricosos canteirinhos de quanto ha belo no mundo, vós outros, sim, não podeis fazer, jamais, uma pálida ideia da impressão desoladora e doentia que a presença continua de semelhantes espectaculos em nós vae acumulando, amontoando, comprimindo dia a dia! Semi-derruidas todas as paredes; completamente esfarrapados todos os tectos e portarias; nem uma casa em pé... Vós não podeis fazer, não, uma pálida ideia!... Na propria igreja, toda desmoronada, apenas os Cristos esguios ficaram, braços hirtos, resequidos, entre as colunas renitentes, como numa ascenção sublime de martirios renovados... Na propria igreja, sim, uma ruina já historica... Sómente os Cristos!...

E é deste canto assim desolado e triste da Flandres; e é deste, embora tão lindo, mas tão martirisado cantinho, que, nos dias de menos luta, de menos febre devastante, lidas pela vigéssima vez algumas estancias de Camões, á sombra muito esguia dumas ruinas taciturnas, — é deste canto assim, martirisado e tétrico, que eu vos escrevo e vos recordo, ó meus companheiros em ideal!

MATEUS MORENO

P. S. — Na minha ultima carta, referindo os méritos e bravura do artilheiro português frizei com certo entono a facilidade e perfeição com que ele *improvisa*, não só as suas «zabumbas» mas ainda, as mais das vezes, a propria letra dos «cantares». Ora, para que tal asserto não vá julgar-se um exagêro ou fantasia do epistolografo, envio hoje uma das varias «quadras» que me acaba de oferecer o soldado, seu autor, Manuel Mendes Justino, forte moço das Beiras que possue, em um enramado de congéneres e redondilhas dispersas, toda a historia *semi-robinsonesca* da sua vida, desde aquele dia tirânico em que o vapôr se fez ao largo...

«*O soldado na trincheira*», que é o titulo da sua presente composição, descreve tão nitidamente o espirito e precauções instantes perante uma das maiores «pragas» que quantas toda a historia apregôa, com tal precisão e ritmo, que quase nos chegamos a convencer de que escutamos uma lição... Tem, pois, o Justino a palavra:

O soldado na trincheira
Usa sempre a mascara aberta,
Tra-la sempre unida ao peito
Em posição de «gaz-alérta».

Todos os nossos aliados
tiveram perdas bastantes.
dos gazes asfixiantes
d'aqueles alemães malvados,
mas hoje os nossos soldados
Já não caem nessa asneira,
estudaram a maneira
de á morte se libertarem
quando os gazes atacarem
o soldado na trincheira.

Teem a *máscra-respiratório*,
usam desta prevenção;
se avançam para o alemão
levam sempre este acessório;
teem o *capuz*-reservatorio,
que breve se desaperta,
que eles não teem hora certa,
atacam de noite e dia;
mas conhecida a mania
usa sempre a *máscra* aberta.

Ali tem a sua vida,
zela-a com todo o amor,
é a obra de mais valor
que lhe foi destribuida,
pois se a chega a ter perdida,
ou se lhe falta ao respeito,
a morrer fica sujeito,
não tardará a morrer;
mas para nunca a perder
tra-la sempre unida ao peito.

E quando o gaz aparece,
seja de noite ou de dia,
a sentinela assobia
e vae tocar a *sineta*;
ouve-se ao longe a *corneta*,
e «gaz-alarme» é á certa,
e o nariz logo se aperta
e o tubo á boca caminha,
porque a *mascra* já se tinha
em posição de «gaz-álerta».

O Justino, que não tem, como muitos, aquela espécie de pêjo de que lhes chamem... *pueta*, escreve ainda, escreve sempre, escreve todos os dias, — vae continuando sempre, enfim, toda a historia *semi-robinsonesca* da sua vida de soldado...

M. M.



(Desenho de Saavedra Machado)

Tres figuras

Porque é o maior de todos na geração que agora vae transitando dos «novos» para os consagrados; pelo seu afincado trabalho de luctador incansavel e de critico sem par na nossa historia literaria; pelo seu caracter, pelo seu saber, pela sua modestia, mesmo, Fidelino de Figueiredo deve ter o primeiro ugar nesta apressada resenha, onde se discutem creaturas que mais de vulto se destacam no momento que atravessamos.

Tendo começado a sua carreira literaria com a publicação do romance, e que delicado romance! — «Os humildes», Fidelino de Figueiredo imediatamente sentiu atraidas as suas atenções de estudioso e investigador para um outro districto literario, muito menos cultivado entre nós, de acésso e penetração dependentes de um demoradissimo e copioso arrebanhar de conhecimentos, — referimo-nos á critica literaria, — que para ai existia em maneira de monopolio com carimbo positivista, sem tom nem som, sem interesse nem verdadeiro caracter, á mercê das ganas de um investigador, — novo Inocencio do século XX, — já cansado de seus trabalhos, mas sempre despido da mesma vocação filosofica e critica que Antéro lhe negára nos primordios de sua carreira..

De então para cá, toda a vida profissional de Fidelino de Figueiredo tem sido um monumental acumular de trabalhos do mais elevado cunho critico, sem egual entre nós, e com o curioso caracteristico de se irem notabilisando no estrangeiro com bem maior facilidade do que pela Parvonia.

E' que lá céssa o monopolio e os do sindicato perdem seus alentos ..

Em 1910 publica as primeiras edições de *O Espirito Historico* e da *Historia da Critica Literaria em Portugal* que refunde e reedita, respectivamente, em 1915 e 1916, fazendo desta sua ultima obra o breviario de critica a que teem de apegar-se todos os que em Portugal pretendem dedicar-se a estudos de semelhante naturéza.

Em 1912 e 1914, publica edições, sucessivamente refundidas da *Critica Literaria como Sciencia*.

Em 1913 dá a lume a sua *Historia da Literatura Romantica*, iniciando a publicação da primeira Historia de literatura Nacional, que se afaste dos moldes anedocticos, biograficos, todos anciando por anotarem detalhes, aparentemente recolhidos em qualquer «pateo das Osgas» dos senhores literatos do país e sem um criterio critico que não seja o impressionista, abandonando assim o processo esmiuçador do Inocencio que todos, sucessivamente, apostrofavam e... seguiam, e creando sobre cada um dos espiritos do Romantismo uma apreciação bebida no estudo de suas obras e de suas personalidades moraes, e nunca nas historias de suas vidas profanas, — queremos dizer sem interesse de maior para o contexto, com suas intenções artisticas.

Em 1914, tambem revê e prefacía a traducção portuguêsa do *Breviario de Estética* de Benedetto Croce, e publica o *Portugal nas guerras europeias*.

E' em 1914, ainda, que aparece o 2.º volume da serie das *Historias* da literatura patria. Trata-se agora de Literatura Realista, — o mais pujante movimento literario, sofrido nos ultimos tempos, — e as paginas que nela se arquivam sobre o Eça, sobre o Antéro, são de um tão elevado saber critico, tão serenas em suas vistas, tão penetrantes e caracterisadoras em suas conclusões, que em quantos as lêem fica o convencimento de que, finalmente, se fêz luz definitiva sobre um periodo onde tão confusas «luzes» se degladiavam, escrevendo-se definitivamente, o que ha muito já devera estar escrito.— Na obra grandiosa de Fidelino de Figueiredo, a sua *Historia da Literatura Realista* é um grande grito de Verdade e de Força, luminôso como a pagina de uma Biblia, imparcial como um gladio, coruscante e forte como a propria Verdade que ele ali procura e .. consegue achar.

Em 1915, todas as suas opiniões recolhidos em longos anos de estudo; todos os seus pontos de vista criteriosamente ganhos na consulta de quanta obra literaria em Portugal se tinha publicado; todo o poder sintetico do seu indiscutivel espirito critico se reunem numa pequena obra de sintese, que é o meu Breviario de todos os dias, que é a maior de todas as obras de conjunto sobre a nossa Literatura, dos mais heterogeneos elementos. — Obra onde ha fulgurações geniaes, obra donde parece elevar-se um grande vôo d'Aguia, que fica dominando da altura tudo que de caracteristico e de notavel se possa destacar dos milhares e milhares de poemas e romances do nosso patrimonio literario, obra que, só por si, na magrêsa genial das suas 60 paginas resume, eleva e espiritualisa quanto se tem na critica literaria tentado neste pais. Referimo-nos ás *Caracteristicas da Literatura Portuguesa*, de que hoje se contam versões inglezas e castelhanas, — que estas percorremo-l'as nós, — e julgamos que tambem alemãs.

D'aqui por deante Fidelino de Figueiredo, deixa de pertencêr-nos, para ser de Si Mesmo e do Futuro.

Ao lado das suas quatro grandes obras ultimamente aparecidas, as «Modernas relaciones litterarias entre Portugal y Espãna» (Barcelona, 1915) — ficam quasi apagadas.

Os *Estudos*, *Antero de Figueiredo* (Literatura contemporanea), *Uma pequena controversia sobre teatro*,

sucessivamente publicados em 1916, mal accordam os estudiosos da Critica Literaria do torpor de admiração em que as *Caracteristicas* os haviam lançado. Numa fecunda e incessante revolução intima, iam-se modificando velhos criterios, agora reconhecidos como errados; anotando de novo quanta obra lida e meditada; preparando com novas vistas, novos e mais claros horisontes.

Os velhos magnátes estrebuxavam na Terra, subvertidos, e os Cisnes que guardavam o Olimpo das Patrias Artes Literarias, — muito pouco olimpicamente organisado em Sindicato ou Monopolio, (faltam-nos tempo e informes, para de vez o aclararmos), batiam espavoridos suas azas, atirando para o ar gritos de panico, numa fuga desorientada.

Impotentes, os vencidos cosinhavam odios

Era uma vês ainda o triunfo dos Novos, dos Novos que chegam batalhadores e indomitos, certos da sua força e por isso mesmo complacentes em horas de victoria.

Era a garantia de um Futuro, mais franco e mais acolhedor, menos escurecido por mentiras e predilecções de amisades e «panelinhas», que se tornava materialmente certo.

Era a oligarquia dos ultimos Castilhos dos tempos que correm, posta em debandada, expulsa de seu trono de favores, transformada em anarquia espavorida, mas ainda avida de vingança.

Era a Nova Geração que demonstrava superiorisar-se a todas as velhas gerações.



MATEUS MORENO

No desordenado afan de Academias, com ... 30 anos de existencia, organisavam-se os ultimos reductos, esperando o cansaço do luctador, impetuoso em suas ganas de Novo.

E então a perpetuidade de suas Forças foi um facto! Silenciosamente, implacavelmente, inexoravelmente a nova obra fecunda continuava a procrear e a lançar para o mundo trabalhos de crescente merito. Onde se havia suspeitado impeto, que a primeira dificuldade liquidaria, reconheceu-se a existencia de uma força, impossivel de conter em suas manifestações, cadà vez mais meritorias.

A *Historia da Literatura Classica*, aparecida em 1917, foi o maior sucesso literario do ultimo ano.

Fidelino de Figueirêdo trabalha ainda e sempre. O Futuro é seu.

Transitoriamente os negocios politicos do paiz afastaram-no, do seu quarto de estudioso e meditador. Não é uma paragem; é a preparação de mais um salto.

* * *

Mateus Moreno, está entre nós, após quase um ano de ausencia em França, no cumprimento dos seus deveres de Português e de Soldado.

E porque está aqui transitoriamente, quando muito por 15 dias ou um mez, porque tem de regressar, volvido esse tempo, ás incertezas da vida das trincheiras, para onde todos sabem quem entra, mas a ninguem é dado adivinhar quem regressará, eu entendo ser dever inalianavel balancear a sua actividade e interferencia adentro da *Alma-Nova*, no momento mesmo em que, já tarde, escrevo para os que me lêem, acerca da *Minha Patria*, o seu livro de poemas ultimamente aparecido.

A Mateus Moreno se deve a *Alma-Nova*, tal qual é, com o seu evoluir num constante melhoramento de apresentação material e de nucleo de colaboradores, — como a ele, em grande parte, se devem todas as iniciativas de maior vulto de que a Revista tem sido propulsionadora.

A *Alma-Nova*, apareceu em Faro, a 20 de Setembro de 1914, — quasi 3 anos e meio decorridos, — e na feliz mediocridade de 8 paginas de texto e colaboração avulsamente reunida se foi aguentando, primeiro com reduzido numero de assinantes, depois, dia a dia garantindo o seu futuro, sempre a expensas da magra bolsa do estudante, que a boa vontade do meu actual companheiro na sua Direcção ia tornando omnipotente. Ao começar o ano de 1915, no seu numero de Janeiro, a quasi certeza do triunfo de todos os esforços empregados nesta causa, — certeza obtida pela observação do aumento de assinaturas e da venda cada vez mais facil e pronta, — dão margem a que Mateus Moreno benefecie grandemente a *Alma-Nova* na sua apresentação material, transformando-a de «jornalzéco» de provincia, numa revistinha academica toleravel e orientando-se *tant bien que mal*. E a Revista demorou-se nesta segunda fase, até Janeiro de 1916, em que de regional passou a ser nacional e de academica que, caracterisadamente era, preferiu ser simplesmente literaria. Saavedra Machado toma posse de sua Direcção Artistica; os sacrificios financeiros de Mateus Moreno sobem ao seu maximo. — para logo serem equilibrados pela calorosa aceitação que o Publico dedica a essa obra de novos e com os esforços e sacrificios apenas de novos fomentada. E' o nosso grande periodo de crise.

A pouco e pouco tudo se desanuvia e desafoga. Melhoramentos acumularam-se sobre melhoramentos. A promessa que a nós mesmos fizeramos de luctar e de vencer, começa perdendo a sua razão de existencia.

Fructificando em facilidades, os sacrificios longa e quasi heroicamente suportados por Mateus Moreno aplanam todo o caminho que hade conduzir-nos a um futuro facil e compensadôr.

A guerra surpreende Mateus Moreno, quando concluia o seu curso e leva-o a frequentar a Escola de oficiaes Milicianos. Já Alféres, um dos movimentos politicos que teem agitado o pais, encarcera-o. De lá, subticiamente, envia cartas sobre cartas, extimulando os demais directores de *Alma Nova*, indicando-lhes colaborações boas de conseguir, aventando novos progressos.

Em França esta atitude perdura e quase não ha correio, — um só! — em que as suas cartas me não falem muitas e repetidas vezes da Revista, que é o maior de todos os seus planos, o seu mais querido sonho, a sua mais acarinhada divida para com a Patria e para consigo proprio.

Eu tinha dentro de mim ha largos mezes e sempre anciando por confessa-la, — como um crente que cansa de em si afogar a confissão de grave falta, — esta necessidade de explicar ao Mundo o que tem sido dentro da *Alma-Nova* a personalidade de Mateus Moreno, seu fundador, seu editor, seu proprietario, e finalmente, seu colaborador em terras de França de onde nos vem enviando essa formosa serie de cartas, a 1.ª das quaes eu reputo como das que mais brilhantemente traduzem as ideias nela

expressas, — carta onde se sentem todas as agonias da abalada, carta onde ha lagrimas, onde ha saudade ternissima e bem portuguêsa, carta onde ha — Partida!

Horas antes de partir para França, Mateus Moreno punha á venda a 1.ª edição do seu livro de poemas «Minha Patria» que por quase completamente exgotado vae refundir e reeditar brevissimamente em 2.ª edição.

E' lugar improprio este, para se fazer o elogio de uma obra de alguem que aqui intervem como desvelado companheiro de trabalhos. Mas amodestia de Mateus Moreno pode consentir que o saudemos pela beleza dos poemas da «Minha Patria», mormente por essa serie de sonetos — que são preciosos de descritivo e de emoção de Paisagem, que o Artista dedica a cada uma das velhas Provincias de Portugal.

Instala-se muito brevemente a Comissão que tomou o seu cargo conseguir dos Poderes conpetentes que ao director Artistico desta Revista sejam concedidas as vantagens que, de direito deve possuir como desenhador que é, de facto, no Museu Etnologico Portuguez, garantindo-se para o seu exgotante e numeroso trabalho de anos as compensações a que tem jus.

Num dos proximos dias reunirão os jornalistas, literatos e artistas amigos de Saavedra Machado, e dessa reunião devem sair os comissionados que junto dos poderes publicos vão tratar de uma tão justa pretensão.

Saavedra, que no Museu Etnologico Portuguez é um desenhador de especialidade, adentro das formulas burocraticas é considerado como um simples preparador, cabendo-lhe a remuneração que para estes é estatuida. Apenas, e devido aos esforços do nosso colaborador dr. Leite de Vasconcelos que, como Director do referido Museu, ha muito anda labutando por que se obste á continuação de tão prepotente exploração e injustiça,—se lhe paga, em forma de gratificação, a quantia de 19$00, e essa mesma com 5 e mais mezes de atrazo. — Com a pontualidade cá da terra, em poucas palavras.

Quem visitou a Exposição de Pintura, Aguarela, Desenho e Escultura, realisada pela *Alma-Nova*, no passado ano, e ainda quem percorra as instalações do Museu Etnologico e observe os Albuns de Desenhos onde o nosso Director Artistico tem exgotado vida e saude, — compenetrar-se-ha imediatamente da justiça dos seus desejos, quedando-se pasmado de admiração quando vérificar que no Museu Etnologico Portuguez . não ha, de direito, um desenhador de especialidade.

Fez-se de Saavedra um preparador *ad hoc* e, á custa da exploração da sua paciencia inexgotavel, teem-se, claro está, enchido as «burras» do Estado. Consta até que com semelhantes economias, se apurará para breve mais um glorioso *superavit*.

De resto, o mais curioso de notar é que a sucessiva «enfiada» de Ministros de Instrucção teem reconhecido a necessidade de remediar este estado de coisas fazendo beneficios de ... meia dóse e na «meia dóse» se quedando.

Na Introducção á *Historia do Museu Etnologico Portuguez* encontram-se algumas linhas que, por si só, poderiam lêr-se avulsamente como o titulo de «vicissitudes de um cargo de desenhador», ou «tão depressa é como já não é».

Em 1893 creava-se, com o titulo de «Museu Etnografico», o primeiro embrião do Museu Etnologico Português, que, foi realmente batisado com este designativo em 1897 e reformado e melhorado em 1899. Em 1901, sendo Hintze Ribeiro presidente do Ministerio, aparece a mais franca e benefica reforma porque o Museu tem passado.

Dá-se-lhe um Desenhador privativo, dois preparadores, um conductor de obras publicas, um escriturario, dois guardas e tres serventes.

Cortou-se á larga, com aquela grandeza de vistas que caracteriza as medidas dos grandes Estadistas, que não medem reformas a tostão.

Em 1911, salta nova reforma que por um pouco não entorta tudo. Conseguem-se alguns beneficios, mas vão-se para a massa dos impossiveis o desenhador, o escriturario e o conductor da reforma de 1901.

Em 1913, o Ministro de Instrucção visita o Museu e, gratamente impressionado, ouve as informações do seu Director e acaba com a ingerencia estiolante que nele exercia o Conselho de Arte e Arqueologia, anexando-o pelo que toca a ensino á Faculdade de Letras e, em materia administrativa, relacionando-o directamente com a repartição competente do Ministerio da Instrucção.

Quanto a desenhador, embora virtualmente designado como tal Saavedra Machado, — ainda tudo como dantes quartel general em Abrantes.

O dr. Sobral Cid, quando ministro, no Regulamento então publicado, dá um passo mais para o bom caminho.

Falta transpôr o obstaculo definitivo, saltando-o decisivamente.

Em variados e repetidos locaes da sua *Historia* o dr. Leite de Vasconcelos pédе e torna a pedir que lhe dêem um desenhador privativo. Mas qual! Para tão largos gastos, não vae o orçamento do Estado e quaesquer 600$00 anuaes, punham a Patria em bolandas. Ora o patriotismo de quantos nos teem mandado não é coisa que transija em pôr a Patria em falencia só por 600$00 por ano .. para um desenhador que não é parente, nem regedor lá na freguezia.

A' comissão que brevemente enceta os seus trabalhos cabe, precisamente, efectivar este desiderato. Para o facilitar procurará o Dr. Leite de Vasconcellos, com cujo auxilio e boa vontade em impedir a continuação do vexame ao Artista, tem quasi garantido o triunfo dos seus esforços. Crie-se o lugar de desenhador no Museu Etnologico; pague-se decentemente quem saiba trabalhar como é dever e acabe-se de vez com a expoliação a mais indigna de todas que ha anos se vem fazendo nas forças de um Artista que só honra o seu Paiz.

Artes

A 1.ª exposição de «um grupo de recusados» na Sociedade Nacional de Belas Artes

No dia em que se inaugurou a Exposição de Aguarela, Desenho e Miniatura, nas Salas da Sociedade da Rua Barata Salgueiro, fomos dos que acorremos a matar a curiosidade das novas revelações que se manifestavam no dominio deste capitulo das Patrias Artes.

Um grande ar de desanimo entristecia todo o

ambiente. Os velhos continuavam sendo os mesmos velhos de sempre; receiosos, egoistas, aváros das miragens de sua gloria; enquadrádos nas amisades de jornal que lhes epopeiisam as obras; sem novidade, nem tom nem interesse, nem talento em todas as producções.

Os Novos, de novo, apenas revelavam uma grande e destemida indignação pelos atropelos de que acabavam de ser victimas, prometendo tomár, finalmente, a ofensiva, pôr de parte toda a complacencia e benignidade de atitudes que a certeza da sua Força havia até ali consentido, e luctar, derrotar, escorraçar para todo o sempre essa nuvem de egoismos e retaliações injustificadas que eram o mor dos impedimentos ao seu triunfo definitivo.

A Sousa Maia, haviam sido recusados dois desenhos, um dos quaes aquele que de si para si, mais considerava.

A Alberto de Lacerda, oito ou nove trabalhos, onde se viam manifestamente fórtes as suas qualidades de Artista e tecnico dos mais finos na geração qué vae deixando de pertencer aos Novos. A Jaime Barata, duas aguarelas, uma das quaes sua preferida. A Paulino Montez, as «Nazarenas», — obra que marca entre as do Artista, — e ainda um outro trabalho. A Albertino Guimarães, a Fernando dos Santos, a Catalão, — todos Artistas de reputação meio feita e de meritos indiscutiveis, — haviam sido votadas ao vilependio obras que, com permissão do jury seleccionador, — valiam só por si 70 % das expostas em toda a Exposição.

Razões justificativas ninguem as conhecia. Para Paulino Montez, arguiam-se as figuras de uma das suas aguarelas de «serem esguias». A Catalão, de «excessivamente pequenas» e — *mirabile dictu*, — a um *novissimo* que acabara de terminar o seu curso de desenho na Academia, eram recusados 6 ou 8 trabalhos porque, — ai! Jury no que tu déste, — porque as molduras eram todas brancas.

Aqui um parentesis: estes *senões* não devem repetir-se. O sabio Jury que dê de si qualquer coisa menos *sabia* que a sua obra de selecção e explique ás terrenas victimas:

1.º — Qual o limite maximo na altura das figuras.
2.º — Qual o seu limite minimo em tamanho.
3.º — Quaes os matizes que de preferencia devem ter emprego na emolduragem e, havendo bonus, estabelecimento onde devem fornir-se.

E a Arte será salva. —

Pela parte que me toca, porque não sou um profissional da critica de Arte, nem em Portugal ha ninguem que em tal districto possa dictar leis, — e apenas de um pouco de impressionismo anóto as minhas considerações;—porque afiz, de principio a minha pena, a escrever sobre assuntos onde o Jury de selecção não méte cabidela, e a frandulagem de jornal está longe de botar fala; — porque me emancipei dessas necessidades de reclame que fazem guarnecer de quadros de um e outro o gabinete de trabalho em que o homem de gazeta a um e outro, — desinteressadamente, — elogia; porque como estudioso de critica literaria me tenho feito e apenas do laborioso e honesto exercicio da minha profissão, dei em viver, atacar o Jury é entretem desaustinado, porque, emfim, o Jury é aquilo que ali está e mais nada, individualmente excelentes pessoas e apenas um pouco cabotinos, em magna reunião uns inconsequentes desorientados e sentimentaes que realisaram a mais irrisoria obra de madracice e bric-a-baquismo, de debilidade e belo-tragico de que os anáes cá do rincão guardam memoria.

Fez o que fez e disso não se arrepende, como nós proprios jamais nos arrependeremos de não estimar os especimens de arte-gágá, a que o seu voto deu fóros de obras — meritorias.

De résto nada me prue contra ele, não me abalam teirós inter-profissionaes e, — com seiscentos milhões de demonios! — até me entristece quanto escrevo, porquanto ha lá creaturas que como Amigos considero e como Artistas já elogiei e dedicamente aprecio.

Esqueça-se, por consequencia o Jury e fale-se da sua 2.ª obra.

Do grupo de Artistas indignados com as injustiças de que haviam sido victimas, principiaram saindo gritos de protesto, que a *Alma Nova* ouviu. Auxilia-los, correr a facultar-lhes meios de praticamente demonstrarem a iniquidade do proceder para com eles havido, foi obra de um simples e natural impulso, entre Novos. Premeditou-se a realisação de um «Salão dos Recusados».

Aqui principiam as dificuldades. — Claro que nem todos os recusados, o foram injustamente. Deveriam os organisadores deste 1.º Salão, organisar-se, por sua vez, em Jury, que lançaria um novo *veredictum* sobre as obras prejudicadas na votação dos homens da Sociedade?

Era caricata esta atitude.

Por isso se resolveu organisar, não um salão de recusados, mas um «Salão de um grupo de recusados». Ninguem foi excluido, não houve qualquer selecção; o que se fez foi reunir um determinado nucleo de Artistas que melhor entre si se entenderiam e levar ao julgamento do Publico as obras que, com manifesta indignação sua haviam sido banidas na votação dos homens do Jury.

E o «Salão de um grupo de recusados» fez-se, devido ao esforço de todos os que a ele resolveram concorrer e á penhorante amabilidade do Dr. Brito Camacho, de quem a *Alma Nova* conseguio a mais desinteressada cedencia de qualquer dos Salões do Palacio do Largo do Calhariz.

Concorreram 11 Artistas, que enviaram os seguintes trabalhos, numa totalidade de 39 obras:

ALBERTO PORTUGAL CORREIA DE LACERDA

1. *Carvão* (apontamento)
2. *Lapis* (no campo)
3. *Cabeça de garoto* (sanguinea)
4. *Cigana* (carvão)
5. *O pequeno dos tapetes* (carvão)
6. *Cabeça* (carvão)

LEOPOLDO NEVES d'ALMEIDA

7. *Veterano do Cartaxo*
8. *Magua*
9. *Loirinha*
10. *Carvoeiro*
11. *Retrato*
12. *Bailarina em repouso*
13. *Sans-cullote*
14. *Decrépito*
15. *Marroquina*

FERNANDO DOS SANTOS

16. *Nu* (estudo)
17. *Ridente*
18. *Abandono*
19. *Praia da Maria Esguelha*
20. *Penêdos á beira — Sado*

EVARISTO CATALÃO

21. *O caes* (Peniche)
22. *Trabalhando para os soldados* ..
23. *Estudos*

GUILHERME TEIXEIRA

24. *O fadista*
25. *Estudo de mulher*
26. *Só*
27. *O poeta Antonio Bôto*

D. MARIA ALICE MATOS CARNEIRO

28. *Convento de Vilar dos Frades* (A Egreja)
29. *O casaco ás riscas*
30. *Estudo*
31. *Retrato*

JAIME BARATA

32. *Chuva*
33. *Arvores ao sol*

PAULINO MONTES

34. *N. S. da Conceição* (Peniche)
35. *Nazarenas em Peniche*

ALBERTINO GUIMARÃES

36. *Cabeça*

SOUSA MAIA

37. *Croquis*
38. *Croquis*

JOAQUIM COSTA

38. *Bailarina* (Estudo de sanguinea)

* * *

Apreciando as consequencias imediatas desta franca e necessaria iniciativa, nós veremos que, poucos dias volvidos, numa assembleia geral realisada no seio da Sociedade da Rua Barata Salgueiro, se levantou um grito de revolta contra a defeituosa organisação do Jury seleccionador, nomeando-se cumulativamente uma Comissão que a seu cargo tomou conseguir uma remodelação capaz de satisfazer os interesses de cada um dos Artistas — isto dentro de um esboço de plano aprovado logo em seguida ao reconhecimento do justificado protesto contra a *confusão* que acabava de ser realisada, por esse jury de hibrida contextura, — que dos unisonos gritos de desafronta soltados pelos Novos se deduzia.

Não arrogâmos para o «Salão de um grupo de recusados» a maxima gloria da consecussão deste desiderato. Propomos apenas, como verdade que ficará estabelecida sem receios de contesto, que esse «Salão de um grupo de recusados», facilitou, justificou e garantiu antecipadamente o exito dos que dedicaram seus esforços ao aniquilamento de um nucleo de seleccionadores, mestres em bernardice, a toda a hora esganiçado em ancias de bem escolher, mas sempre canhestro, sempre cambão, sempre sediço, sempre zarôlho duma zarolhice tão céguinha, que conseguio a prima obra de organisar uma exposição em que, extraidas as medias, o nivel de tolerancia maxima era muito mais facilmente atingido pelo grupo de recusados que pelo conjuncto dos admitidos. O que é dificil.

E tanto assim que, unanimemente, — e dizemos unanimemente, porque de uma ovelha gafenta que vestiu pele de lobo e deu em querer esfarrifar, com raiva e inveja, uma obra que só tinha o defeito de não se empavezar com o carimbo de gazeta, — unanimemente a Imprensa recebeu com simpatia e elogio o 1.º «Salão de um grupo de recusados» que em Portugal se realisava.

Este unanime elogio da Imprensa diaria, do jornal, — que das poucas Revistas de Arte que por ai ha, ainda não se ouviram os votos, -- não nos comóve, nem muito, nem pouco, porque a verdade nua e crua é que nela não aparece escrevinhando um unico critico de Arte que dentro das regras da boa critica-scientifica, quer literaria, quer artistica, de critico mereça o designativo, e apenas aqui e alem, com mais inteligencia, maior sentido estético, mais serio impressionismo e melhor gramatica, se destaca um ou outro critico que faça critica acceitavel, na certeza de que previamente fica estabelecido que ao dizermos acceitavel, subtendemos de impressão

Se, entretanto, dos informes dos jornaes fizemos cita, foi apenas porque deles se orgulham certos pavões da Sociedade, e com o seu recurso se tem pretendido de ora em vez impugnar o pouco ou muito de merito, anotavel nas obras do «Grupo de Recusados».

Desataviadamente, sem engôdos e sem embofias, falando aquela verdade tão arreceiada que atirou com o *Pierre le Veridique*, do Catulo Mendês para o fundo de um poço, sem contemplações e sem parcialismo, certo é que nos recusados havia mediocre, suficiente, bom, muito bom e otimo, ao passo que na Sociedade se encontravam todos estes graus em ordem crescente, mas, na decrescente se descia ao mau, ao muito mau, ao pessimo, ao intoleravel, ao intragavel e á borracheira-chefe. Vimos lá quadros a badalejarem uma tamanha falencia de recursos quer artisticos quer tecnicos, tão falhos de «unhas», que, se fôra milionario a todos adquirira para crear no meu Palacio a primeira galeria do Bélo-Comico, do Bélo-Tragico, do Bélo-Impossivel, que jamais havia de ver-se; — galeria onde só entrariamos, eu e os meus visitantes, a altas horas da noite, com um realejo tocando qualquer pandega de Offenbach, e um saguim desaustinado atroando o ar de guisos e toques de pandeireta, para em silencio e num val de lagrimas analisarmos os *puêmas* (com *o* não se escrevem tão impudicos, *púêmas*), de cocoras e... ás escuras.

E ainda assim, o horrôr seria enorme.

*

Voltando ao sério resta-nos esclarecer os auctores das tres criticas que, no mesmo jornal, «quer de noite, quer de dia, quer as horas do meio dia», botaram fala condenatoria do «Grupo de Recusados».

No dia imediato ao da Inauguração do «1.º Salão de um grupo de recusados», — a que teimosamente querem chamar grupo de recusados, lêmos no «Seculo» da manhã uma «noticia» de dez ou doze linhas em que se diziam duas grandes mentiras:

1.ª — Que a Exposição se compunha de duas dezenas de quadros.

2.ª — Que entre os artistas expositores dominavam os principiantes.

Seguidamente criticavam-se, em sintese, as obras expostas, classificando-as se não de más, pelo menos de sem interesse.

Vamos a dissecár:

Nem uma só das obras referidas no cataloga que já ficou inscrito no côrpo desa resenha de factos relativos ao «1.º Salão de um grupo de recusados» deixou de ser exposta. As que ali se catalogam, lá estiveram patentes á analise do publico. Não que nos preocupe a força do numero, que isso è bom para os asnos que só da maioria bebem salvatorio; mas como se fez referencia devreciativamente ás «duas dezenas», como se «serem poucos» impedisse que «fossem bons», fica feita correcção á trapalhice que a miopia do *analista* provocou.

E está-nos na mão a primeira impressão digital, para averiguarmos da identidade do cronista, sabio jornalista, ou simples reportér que num português que é duro como rocha, desceu ás funcções de um fraco «informadôr».

Passêmos á 2.ª pêta: predominio dos principiantes.

Esta enxacôquice mal merece discurso, pois vem hervada de um tão Junior veneno que o mais que faz é desinteria.

Ora adeus!

Pois serão principiantes o Alberto de Lacerda, já medalhado, já expositor no Panamá Pacipico, já de curso findo e com bem altas classificações, não sei ha quantos anos, e de uma obra tão vasta que não ha ninguem, absolutamente ninguem, que entre nas meias-tintas da Arte, que se não habitue a considerar e a respeitar o seu nome valioso e honrado como de um dos mais aptos desenhadôres e pintôres «não velhos», de Portugal»?

E o Sousa Maia, — de quem o mesmo é mistér dizer-se?

E o Catalão?

Depois, ainda alunos, mas já *feitissimos*, o Fernando dos Santos, o Albertino Guimarães, o Paulino Montez, o Jaime Barata, — os dois ultimos formando com Leitão de Barros a trindade dos mais fortes aguarelistas portuguêses de todos os tempos; — todos tão dispares nos seus processos, mas tão emancipados de preponderancias de mestres que se vão continuando nos discipulos e vão creando Artistas novos; todos tão originaes, tão proprios, tão independentes dentro de sua tecnica, porque a si mesmo se fizeram, não foram «*á mestra*» nem com este nem com aquele, e apenas amigavel e mutuamente se incitaram na estrada que os levou a um meio triunfo, quando ainda longe de atingir a meia edade se encontram?

Por Deus! Só não compreênde isto quem fôr tão calhau, tão rocha, tão granito no bestunto e miope no entendimento que de todo em todo seja incapaz de percebêr que a justiça na apreciação deve dominar todos os instinctos de amizade, esquecendo ou menosprezando, todos os recados e açulamentos, quem quér que seja dêles ordenante.

Quasi um mêz volvido, *João Verdades* — que é como quem diz Tito Martins, — bota nova fala, mas reincide no engano, — porque só engano poderia sêr o de um homem já meio vélho e com graves responsabilidades na vida literaria e artistica do País, porque cairam em moda os seus *sueltos* das «Informações». Rectifica o erro do «informadôr» de principio, acertando nas contas dos quadros, — mas faz-se éco de uma falsa informação, lamentabilissima: a de que os organisadôres do «Salão de um grupo de recusados» (não foi assim que o designou mas, mais amplamente, como «Salão dos Recusados»), se organisaram por sua vêz em jury e excluiram obras varias. O que atrás ficou dicto, cabalmente demonstra que se não deu a mais pequena exclusão; o que se fêz, partiu de um grupo de «amigos», — passe o termo, — que de comum accordo realisam uma obra que lhes é particular. Modestamente, por isso mesmo, não se cansam de indicar «que são um grupo»; mas as velhas alcoviteiras desta terra de malas-artes impõem que sejam generalidade e, coscovilhando, levam ao erro quem malprecatado ande. Foi, iamos jural'o, — o caso de Tito Martins, digo, *João Verdades*.

Feita a competente vénia e salvas as devidas distancias, — se assim o entendêrem, — o «Salão de um grupo de recusados», áparte a particularidade de representar uma atitude de platonico protesto, é, na sua formação heterogenea, constituitivamente irmão dessa formosa «Exposição do Ar Livre» em que Mestre Reis, filho e alguns discipulos mais, se reunem para em comunhão expôrem seus trabalhos. E nem por isso são acusados, — e porquê?, — de se organizarem em Jury e excluir quem quer que seja.

Ainda neste *suelto* nega-se João Verdades, digo, Tito Martins, a contar um dos quadros expostos por Alberto de Lacerda, em razão de ser todo negro.

Ora este trabalho tem sua historia. Ei-la: Adriano Costa, o pintor Adriano Costa, antigo discipulo de Carlos Reis, Artista consagrado e cujos meritos não podem ser facilmente negados, ainda que o critico seja dos que veem com bacamarte á estrada, pediu a Alberto de Lacerda um dos seus trabalhos, pedido que este atendeu convidando-o a escolher dentre os muitos que tinha aquele que mais lhe agradasse. Adriano Costa, foi, viu, analisou detidamente e preferiu positivamente aquele que o senhor Tito Martins, (João Verdades) se negou a contar porque dis... nada viu.

Claro que isto de visão é uma coisa relativa. Ha quem veja pouco, veja muito e não veja mesmo nada. Na critica d'arte em Portugal, o frequente, até, é não se ver nada, absolutamente coisa nenhuma. O que nem sempre se nos deparam, são creaturas que francamente confessem as suas impressões.

A historia do rei, da camisa magica e do gaiato, — tudo lá vem na Fabula, — repete-se dia a dia. Infelismente, porem, nesta altura, quere-me parecer que o sr. Tito é um dos que estavam entre a multidão.

Imparcialmente, temos de reconhecer-lhe uma atenuante: a luz da sala, que sendo das melhores que para exposições por ai se encontram, ainda era sofrivelmente má; a propria colocação do quadro, prejudicava-o gravemente, dificultando a sua visão.

E passemos adeante.

Informam-me de que no «Seculo da noite» o senhor Mario Salgueiro disse tambem de sua justiça, anatematisando o «grupo de recusados». Francamente confesso que não li, nem lerei, porque coisas dessas lidas á noite, oiço dizer que provocam *chichis* na cama e, — com alegria o digo, — até hoje não me reconheci tão grandemente assustadiço, que não conseguisse «vedar as aguas» devidamente, — como diz o nosso Povo, — e receio cair no máu séstro.

De resto se o que o Poeta afirma é do mesmo quilate daquilo que escreveu ultimamente sobre o pintor e nosso antigo director Navarro da Costa, (que eu li... sem acordar molhado) — garanto-lhe que não tem resposta.

O homem, o Poeta (aquilo só de Poeta, de romantico mal abeberado) que tal escreveu, ou arma do artigo tumba em que *per omnia saecula* se reserve das olhadelas do vulgo etudito e não erudito, ou

então descae para todo o sempre do respeito dos seus concidadãos e antigos companheiros nas lides artisticas. Nem mais, nem menos.

Eu quero arquivar aqui os despauterios do Poeta para os imortalisar á maneira de papagaio: embalsamados.

Imagine-se, ou por outra não se imagine, visto que o cerebro não é tão inquebravel que se não rache em taes bolandas; — saiba-se, que, em ar de dogma, este frade eivado de disciplinas escolasticas afirmou que, á mingua de pintores novos portuguêses, tivemos de importar do Brazil o ai! Jesus do nosso Navarro da Costa que veio ensinar ao Mundo e a Portugal, mais restrictamente, como se pinta, como se sente, como se é Artista e Pintor.

Por cá vivia-se numa frandulagem pacovia e franciscana em pobreza. Eramos, salvo seja, — uns... alarves. Ha muito tudo deixára de... marchar como galinha. Navarro chegou, olhou, pintou e ensinou. Sem ele a nossa Arte viveria reduzida a seis duzias de pintores de taboletas e quatro mediocridades paisagistas. Isto não falando dos Velhos, especialisando apenas os Novos, os companheiros da geração deste Salgueiro, que nos avatares transmudou e deu em ter um ár de cipreste.

«Má raios»...,— como diz e com a entoação com que o diz, aquela dama que faz a rabula da Marianéla. — Os Novos, que agradeçam ao sr. Salgueiro. E todos os que vivem de perto, ou de longe, com assuntos relativos a questões de Arte, quer novos, quer velhos, quer pre-historicos que meditem na justiça que reside nas afirmativas deste homem, que tão pouco de tudo *isso* manifesta conhecer, que com tamanha embofia dogmatisa e que tem apenas o merito de citar espanhol em versinhos.

Mas não n'o tem todo.

Saca de ganas salerosas e afirma que com azul por cima e verde por baixo, está feita a paisagem... como entre nós se compreênde. A verde, mas por cima e por baixo, resumam os seus «apontamentos criticos». E quanto ao espanhol, fique-se lá com esta, que é mais geitosa do que a cita a que se aferrou desatinadamente. Imagine que ha por lá quem escreva e faça cantar que

> Un hombre, que escribe . escribe ..
> Con sus piés, ton malamente...
> Non es hombre, non és nada:
> Es bicho en forma de gente.

Em quem demonio pensaria o poeta, ao apontar ao mundo este *specimen* de um escritor. . pedestre.

Nanja em nós, que novos somos, e que ao chegar á terra até os proprios... pedestres, organisados em «sindicato», viemos encontrar.

E quanto ao mais .. biscas.

* * *

Está feita a justificação do «1.º Salão de um grupo de recusados», levado a efeito em Portugal.

A. BUSTORFF.

P. S. — Já depois de composto e paginado este artigo, alguem que dos seus intentos antecipadamente teve conhecimento, envia-me um papel anonimo em que se escarafuncham detalhes particulares da vida burocratica, ou intima de alguns dos individuos a que faço referencias. Esta babugem de infamia, apenas deslustra quem sornamente arma com ela *cuchila* e me convida a maneja-l'a em ar de fantoche. Para malandrice é excessiva e .. faz vomitos. O que ha de particular na vida dos escritores só a eles pertence e interessa; publica-lo é mais que sujo. E como é esta a unica forma de avisar o franchinote do anonimato, aqui fica arquivado o aviso.

Ao papel demos-lhe o mais civico destino; aos dizeres esquecemo-l'os, porque, na sua biltre insignificancia só o esquecimento os salva. Pensámos mesmo em inutilizar quanto se havia escrito; mas porque só com afirmações publicas dos referidos escritores colide, foi poupado. De resto, dentro desta secção, como em toda esta Revista, em redor da vida particular de quem quer que seja e dos mais infimos detalhes que com ela se relacionem, ha aquela grade em que falava o Camilo ao referir-se ao coval do seu professor primario, e que vedava o acésso... aos cães.

Disse.

A. B.

Notas do mês

Dr. Rodrigo Afonso Alves de Sousa



A *Alma Nova* associa-se á dôr que enluta o coração da familia deste ilustre clinico, e registando só agora a noticia da sua morte, com intima saudade quere, no entanto, salientar ainda, d'entre os lidimos predicados de inteligencia e caracter de que ele era dotado, a amizade e admiração que sempre manteve pela ascensão do nosso Esforço.

Nascido e educado em Coimbra, — embora passasse em Lisboa todo o descuidado periodo daquela idade que vae das primeiras passadinhas incertas aos ultimos calções curtos, — ali nascido e educado, o Dr. Alves de Sousa, regressando de novo a Lisboa, em 1912, não trouxe da «cidade do Mondego» sómente as cartas de bacharel em Filosofia e Medicina, mas uma *alma*, sobretudo, a alma que todos de lá trazem, quando como ele sabem ser inteligentes e patriotas.

Foi na sua alegre e artistica vivenda, hoje tão triste, tão monotona, da Rua da Junqueira, que a *Alma Nova* o foi encontrar pela primeira vez, ha quase dois anos. Como ele sabia, então, confiar na esperança dos Novos, e ser tambem Novo, com Eles!

Esta derradeira homenagem não é bem o ilogio da sua memoria amiga, é o sentir de quantos o conheceram e estimaram, de quantos ele socorreu com os recursos do seu saber.

Sacadura Cabral

Por um acrescimo de trabalho nas suas lides escolares e jornalisticas, abandonou ha algum tempo a redacção da *Alma Nova*, Sacadura Cabral a quem sempre nos ligaram as melhores relações de amisade.

Lamentando a sua temporaria ausencia, fazemos votos para que em breve de novo o tenhamos entre nós.

FIM DO II.º VOL. — (ANO II)

Biblioteca da ALMA NOVA

EDIÇÕES

Prece ao vento, 1915 — Mateus Moreno	$10
Etnografia artistica — *I. Uma corna alemtejana* (separata), 1916 — J. Leite de Vasconcellos	
II. Apetrechos de meia, idem, 1917, idem	
Perfis (separata), 1917 — José Rebelo	
Minha Patria, 1917 — Mateus Moreno	$40
Odes de Anacreonte, 1917 — Luiz Calado Nunes	$50
Cantigas, 1917 — José Rebelo	$30
III. A linguagem dos gestos (separata), 1918 — J. Leite de Vasconcellos	
De Portugal á Flandres, 1918 — Mateus Moreno	$30

A' venda na redacção da ALMA NOVA e em todas as livrarias

DE PORTUGAL A' FLANDRES

POR MATEUS MORENO

(Cinco cartas de guerra a cinco companheiros de lutas)

Com ilustrações

Preço $30

MINHA PATRIA

(POEMAS)

POR MATEUS MORENO

«Em toda a «Minha Patria» fulge um sentimento nobilissimo, expresso por vezes com uma impecabilidade e beleza notavel. E' um livro são e belo, grande e util.»

Cruz Magalhães.

Capa de Eduardo Romero

2.ª edição, ilustrada, no prelo

ODES DE ANACREONTE

TRADUZIDAS POR

LUIS CALADO NUNES

Com duas *Odes autenticas* do velho-folgasão de Teos.

Capa de Saavedra Machado

Preço $50

CANTIGAS

POR JOSÉ REBELO

«Delicado volume de quadras, onde se ama, tem esperanças, sonha — e é Poeta.

Preço $30

Casa VENTURA ABRANTES
(LIVRARIA EDITORA)
80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa
Telefone 270

Livraria, tipografia, encadernação, Fotogravuras, assinaturas, leilões e Desenhos de capas e ilustração por
SAAVEDRA MACHADO

Livraria das Novidades
DE
ANTONIO DOS SANTOS CAPELA
Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos nacionaes e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em BILHETES POSTAIS

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. *Encadernações a preços modicos.*

Agente das principaes casas de LISBOA
Depositario da ALMA NOVA, em Faro

SEMENTES
Hortaliças, flores, arvoredo, cereais, pastos, etc.
Pedidos a Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos



105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Fabrica Industrial 1.º de Maio
SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE
MANUEL CARVALHO
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186 — FARO

Construcção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genefo a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia ❁ Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica

PELO ALGARVE

O proximo numero da ALMA NOVA, que já se encontra no prelo, iniciará, entre outras secções de **Ressurgimento Intelectual e Artistico**, uma que particularmente interessa ao **Ressurgimento do Algarve** e que está confiada aos mais considerados vultos intelectuais da formosissima provincia.